UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e
Participação Política

PAULO RICARDO BETENCOURT

**Memórias dos *Cacerolazos*: cartografia de forças
não sonoras se tornando sonoras**

SÃO PAULO

2014

PAULO RICARDO BETENCOURT

**Memórias dos *Cacerolazos*: cartografia de forças
não sonoras se tornando sonoras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 13 de março de 2014. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientador(a) :

Prof.a) Dr.(a) Soraia Ansara

SÃO PAULO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Biblioteca
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo

Betencourt, Paulo Ricardo

Memórias dos *Cacerolazos* : cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras / Paulo Ricardo Betencourt ; orientadora, Soraia Ansara. – São Paulo, 2014.

160 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2014.

Versão corrigida.

1. Movimentos sociais. 2. Movimentos sociais urbanos – Buenos Aires - Santiago. 3. Som (Música) – Instrumentos - Impactos sociais. 4. Memória coletiva. 5. Participação política – Buenos Aires – Santiago. 6. *Cacerolazos*. I. Ansara, Soraia, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 303.484

FOLHA DE APROVAÇÃO

BETENCOURT, Paulo Ricardo

Memórias dos *Cacerolazos*: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientador(a) :

Prof. (a) Dr.(a) Soraia Ansara

Aprovado em: 13/03/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dra. Soraia Ansara (orientadora)

Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP)

Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política EACH/USP

Prof(a). Dra. Elizabete Franco Cruz

Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP)

Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política EACH/USP

Prof(a). Dra. Marília Aparecida Muylaert

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências e Letras de Assis,

Departamento de Psicologia Clínica. UNESP ASSIS

À todos que se constituem em novos modos de existência, de invenção, de escutas e de novas possibilidades de vida, que dizem não a existência como sujeito, mas se tecem como obra de arte. Àqueles que inventam modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber; que não permitem que os modos de existência, resistência, participação ou possibilidades de mudança se esvaziem ou cessem.

Agradeço...

Primeiramente à vida que pulsa! Ao Deus sempre imanente, potência de viver que me mobiliza e me conduz a uma escuta sensível para compor bons encontros;

Aos meus queridos pais e a minha família pelos momentos de compreensão e de apoio em todos os meus percursos;

À professora e amiga, Dra. Soraia Ansara, pelos momentos de grande paciência e confiança para que este trabalho chegasse ao fim. A sua escuta me basta!;

Aos encontros entre os Chilenos e Argentinos, foi lindo aprender com vocês! Obrigado pela paciência e pelas intensas memórias compartilhadas;

À minha mestre e amiga, Lilian Engelmann Coelho, pelos incentivos e escutas sempre atentas aos meus anseios, por ter permitido a mim um encontro tão singular e potente com a vida;

A cada mestre que se fez amigo em minha caminhada, possibilitando vislumbrar a vida como Obra de Arte. Em especial a querida Marília Muijlaert e Elizabete Franco;

A cada mestre, mesmo os não acadêmicos, que se fizeram amigos em minha caminhada, possibilitando vislumbrar outras possibilidades de se viver. Em especial, um muito obrigado, ao querido Amauri Ferreira por sua generosidade;

Aos meus amigos, que se fazem presentes em momentos difíceis e me fazem sorrir. Especialmente a você querida Priscila Tamis, pelo sorriso que me cativa e me faz querer dar as mãos e seguir compondo contigo. Só de te encontrar neste percurso, já valeu a pena!;

À Laura Ribaz Hernández e Lissa F. Lansky pelo zelo e carinho de fazer de meus encontros na Argentina e Chile escritos intensos;

Ao Centro de Referência do Idoso (CRINorte), e ao parceiro e amigo Diego Miguel que se fizeram sensíveis para que tal sonho fosse viabilizado;

Aos grupos de pesquisa, aos amigos ali conquistados e à Universidade de São Paulo (USP- EACH), por me conceder rica oportunidade de aprendizado e desenvolvimento humano;

Enfim, a cada um que se permite em experiências da vida, que permitem escutar a si mesmos e ao mundo num processo afirmativo e intenso.

“Então, se a arte não é produzida pelas faculdades do sujeito, mas é produzida pelo pensamento, é preciso que o sujeito humano invente dentro dele um instrumento para quebrar o sujeito humano que domina a vida dele. Ou seja, quebrar o eu pessoal, quebrar o sujeito que nós somos para deixar que o pensamento surja e o pensamento vai lidar com uma matéria caótica e dessa matéria caótica o pensamento vai inventar novos mundos, novas regiões, novos afetos, novas linhas, novas vidas. Então, a arte seria a única maneira que nós teríamos de escapar do sufocamento da vida que vivemos”.

CLAÚDIO ULPIANO

Resumo

BETENCOURT, Paulo Ricardo. **Memórias dos Cacerolazos: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras**. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Versão corrigida.

Os *cacerolazos* surgidos em meados de 1971 no Chile, que se espalharam posteriormente por toda a América do Sul, se configuram como ações coletivas que agenciam múltiplas formas de expressão sonoras a favor das lutas de um povo. Em sua maioria, os participantes de tais ações se utilizam de diversos tipos de panelas e/ou utensílios domésticos para produzir um território rico e de alta intensidade e complexidade sonora. A pesquisa: “*Memórias dos Cacerolazos: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras*” tem como propósito tecer uma cartografia a partir de relatos, depoimentos e vivências acerca dos *cacerolazos* que aconteceram em Buenos Aires (2001) e Santiago do Chile (2011). Pretende-se fazer um caminhar nômade, de uma análise fluída que escuta a vida; isto é, compreender através da escuta os sentidos produzidos por aqueles que participaram destas ações. Tais encontros permitem colocar corpos em movimentos e assim criar e possibilitar a efetuação de novos territórios que se dão nos deslocamentos destas forças e fluxos. São memórias como *acontecimento*, que emergem e se desdobram a partir de forças não sonoras e que permitem pensar numa memória a partir de uma escuta da diferença. A pesquisa lança mão de conceitos fundamentais para se pensar o tempo do acontecimento; do tempo *Aíon*. Um tempo que não é o tempo das medidas e dos relógios, mas um tempo incorpóreo que permite que cada indivíduo entre neste constante produzir-se e assim permita que os hábitos e as memórias se articulem num devir inventivo: produtor de novos tempos e de novos modos de se viver a cada instante. Deste modo pode-se vislumbrar novas maneiras de se fazer política a partir de memórias que não são estanques, mais inventivas e produtoras de novas realidades.

Palavras-chave: *Cacerolazos*. Memória. Acontecimento. Agenciamentos coletivos. Territórios sonoros. Escuta. Participação política.

Abstract

BETENCOURT, Paulo Ricardo. **Memories of Cacerolazos: cartography of non sonic forces becoming sonic**. 2014. 160f. Dissertation (Master's degree) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

The *cacerolazos*, originated in mid-1971 in Chile, which later spread throughout South America, are collective actions promoting multiple forms of sonic expression in favor of a people's fight. Mostly, the participants of such actions use various types of cookware and/or household items to produce a rich territory of high intensity and complexity sounding. The research "*Memories of Cacerolazos: cartography of non sonic forces becoming sonic*" aims to weave a mapping through reports, statements and experiences about *cacerolazos* that happened in Buenos Aires and Chile in 2011. It seeks to wander, from a fluid analysis that listens life; i.e., to comprehend through hearing the meanings produced for those who participate in these actions. Such meetings allow bodies to be put in movement, creating and enabling the effectuation of new territories that occurs at offsets of these forces and flows. Those meetings are memories as events, emerging and unfolding from non sonic forces, that enable considering a memory from a listening of difference. This research makes use of fundamental concepts to ponder the time of the event; the *Aíon* time. A time that is not the time from measurements and watches, but an incorporeal time that allows each individual to enter this constant becoming and thus allow the habits and memories being articulated in a inventive becoming: producer of new times and new ways of living every moment. Therefore one can envision new ways of doing politics from memories that are not watertight, but more inventive and producer of new realities.

Keywords: Cacerolazos. Memory. Event. Collective promoting. Sonic territories. Listening. Political participation.

SUMÁRIO

PRELÚDIO	10
1 CACEROLAZOS E SUAS RESSONÂNCIAS PELA HISTÓRIA	19
Os <i>cacerolazos</i> da Classe Trabalhadora (1982-1983)	24
Primeira Consolidação de uma Aliança (1986-1990)	25
Os <i>cacerolazos</i> da pequena Burguesia (1996 –2001)	28
1.1 O GRANDE “EL CACEROLAZO” ARGENTINO	30
1.2 OS CACEROLAZOS RESSURGEM NO CHILE	32
1.3 RESSONÂNCIAS PELO MUNDO	36
2 INSTRUMENTOS CONCEITUAIS PARA SE PENSAR OS CACEROLAZOS	38
Filosofia da Diferença	39
<i>Cacerolazos</i> : micropolíticas e processos de subjetivação	41
Implicações do campo de produção sonora dos <i>Cacerolazos</i>	46
Territórios sonoros	49
3 MEMÓRIA COMO ACONTECIMENTO	60
3.1 O TEMPO DO ACONTECIMENTO	62
3.2 AS SINTESES DO TEMPO EM DELEUZE	68
3.3 AS DOBRAS DA MEMÓRIA	74
3.4 MEMÓRIAS E AGENCIAMENTOS COLETIVOS	78
4 A CARTOGRAFIA COMO PERCURSO METODOLÓGICO	84
5 O COLETIVO DE FORÇAS NAS EXPERIÊNCIAS DOS CACEROLAZOS ----	97
5.1 FORÇAS NÃO SONORAS SE TORNANDO SONORAS	104
5.2 A RUA COMO CAMPO VÁLIDO DE EXPERIÊNCIA	114
5.3 OS CACEROLAZOS CRIANDO FISSURAS DE ESPAÇO-TEMPO	119
5.4 MEMÓRIAS POTENCIALIZADAS PELA ESCUTA	124
Escutas como textura	126
A escuta como figura	128
A escuta como gesto	131
Por uma escuta da Diferença	132
5.5 POTÊNCIA SONORA DE MICRO-RESISTÊNCIAS	135
POSLÚDIO	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
APÊNDICES	157
APÊNDICE I	157
APÊNDICE II	159

PRELÚDIO

Partitura que ilustra a introdução ("Rizoma").¹

Os espaços urbanos o qual estabelecemos contato são atravessados por tramas sonoras que se mesclam em nossas experiências corpóreas e incorpóreas. Tanto os espaços públicos quanto os privados são uma composição polifônica em constante transformação. Tais transformações não deixam de ser efetuações dos múltiplos encontros e agenciamentos pelos quais as sociedades vêm se compondo ao longo dos séculos.

Neste sentido, a vida humana, em seus diversos agenciamentos que a compõem, passou e têm passado por diversas mudanças no decorrer dos séculos. Antes o que se apresentava como algo muito limitado e inalcançável pelas barreiras e imposições das relações de espaço e tempo, hoje, cada vez mais, se revela acessível e mais próximo de nós. As espacialidades e temporalidades parecem ter perdido suas linearidades, medidas e direção única, apresentando-se em camadas, bifurcações e redes por todos os lados, criando novos sentidos, nova circulação de ideias e pensamentos.

No âmbito das relações contemporâneas, o rompimento de barreiras, sejam elas físicas, econômicas, políticas, sociais, culturais e ideológicas, parece não ter mais limites. Milton Santos (1994) nos aponta que as grandes navegações iniciadas

¹ Partitura que ilustra a introdução ("Rizoma") da obra Mil platôs leva o subtítulo Capitalismo e Esquizofrenia, que também constava de O Anti-Édipo. Em português, plateau correspondem a "platôs": são os pontos mais altos que se destacam numa superfície geológica. Para os autores, o termo corresponde a "zonas de intensidade contínua". Utilizo esta imagem para ilustrar as zonas sonoras intensas dos *cacerolazos*. Disponível em: < <http://www.operaprima.art.br/blog/?tag=guattari> > Acesso em: 25/11/2013.

a partir do século XV, com as relações mercantilistas, nos remontam a inícios de agenciamentos que tenderiam às últimas consequências globais no momento em que vivemos.

Nesta perspectiva, os espaços ganham cada vez mais porosidades e tudo o que acontece num âmbito global acaba tendo claras evidências, ressonâncias e coexistência num âmbito mais local, ou seja, nas relações que estabelecemos na cidade, ou em nosso cotidiano. Com isso, os espaços ganharam nova dimensão, novas direções, novas espessuras e também novos territórios sonoros, com profundidades e camadas que fazem coexistir diversas temporalidades e acontecimentos. As cidades em suas microestruturas passaram a ser o local onde se faz sentir toda e qualquer mudança e impacto nas relações de produção, distribuição e consumo, produzindo-se, desta maneira, imbricadas nas novas relações de tempo-espaço. É na cidade que se materializam tais dissonâncias e assimetrias propostas por estas novas maneiras de gerir a vida.

Esta centrífuga de ideias, por meio das novas percepções temporais, permitiu um enorme e crescente movimento de intersecções de conhecimentos e, com isso, uma crescente proliferação de discussões numa perspectiva que emerge nos múltiplos agenciamentos coletivos.

À vista disso, diversos movimentos sociais e ações coletivas surgem e multiplicam-se numa possibilidade de atuação que privilegia a vida enquanto potência e, por conseguinte, as memórias, no campo do sensível, passam a ser consideradas elementos de grande valor na produção de singularidades. São práticas e expressões que articulam atuações ético-estético-políticas, num movimento constante que considera a vida em suas processualidades.

Tais ações se dão no campo das micropolíticas que priorizam os processos de singularização, primando pela cultura, uma vez que estas formas de atuação sempre consideram o plano molecular. Tais ações são movimentos que defendem a autonomia, se fazendo no plano da sociedade civil como força vital, tensionando o poder do Estado e dos governos e, assim, enfatizando que estes movimentos sociais, livres e descentralizados, não devem se diluir no interior dos aparelhos do Estado (GUATTARI, 2012[b]).

A partir destas percepções e interações intensas, surge o interesse em compreender e estudar melhor os *cacero/azos* como maneiras potentes de pensar política e compor a vida.

Os *cacerolazos* surgidos em meados de 1971 no Chile, e espalhados posteriormente pela América do Sul, se configuram como ações coletivas que aglutinam múltiplas formas de expressão sonoras a favor das lutas de um povo. Em sua maioria, os participantes de tais ações se utilizam de diversos tipos de painéis e/ou utensílios domésticos para produzir um território rico e de alta intensidade e complexidade sonora. Estes encontros permitem colocar corpos em movimento e, assim, criar e possibilitar a efetuação de novos territórios que se dão nos deslocamentos destas forças e fluxos.

A ideia de dar visibilidade e audibilidade ao intenso território sonoro proposto pelos *cacerolazos* partiu das andanças cotidianas ao longo de minha vida e também dos olhares e escutas de minhas vivências diárias. Estas experiências têm sido vivenciadas nos diferentes espaços e lugares por meio de uma escuta mais atenta, isto é, uma escuta porosa que permite o encontro nas relações mais diversas da cidade e dos espaços comunitários (ruas, bairros, associações, instituições, etc). Partem também da minha atuação como musicoterapeuta² numa abordagem comunitária e política desde o ano de 2004, na prática de escuta dos sons, das histórias cantadas e das memórias despertadas por meio da arte, e de como esta pode gerar potenciais em torno de novos territórios que compõem as sociedades e grupos contemporâneos.

Portanto, foi o intensivo sonoro destes acontecimentos que me levou a pensar as memórias dos *cacerolazos* a partir dos aspectos sonoros que tal movimento agencia, considerando territórios sonoros como maneiras de criação e efetuação de expressão da própria vida que acaba sendo uma maneira de se fazer política.

Diante deste contexto extremamente mobilizador, tais experiências me conduziram a entrar neste percurso de estudos, e assim pude apresentar em 2010, o que seria um prelúdio deste. Naquela ocasião, apresentamos uma pesquisa monográfica na Universidade de São Paulo/EACH-USP, intitulada “*Memórias Sonoras: micropolíticas de resistência e participação*”. Esta pesquisa se configurou num estudo teórico com uma revisão bibliográfica do movimento dos *cacerolazos*, no

² Profissional habilitado para exercer a Musicoterapia, que “é a aplicação científica do som, da música e do movimento que através da escuta, do treinamento e da execução de sons instrumentais, contribui para a integração de aspectos cognitivos, afetivos e motores, desenvolvendo a consciência e fortalecendo o processo criativo. Os objetivos da musicoterapia são: 1-Facilitar o processo de comunicação 2-Promover a expressão individual e 3-Melhorar a integração social.” (DEL CAMPO, 1993 apud BRUSCIA, 2000, p.275).

qual procurei compreender e apreender os múltiplos sentidos das forças que se efetuam sonoramente neste movimento.

Para tanto, realizamos um levantamento de elementos percebidos em artigos, vídeos e imagens que versam sobre os *cacerolazos*, principalmente nos casos argentino e chileno. Tal estudo produziu tantas indagações e desejos que me levou a continuar pesquisando este movimento, agora *in loco*, buscando compreender melhor alguns acontecimentos que envolveram e envolvem os *cacerolazos*. O intuito é compreender as produções destas apreensões, a partir de uma escuta sensível dos relatos, e perceber o quanto as memórias dos *cacerolazos* se produzem enquanto ferramentas ético-estético-políticas, permitindo, desta maneira, acompanhar os devires e processos de singularização, sobretudo nas lutas da Argentina em 2001 e nas lutas também de Santiago do Chile em 2011.

A pesquisa teve como elemento disparador indagações que foram norteadoras e deram algumas pistas para o presente estudo. Algumas perguntas foram fundamentais neste processo:

Será que é possível pensar nos *cacerolazos* como ações que fizeram ou ainda fazem emergir múltiplos sentidos e que carregam em si uma potência que é rico fluxo de forças para a invenção de si mesmo e, conseqüentemente, propulsor na invenção de novas democracias em seus jeitos de resistência, participação e efetuação de novos mundos, modos de se viver e de se fazer política? É possível vislumbrar os *cacerolazos*, em seus complexos sonoros, como uma política do acontecimento que considera questões ético-estético-políticas?

Para tanto, a pesquisa “Memórias dos *Cacerolazos*: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras” lança mão de conceitos fundamentais para se pensar o tempo do acontecimento; do tempo Aíon. Um tempo que não é o tempo das medidas e dos relógios, mas um tempo incorpóreo que permite que cada indivíduo entre neste constante produzir-se e assim permita que os hábitos e as memórias se articulem num devir inventivo, produtor de novos tempos e de novos modos de se viver a cada instante. Ao longo deste estudo, usaremos conceitos primordiais para o entendimento dos *cacerolazos* e da memória como acontecimento. Os principais conceitos utilizados neste trabalho e que se articulam com a memória vista por esta perspectiva são: acontecimento, tempo *aion*, dobra, agenciamentos coletivos, ritornelo, escuta e sínteses do tempo em Deleuze.

Ao abordar sobre as sínteses das memórias para se fundar a realidade vivida,

Deleuze (2006) nos aponta que podemos expressar uma memória que é capaz de manifestar acontecimentos que nunca estiveram presentes - como se pudéssemos realizar um salto do presente ao passado. Desta forma, este estudo propõe pensar as temporalidades de forma criativa, apontando sempre novos sentidos que não lidam com o antigo presente, mas que entram em contato com o *passado puro*, com os ritmos da memória em seu desenrolar constante para, a partir disso, pensar o tempo inventivo.

Para Deleuze (2006), o presente não cessa de passar, o passado não cessa de ser e é através do passado que todos os presentes passam; se não fosse assim o passado jamais se constituiria. Bergson concluirá, assim, pela necessidade de haver um *passado puro* - não um passado derivado do presente, mas um passado que é suposto por ele como condição sem a qual ele não passaria.

A partir do primeiro capítulo vamos abordar os fatos e contextos históricos que envolveram e ainda envolvem os *cacerolazos ocurridos* a partir da década de 70, em países da América do Sul, sobretudo dos ocurridos na Argentina (2001) e Chile (2011), onde se verifica uma participação mais horizontal, e menos partidária da população, aglutinando uma multiplicidade de desejos e sentidos. Este capítulo tem por objetivo uma apresentação sobre as ações deste movimento e permitir o entendimento sobre os fatos em que se pode verificar a presença do intensivo território sonoro dos *cacerolazos* em seus deslocamentos. Poderemos verificar que os *cacerolazos*, sejam em reivindicações tidas de esquerda, de direita ou mais horizontais, são ações que apontam para seu caráter singular e que expressa o intensivo bloco sonoro de forças não sonoras que eclodem de forma sonora a favor da vida.

A partir do segundo e terceiro capítulo vamos prosseguir trazendo maior clareza sobre alguns instrumentos conceituais de nossa pesquisa. No segundo capítulo apresentamos os aspectos referentes à Filosofia da Diferença e sobre os processos de subjetivação e micropolíticos dos *cacerolazos*. Neste capítulo também procuramos pensar sobre os *ritornelos* e territórios sonoros em que são engendrados os *cacerolazos*.

No terceiro capítulo vamos dar ênfase aos aspectos conceituais para se pensar a memória como acontecimento e a partir disso pensar nos aspectos das

*dobras*³ e *agenciamentos coletivos* que estas produzem.

Ao estudarmos a memória percebemos a ênfase em se considerar os acontecimentos como fatos lineares e circunscritos a um determinado período histórico. As memórias, ao serem vistas num sentido mais amplo, se configuram numa malha de sentidos permeadas e entrecortadas por imagens, palavras, frases, e sons, num híbrido complexo atemporal em que se processam o pensamento humano, formando territórios especializados, mas ao mesmo tempo moventes. Ao considerar a vida, as memórias fazem *dobras* e redobras e assim criam histórias, manifestações e relações múltiplas de olhares e sentidos que acabam por articular novas formas de participação e resistência política em nosso cotidiano.

A partir do quarto capítulo apresentamos a cartografia como método que permite tecer a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, desconstruindo concepções hegemônicas e dicotômicas sobre o conhecimento. Nessa proposta, o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo. Um estudo que não é neutro nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos pelo pesquisador. (MAIRESSE, 2003)

Assim sendo a pesquisa vai alinhavando uma cartografia das memórias dos *cacerolazos* a partir de relatos, depoimentos e vivências acerca dos *agenciamentos coletivos*, que envolveram e ainda envolvem seu campo sonoro no cotidiano com seus vários aspectos. Pretende-se fazer um caminhar nômade, de uma análise fluída que escuta a vida; isto é, compreender através da escuta os sentidos produzidos/inventados por aqueles que participaram deste devir som e assim tecer uma cartografia das memórias como acontecimento que emergem e se desdobram a partir de forças não sonoras que se tornam sonoras, permitindo pensar numa memória a partir de uma escuta da diferença.

Desta maneira, neste movimento que é proposto pela cartografia, pode-se potencializar memórias que se tecem por extratos sonoros, com todas as suas linhas, seus escapes e cortes *a-significantes*; sejam eles de ordem natural,

³ Este conceito de *dobras* aparecerá no decorrer do trabalho, e será melhor trabalhado no cap.3. Nos remontando a Leibniz, sobre isso Deleuze (2012), nos aponta que o Barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço, que não para de fazer dobras. O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito. Desta maneira o múltiplo não é o que possui somente muitas partes, mas, também tudo o que é dobrado de muitas maneiras (DELEUZE, Guilles. A Dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas-SP: Papirus Editora, 2012[b], p.13-14).

ambiental ou maquínicas, isto é, fabricadas e/ou produzidas pela cultura possibilitando-nos uma produção de memórias que se relacionam com formas de atuação micropolíticas. Isso é fazer emergir uma memória como acontecimento que cria modos inventivos de se resistir e reexistir.

A partir do quinto capítulo mediante os depoimentos obtidos nos encontros da pesquisa de campo em Buenos Aires e Santiago do Chile, colocamos em movimento as forças deste rizoma sonoro e assim realizamos as análises que se deram a partir do método cartográfico que considera objetivismo e subjetivismo como duas faces da mesma moeda. Nas análises podemos vislumbrar os corpos e desejos em constante deslocamento e, assim, por meio dos relatos de experiências, pudemos acompanhar as processualidades e agenciamento de forças não sonoras em torno das produções de memórias que se efetuam nos *cacerolazos*.

Podemos pensar nos *cacerolazos* enquanto ritornelos: repetições e agenciamentos de todas as ordens. São repetições de forças não sonoras que criam cristais de espaço-tempo; isto é, territórios existenciais que eclodem em forças sonoras. Mas são estes mesmos ritornelos, com suas linhas de fuga e bifurcações por todos os lados, que ao mesmo tempo agem para fundar novas relações de ordem e tempo. São as vibrações, as variações, as decomposições, as projeções e transformações necessárias que se produzem em todos os instantes neste movimento de corpos que arrastam os sons e os espalham por todas as ruas e espaços da cidade, acabando por, desta maneira, desterritorializar mundos cristalizados, agindo como uma máquina de guerra a favor da vida.

Se partirmos do próprio nome proposto por tais ações, que nos remete ao campo das sonoridades e que surgem das golpeadas nas panelas, podemos propor que são destas sonoridades produzidas nesta imersão coletiva que se pode pensar na força motriz do movimento. São nestas misturas de corpos e de ideias que se permitem criar novas tessituras e invenção de mundos. São nestes agenciamentos de memórias, que coexistem que podemos vislumbrar forças de acontecimentos singulares que criam inúmeras possibilidades de se criar novos olhares em relação ao cotidiano, à história e aos caminhos até mesmo impossíveis de se viver.

Entrar em contato com as memórias dos *cacerolazos* nos possibilita pensar nos múltiplos, vastos e intrigantes jeitos de se compor a vida em toda a sua riqueza de sentidos.

Neste trajeto, propomos pensar o contexto de produção de memórias a partir

dos *cacerolazos*, que em seu contexto de surgimento até os seus desdobramentos na contemporaneidade, possibilitam sempre criar novos sentidos e forças. Para tanto, nos remetemos às memórias como criação, isto é, memórias que permitem um salto de devir a favor de um futuro inventivo de múltiplas possibilidades que atravessam tais ações. Estas se configurariam como ferramentas que podem ser transformadoras no cenário cotidiano e político do contexto em questão e da própria atualidade.

Diante disso, a pesquisa tem como objetivos trazer uma maior percepção e apreensão desses novos contextos e pensar como estas ações que envolvem as memórias dos *cacerolazos* produziram e ainda produzem novas singularidades possibilitando um engajamento maior de cada um de nós, como autores de mudanças, cortes, perfurações, atravessamentos ou subversões reais em estruturas enrijecidas, nas formas de gerir a vida e criar novas maneiras de se fazer política a partir de memórias que não são estanques, mais inventivas e produtoras de novas realidades.

Os sons dos *cacerolazos*, numa trama de textura sonora, produzem discursos expressivos e singulares de micro-resistências e efetuação de outros mundos. São elementos que eclodem a partir de forças não sonoras, relacionadas a todo um contexto de repressões impostas pela ditadura e pela implantação em massa de políticas neoliberais na América do Sul, a partir de 1990.

Desta maneira, procura-se compreender o movimento como aquele que expressa e produz diversas memórias que se dão por contagio nesta coletividade e são, ao mesmo tempo, singulares.

Entendemos que os aspectos sonoros implicados na questão das memórias, são elementos de aprofundamento e inovadores neste trabalho, pois no geral os estudos sobre os *cacerolazos*, não partem do campo de produção sonora que tais movimentos propõem e desta maneira acabam dando maior ênfase a fatos políticos específicos em torno de cada ação dos *cacerolazos*.

Os *cacerolazos* são movimentos que mobilizam escutas e desterritorializam memórias que se configuram como hegemônicas e modelizadas, a favor de uma polifonia de memórias que são atravessadas por uma rede de signos que permitem vivenciar outro tempo - o tempo puro e vazio dos acontecimentos e dos devires que consideram as multiplicidades e diferenças, produzindo expressões singulares de novos caminhos.

Deste modo, pode se vislumbrar uma reinvenção da democracia, por meio de práticas que geram mudanças significativas em nossas vidas. Mudanças estas que se dão num constante devir a partir de micro-resistências, micropolíticas e micro-revoluções que funcionam como molas propulsoras para ações que atravessam os poderes, e que estão na ordem das macropolíticas.

Entrar em contato com o diferente, com o diverso, não é tarefa fácil, visto que a construção do nosso pensamento ao longo da história continua a ser forjada a conceber a vida de forma linear por um prisma reducionista, engessado e dicotômico. Cabe aos novos atores sócio-políticos romperem com isso e irem além, num movimento que mina os fundamentos hegemônicos ultrapassados e, desta maneira, possibilitar agenciamentos coletivos que pulsam com toda a sua riqueza e multiplicidade de saberes a favor da vida.

1. CACEROLAZOS E SUAS RESSONÂNCIAS PELA HISTÓRIA

Porque a história não se repete, o fato de ela se ocupar exatamente com as variações ligadas à temporalidade é o que faz dela “uma narrativa de acontecimentos”.⁴

Paul Veyne

É surpreendente refletir sobre a potência em que se tornaram os movimentos dos *cacerolazos*, em sua forma de manifestações e reivindicações populares, nos quais as sonoridades que provém das panelas nas últimas décadas se fizeram ouvir pela América do Sul estendendo-se para a Europa e outros lugares.

Os *cacerolazos* ou “*panelaços*” – como são conhecidos no Brasil – são identificados como formas de manifestações e ações coletivas⁵ surgidas de maneiras espontâneas ou não, sendo realizadas por homens, mulheres, jovens e crianças, que tomam as ruas, praças e espaços públicos para protestar, de forma geral pacífica, contra determinadas posições governamentais. A análise *a priori* que fizemos em nossa pesquisa anterior no ano de 2011, nos permitiu perceber que alguns *cacerolazos* ocorreram e ocorrem de forma singular e que os mesmos manifestam grande grau de potência em suas lutas e frente a tantas situações de descontentamento que atravessam a vida. Os estudos e artigos que analisamos nos revelam que alguns deles não ocorreram de forma tão espontânea, mas foram ações propostas e organizadas por associações e lideranças envolvidas nas lutas por demandas de aspectos básicos: saúde, educação, trabalho, entre outros (BETENCOURT, 2011).

Diferentemente de outras manifestações, as sonoridades, isto é, o campo sonoro a qual se insere tais ações, são a forte característica deste movimento, nos quais os manifestantes se utilizam de elementos do cotidiano para produzir os sons. Em geral, são utilizados utensílios domésticos tais como panelas, tampas de panelas, colheres, garfos, escumadeiras, latas de óleo, baldes, entre outros utensílios que são geralmente metálicos, de grande produção sonora e com

⁴ Citação disponível em: VEYNE, Paul. *Comment on Écrit l'Histoire*. Paris: Seuil, 1971.

⁵ Conjunto de práticas sociais que envolvem simultaneamente certo número de indivíduos ou grupos que apresentam características morfológicas similares em contiguidade de tempo e espaço, implicando um campo de relacionamentos sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo” (MELLUCI, 1996, apud GOHN, 2007 .p.154).

qualidades timbrísticas e texturais das mais variadas.

Sabemos que, na maioria das ações coletivas e movimentos sociais diversos, são utilizadas manifestações sonoras como forma de mobilização. Mas o que nos atrai a atenção é o fato de que no movimento dos *cacerolazos* este componente sonoro se torna a grande mola propulsora das ações e suas próprias ações coletivas por serem tão intensivas e singulares, são as que vão agenciar o próprio nome do movimento permitindo o desenrolar de memórias múltiplas e singulares.

Na maioria dos movimentos existentes no Chile e Argentina, principalmente os que deram início ao movimento, observamos uma grande participação das mulheres. Percebemos que, de fato, a utilização destes utensílios domésticos e as próprias sonoridades por eles produzidas, num determinado período, se expressam pela maior experiência e relação que as mulheres estabelecem com tais instrumentos de seu cotidiano, refletindo as forças da vida nas relações que tal grupo expressa. Assim, a sua utilização produz uma rica malha de sentidos e vivências nas escolhas destes instrumentos para a mobilização que faz emergir em sonoridades, forças que estão em fluxos não sonoros.

Para entendermos melhor a dinâmica de organização e expressão das ações coletivas dos *cacerolazos*, apresentamos uma síntese das experiências da América do Sul, identificadas em nosso recente levantamento bibliográfico em 2011, quer sejam artigos específicos, relatos de jornais das épocas específicas a serem descritas, ou ainda em consulta de *sites* diversos e na visualização de alguns vídeos postados *no Youtube*, principalmente do Caso Argentino (2001) ou Chileno (2011).

Alguns *cacerolazos* ocorreram em países como Venezuela, Uruguai, Brasil, e até mesmo em alguns países da Europa. Tivemos ações de grande expressão na Europa, mas a sua maioria ocorreram em suas formas mais isoladas e específicas. Iremos descrevê-los de forma concisa, apenas para inserir os *cacerolazos* neste contexto mais global. Neste estudo cartográfico pretendemos dar maior ênfase aos *cacerolazos* ocorridos na Argentina e Chile, principalmente os de maior expressão ocorridos no final do ano de 2001, na Argentina e, em 2011, no Chile, por se efetuarem como realidades que se conectam diretamente com ações mais antiglobalizantes e de crítica ao neoliberalismo, e que acabaram refletindo diretamente aos aspectos relacionados com o cotidiano local da vida das cidades envolvidas.

Em nosso levantamento bibliográfico, os autores indicam que os primeiros

cacerolazos surgiram no Chile. Em primeiro de dezembro de 1971, um grupo de mulheres do agrupamento chileno – denominado “*Poder Feminino*” – bateu panelas e outros utensílios de cozinha em manifestação contra a situação social e econômica do governo de Salvador Allende. Estas manifestações, durante a ditadura chilena a partir de 1973, se tornaram frequentes em suas formas de manifestação (BOGADO, 2006).

Figura 1 – Cacerolazo contra Allende no Chile, 1971.

Fonte: site MEMORIAS DE LA TIERRA⁶

As manifestações iniciais eram organizadas por meio do “*boca-a-boca*” e estas se estenderam pelo centro de Santiago, capital chilena, tornando-se violentas, com agressões físicas e verbais e com intervenções da polícia.

Nos anos 80, as manifestações chilenas dos *cacerolazos* se tornam difíceis de serem observadas, no que diz respeito às fontes formais de divulgação das informações. No contexto da ditadura militar ficava difícil falar sobre determinados assuntos, o que também impossibilitava o resgate destes recortes históricos ou de memórias. As manifestações eram dirigidas contra a ditadura de Augusto Pinochet, questionando a repressão política, as torturas e os desaparecimentos de militantes. Neste contexto, os *cacerolazos* questionavam toda a crise econômica que o país

⁶ Disponível em: < <http://memoriastierra.blogspot.com.br/2012/06/cacerolazos-puro-humo.html> >
Acesso em: 17/06/211.

atravessava durante este período e também a implantação das políticas neoliberais (BETENCOURT, 2011).

O período em que se concentravam os *cacerolazos* se deu entre 1982 e 1985, período que contempla os anos de ditadura militar chilena (1973-1990). Tais encontros eram chamados de *Jornadas Nacionales de Protesto* e eram convocados pela oposição democrática: formada em sua maioria pela classe trabalhadora e pelos estudantes, em suas relações com os diversos partidos de esquerda existentes naquele momento. Neste período, tais manifestações foram fortemente reprimidas pelo exército.

Posteriormente a este período não identificamos relatos entre 1985-2010 sobre os *cacerolazos* ocorridos no Chile, o que nos permite inferir que tais formas de ações coletivas cessam ou diminuem significativamente no período que contempla os instantes mais democráticos no Chile, ou também porque a população em seu silêncio acaba aderindo de forma mais contundente as práticas modelizadoras e despotencializadoras impostas pelo capitalismo em seus cotidianos, a ponto de não haver relatos precisos sobre tais manifestações até meados de 2011, nas quais tais expressões de forças sonoras se fizeram ouvir novamente, com tanta intensidade em meio à sociedade chilena.

Percorrendo os diversos *cacerolazos* ocorridos em outros países, verificamos que no Uruguai existem poucos relatos, mas que estes são justamente os que ocorreram durante os períodos de ditadura militar (1982-1984) e em 2002 os registros identificam apenas um *cacerolazo* contra o então presidente Jorge Batlle.

Nos anos 90, é a vez do povo venezuelano promover os *cacerolazos* populares saindo às ruas para requerer a renúncia do então presidente Carlos Andrés Pérez. Em 1994, os sons produzidos pelas *cacerolas* chegaram ao segundo governo do presidente Rafael Caldera diante das crises financeiras em relação ao banco latino e outros importantes órgãos financeiros, com retenções de dinheiro.

Entre 2002 e 2004, Hugo Chávez recebe também, em um de seus discursos, os ruídos de *cacerolas* que interrompem o mesmo. Mas elas também soaram ao seu favor, num outro momento, em protesto contra o governo de Pedro Carmona Estanga, que estava no governo após golpe de Estado ocorrido em abril de 2002.

Ao final do ano de 2002, depois que Chávez recupera o poder, se realiza “*El Paro Petrolero*” contra o governo, e novamente se escuta o soar forte das *cacerolas* em todas as partes da cidade, chegando a se tornar um meio de manifestação diária

com apoio dos organizadores.

Outros *cacerolazos* foram realizados pelo povo e se sucederam diante dos processos presidenciais como forma de rechaçar a gestão de Hugo Chávez. As manifestações terminaram quando Chávez ganhou o referendo presidencial, convocado a partir de 15 de agosto de 2004.

No Brasil, não temos muitos relatos de ações coletivas por meio dos *cacerolazos*, conhecidos como “*panelaços*”, excetuando-se algumas mobilizações isoladas que ocorreram em alguns contextos específicos. Um dos grandes movimentos que podemos associar a questão dos *cacerolazos* foram os movimentos das Panelas Vazias, entre 1951 e 1953, que culminou com a greve dos 300 mil em São Paulo (GOHN, 1995). Porém, em suas descrições e estudos, não são claras que estas manifestações tenham se utilizado das panelas e de suas sonoridades como forma de manifestação e protesto pelas ruas, pois nos parece apenas o nome que faz referência ao fato em si.

A partir desse movimento podemos relacionar o surgimento do Movimento contra Carestia da Vida, com base em comissões reunidas sob este nome e que foram criadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, desde 1951 e que foram responsáveis pelas passeatas de 1953, em que cerca de 500 mil pessoas aderiram ao movimento. A partir disso, podemos perceber uma relação com o caso dos *cacerolazos* argentinos de 2001 na qual estas mobilizações promoveram o surgimento e fortalecimento das associações de moradores da capital paulistana. Tais associações cresceram muito a partir dos anos 60 e podem ser consideradas como molas propulsoras de outros movimentos brasileiros subsequentes, entre 1954-1964, com destaque para os movimentos estudantis a partir de 1957 (GONH, 1995).

Um dos fatores mais relevantes que podemos sugerir para tal forma de protesto que se utiliza de panelas e outros utensílios domésticos diversos não ter ser configurado como uma estética comum entre os brasileiros seriam os não contágios sonoros de tais agenciamentos em nossa cultura. No Brasil, é bastante evidente a utilização de caminhões de som ou dos denominados “trios elétricos” que na prática observada, possibilita um movimentar e contágio de um grande conjunto de pessoas através de músicas, que são atravessadas pela cultura carnavalesca e acabam por mobilizar o povo para participar de ações por demandas mais específicas (BETENCOURT, 2011).

Na Argentina encontramos uma grande movimentação no que diz respeito aos *cacerolazos*, por isso muitos acabam pensando que o movimento teria se iniciado neste país.

De acordo com os estudos de Telechea (2006), os *cacerolazos* podem ser divididos em três períodos que serão resumidos a seguir para maior entendimento destas formas de manifestações.

Os *Cacerolazos* da Classe Trabalhadora (1982-1983)

Os primeiros registros relacionados à classe trabalhadora nos apontam para a participação de mulheres, crianças e desempregados alocados em diversos bairros de Buenos Aires e da grande Buenos Aires que, unidos, se concentravam na Praça de Maio, em frente à casa do governo para manifestarem seus desgostos em relação ao alto custo de vida (TELECHEA, 2006).

Diversos grupos de mulheres se unem em torno do *cacerolazo*, tais como: Bolsas Vacías (do partido comunista revolucionário), Amas de Casa Del País⁷ e mulheres da Unión de Mujeres Argentinas (UMA). A união destes grupos e demais participantes somam cerca de 400 pessoas que manifestam seus descontentamentos com os seguintes dizeres: “Pan y Trabajo; Que bajen los impuestos”; “Aumento de Sueldos”; “El hambre ya no se soporta”; “Los niños de lãs villas ya no comen carne”; “No podemos comprar pan y leche”; “Urgentes aumentos de salários; famílias desocupadas y ocupadas de Lomas de Zamora pedimos urgentes soluciones” (TELECHEA, 2006).

Em 1982, cerca de 200 mulheres denominadas como “*Las madres mendocinas*”, da província de Mendoza, realizaram nova concentração na manhã do dia 9 de setembro em frente a “*Casa del Gobierno*”, da cidade de Mendoza em relação ao aumento do custo de vida. Todas reclamavam por baixa nos preços da carne, do leite, do pão e dos produtos relacionados na cesta básica, além de melhores salários aos trabalhadores. Apesar de a mídia não se referir a esta movimentação como *cacerolazo*, pode se perceber na foto de jornal da época, uma

⁷ Esta agrupação surgiu no dia 22 de Julio de 1982 na localidade de San Martin. Tal agrupação foi responsável por mais da metade dos *cacerolazos* ocorridos no período de 1982-1985. Lutavam contra o aumento do custo de vida e contra o aumento das taxas municipais. Possui uma vinculação estreita com PCR – Partido Comunista (TELECHEA, 2006).

mulher com uma “Olla”, que é uma panela de forma arredondada. (TELECHEA, 2006)

Neste primeiro período podemos observar a grande relação dos *cacerolazos* com a luta da classe trabalhadora, sobretudo com a participação das mulheres em tais mobilizações. As mulheres são as que administram o lar ou as que de fato sustentam os mesmos e por isso acabam sendo as que mais sofrem por verem as necessidades mais primárias da vida não serem supridas em seus lares. Assim, esta realidade é a mais próxima do sentido e significado de experiência que relacionam o uso das panelas e suas sonoridades na formação dos movimentos dos *cacerolazos*, por serem utensílios que possibilitam signos cheios de potência quando as palavras não conseguem expressar mais a realidade cruel do cotidiano.

Primeira Consolidação de uma Aliança (1986-1990)

O segundo período que faz menção aos *cacerolazos* é o relacionado às greves operárias.

No dia 9 de outubro de 1986, uma importante marcha foi realizada contra o governo do presidente Raúl Alfonsín, fazendo referência e condenação das políticas sócio-econômicas do governo que se mostravam negativas ao povo (TELECHEA, 2006).

Houve adesões do movimento de “Amas de Casa Del País” (ACP) e do “Sindicato de Amas de Casa de La República Argentina” ao plano de luta da confederação sindical para tornar realidade um grande *cacerolazo* na Capital Federal e na cidade de Mendoza. Após aceitação por parte do plenário, o movimento ACP fez convocação por meio do diário “Crónica” de 1º de outubro a todas as mulheres, trabalhadores e mulheres de trabalhadores que se concentrassem com suas panelas para fazer escutar as suas reclamações (TELECHEA, 2006).

Segundo o periódico argentino “Hoy”⁸ o movimento manteve a mesma concentração de pessoas de outras ações, com agrupamentos de mais de 1000 pessoas nas avenidas 9 de Julio e Belgrano, que marchavam em direção ao

⁸ Jornal impresso pelo PCR – Partido Comunista Revolucionário – no qual se encontra as maiores informações sobre os *cacerolazos* ocorridos na Argentina neste período (TELECHEA, Roxana. História de los *cacerolazos*: 1982 -2001. Revista *Razón y Revolución*, nº 16, Buenos Aires, p.141-184, 2º Semestre de 2006.

Ministério do Trabalho, passando pelo Conselho Deliberativo e finalizando no Ministério da Economia na Praça de Maio (TELECHEMA, 2006).

No dia 17 de abril de 1987, um *cacerolazo* em favor da democracia é convocado pela “Comisión para La defensa de La Democracia”, criada em Córdoba. Segundo Telechea (2006), houve grande quantidade de marchas e concentrações neste período a favor da democracia. Em 1988, diversos *cacerolazos* reclamavam melhores condições de vida e acesso aos serviços mais vitais, e assim uma nuvem sonora se fez ouvir ao longo deste ano, especialmente entre os meses de agosto e setembro. No dia 5 de agosto de 1988, um *cacerolazo* deu o tom numa marcha organizada por um “*Consejo Vècinal Asesor*” de Neuquén em protesto contra os aumentos das tarifas de serviços e outro contra a política do governo nacional. As manifestações giravam em torno do aumento das tarifas de gás, água e luz e também contra a política municipal de transporte público de passageiros (TELECHEMA, 2006).

Esta marcha, segundo notícias, foi composta por cerca de 2.500 e 4.000 pessoas que se aglomeraram pelo centro da província de Neuquén. Eram manifestantes provenientes de bairros periféricos, como Don Bosco I e II, Villa Florencia, Parque industrial e San Lorenzo, que faziam soar suas *cacerolas* pelas ruas da cidade. Foram observadas diversas adesões ao movimento, entre elas o El MPN, o PJ, El frente Amplio Estudiantil Santiago Pampilón, Franja Morada, Patria Libre, Madres de La Plaza de Mayo, Sindicato de Prensa e Gas Del Estado, ADPH, MODERNA, FRAL, MAS, PC, PO, PH, POR e MID. Um documento que expressava os motivos de tais mobilizações declarava:

Para demostrarle a nuestros dirigentes que así como la democracia nos posibilita votarlos, también nos brinda los resortes para controlar esa administración y reclamar activamente, ante medidas que demuestran que las cosas no están bien hechas...éste es el mismo pueblo que estuvo en Semana Santa...no le decimos a nuestros dirigentes que se vayan como se lo dijimos a aquellos aventureros, les decimos que se queden y nos gobiernen, que su pueblo los acompañará” (DIÁRIO RIO NEGRO apud TELECHEA, 2006, p.150).

O protesto se finalizou com o compromisso do ministro do governo Horacio Forni, de formar uma comissão para analisar as petições entregadas e questionar a empresas envolvidas nos cortes de serviços de luz e gás (TELECHEMA, 2006).

Outro *cacerolazo* neste período ocorreu na primeira semana de agosto de

1988, no “Conselho Deliberante de San Miguel” - localidade do general Sarmiento. Pessoas provenientes do bairro de “Los Olivos”, que exigiam ao conselho o processo de escrituração dos terrenos em que viviam, através de assembléias e dos *cacerolazos* em frente ao Conselho, conseguiram a aprovação do projeto (TELECHEA, 2006).

No dia 13 de agosto, ocorre “La marcha de La Bronca”, convocado pela organização de mulheres. Organizações de direitos humanos, agremiações e partidos políticos protestavam pelas altas tarifas de serviços (TELECHEA, 2006).

Para citar outros *cacerolazos* que se estenderam pelo mês de setembro daquele ano, diversas manifestações contra as altas tarifas nos serviços de água, luz e telefone e também por um saldo mínimo na cesta básica, foram as principais demandas nestes movimentos. Os *cacerolazos* neste período foram intensos. O dia 9 de setembro de 1988 teve grande movimentação registrando cerca de 20.000 pessoas num *cacerolazo*, mas esta manifestação sofreu grande repressão por parte da polícia, que terminou com feridos, detidos e comércios saqueados. (TELECHEA, 2006)

No dia 19 de setembro outro *cacerolazo* denominado “El luganazo” por ter acontecido na Villa Lugano, reclamava acerca das altas de tarifas e foi organizado pelo Conselho de vizinhos desta localidade. No dia 20 outros *cacerolazos* e apagões nos comércios também foram organizados pelas “*Amas de casa y el PJ*” que manifestavam também em relação as políticas governamentais questões relacionadas a pensões, falta de trabalhos, baixos salários e taxas especulativas. No dia 21 houve um *cacerolazo* com grande cobertura por parte da mídia. Na chamada de capa de um dos jornais Argentinos tinha-se a seguinte chamada: “*Golpeando cacerolas, por los montos de las facturas de servicios públicos*” (TELECHEA, 2006).

Mas, revelando o quanto estes movimentos se multiplicavam, no ano seguinte, no dia 23 de maio de 1989, um *cacerolazo* promovido pela esquerda marchava em repúdio à política econômica e social do então presidente Alfonsín. A esquerda unida saiu pelas ruas da capital federal lutando por salários melhores e por congelamento dos preços (TELECHEA, 2006).

Três dias depois, no dia 26, um novo *cacerolazo* protestava contra o alto custo de vida e pela crise econômica que se instalava no país. As “Amas de casa” foram às precursoras nesta manifestação e desta vez este *cacerolazo* terminou com um grande enfretamento com a polícia e com vários detidos. No dia 16 de março

mais um *cacerolazo* ocorreu protagonizado pelos 300 vizinhos e pequenos comerciantes do bairro de Flores (TELECHEA, 2006).

Diante de tais acontecimentos e, segundo Telechea (2006), podemos perceber o período de (1986-2000) como um período de grandes manifestações contrárias ao governo e políticas adotadas pelo então presidente Raúl Alfonsín. Os *cacerolazos* promovidos no geral pela classe trabalhadora em organizações definidas, tais como sindicatos, partidos políticos e associações diversas, continuavam a manifestar a falta de alimento para a população, os aumentos de impostos e tarifas de serviços públicos e a alta inflação neste período.

Os *cacerolazos* da Pequena Burguesia (1996 – 2001)

Entre 1991-1995 não se encontram registros de *cacerolazos* e nem protestos das “*Amas de Casa*” devido à queda da inflação na economia do país. Mas o ano de 1996 acaba se tornando um ano favorável à explosão sonora das *cacerolas* pelas ruas e espaços diversos da cidade, devido à crise do “*Plan de Convertibilidad*”⁹ e assim a pequena burguesia com a participação da classe trabalhadora ressurgiu como novos atores nestas manifestações (TELECHEA, 2006).

No dia 13 de setembro de 1996, uma jornada de protestos promovida pelo Fórum Multisetorial se organizou promovendo apagões e *cacerolazos* pelas ruas de

⁹ O “*Plan de Convertibilidad*” ou *Plano de Conversibilidad* é o controle do processo hiperinflacionário na Argentina. Reside no que se pode denominar de uma estabilização por conversibilidade, isto é, pela fixação de uma paridade monetária estabelecida pelo Banco Central, que integra uma reavaliação ou revalorização da moeda local. Face ao fracasso dos sucessivos planos de ajuste, a nova equipe econômica, comandada por Domingo Cavallo - ex- Ministro das Relações Exteriores -, produziu um programa de estabilização que marca uma mudança nítida na orientação da política monetária na Argentina. Essa nova política econômica surgiu num momento em que a situação do setor público - dificuldades na implementação da reforma do Estado - e a questão da dívida externa - dificuldades na renegociação - não estavam resolvidas.

A partir de 1º de abril de 1991, instaurou-se o *Plano de Conversibilidad* total do austral na Argentina. A nova equipe econômica implementou um dispositivo de conversibilidade baseado na:

- supressão das cláusulas de indexação nos contratos de direito privado e de direito público;
- legalização da utilização do dólar em todas as transações.

O Plano de Conversibilidade estabelece, além disso, que:

- o Governo fixa a paridade de 10.000 austrais por um dólar, e esta não poderá ser modificada e não por outra lei;
- é obrigação do Banco Central da República Argentina (BCRA) manter uma equivalência estrita entre as reservas e a base monetária;

- toda emissão monetária suplementar para financiar o déficit público é proibida. O governo deve, doravante, equilibrar a cada mês as receitas e as despesas públicas (Nord-Sud Exp., 22.4.91) (HIMELFARB, Célia. Conversibilidade e Estabilização na Argentina, Revista Indicadores Econômicos da FEE, Porto Alegre, v.22, n.1, p.123-137, 1994. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/issue/view/39>> Acesso em: 21/07/2011).

todo o país, em especial pelos bairros da capital federal. O Fórum reunia agrupamento de forças opositoras que eram conduzidas por Frepaso e pela UCR, especialmente por Chacho Álvarez e Rodolfo Terragno (TELECHEA, 2006).

Houve grande adesão por parte da população que além de se expressar pelas batidas de panelas e pelos *buzinaços* de automóveis pelas ruas, realizavam manifestações que incluíam igrejas. Neste período também se encontra o registro de apagões em diversos lugares, inclusive em universidades públicas (TELECHEA, 2006).

Os *cacerolazos* tomaram grandes proporções; segundo Telechea (2006) podiam se ver pessoas nas portas de suas casas, nas ruas, nas praças, manifestando-se através de suas panelas.

Segundo o Centro de Estudos para a Opinião Pública, as mulheres foram as que lideraram os apagões, nas quais essas ações conjuntas com o *cacerolazo* se configuraram numa ação doméstica (TELECHEA, 2006).

Segundo o Jornal *Clarín* daquela época e os estudos de Telechea (2006), os protestos manifestavam o mal estar da população em relação à situação econômica do país, pelas crises de recessão, pelos desempregos e também pelo desacordo em relação a todas as ações do presidente Menem.

Diversos *cacerolazos* foram registrados na Argentina entre os anos de 1997-2001, entre eles podemos citar:

- “*EL apagón telefónico*” – ocorrido no dia 10 de fevereiro de 1997, que foi um boicote do uso do telefone, além de *cacerolazos* em frente a empresa de telefonia argentina;
- “*El Triple crimen de Cipolletti*” – ocorrido no dia 11 de dezembro de 1997 – referia-se aos crimes que envolveram três irmãs e que despertaram manifestações calorosas através de *cacerolazos* na região de Cipolletti,
- “*El apagón de EDESUR*” – ocorrido no dia 18 e 19 de fevereiro de 1999, eram *cacerolazos* que ocorreram pelo corte de serviço de luz da empresa EDESUR, que deixou sem luz durante vários dias milhões de pessoas da zona sul da capital argentina.
- “*Cacerolazo contra inseguridad*” – ocorrido no dia 9 de maio de 2001, no qual os manifestantes faziam soar suas panelas como forma de protestar contra a falta de segurança e assaltos frequentes.

Enfim, podemos perceber diversas ações que foram de encontro com as

situações geradas pelas políticas neoliberais, em processo de implantação, que atingiam a vida em suas necessidades vitais mais básicas.

A partir deste momento abordaremos especificamente o caso Argentino ocorrido em 2001 e o caso relacionado ao sistema educacional Chileno, que culminou com as manifestações recentes dos *cacerolazos de 2011* ocorridos no Chile, e que são para onde nossos olhares e escutas mais expressivos se debruçarão neste percurso cartográfico.

1.1 O GRANDE “EL CACEROLAZO” ARGENTINO

Na Argentina, principalmente entre os anos de 2001 e 2002, os *cacerolazos* prolongaram-se naquele verão e, assim, a panela foi se constituindo em possibilidades de afecção e contágio. Esta serviu para se reconhecerem como manifestantes na rua, na Praça de Maio; como cidadãos ávidos de direitos na frente das grandes instituições do Estado como o Congresso, a Casa Rosada, e como moradores/as do mesmo bairro, quando o protesto terminava (BOGADO, 2006).

Desta maneira, as pessoas que protestavam juntas puderam se identificar no bairro e, a partir disso, se organizar. Naquele verão de 2002, ao som das panelas, surgiu um movimento que ficou conhecido como *Assembléias de Bairro* (BOGADO, 2006).

Os *cacerolazos* conseguiram por em movimento os fluxos e intensidades dos corpos. As pessoas começaram a sair de suas casas para se encontrar nas esquinas de cada bairro. Logo, por volta da meia-noite, começaram a caminhar até a Praça de Maio (HOPSTEIN, 2002).

Pode se dizer que este período foi um dos mais agonizantes momentos argentinos, mas também pode ser visto como um período que despertou a sociedade para a sua luta e novas buscas de participação, gerando assim a produção de acontecimentos que engendraram novas possibilidades de enfrentamento frente a tais imposições políticas. O período se destaca por ser um período de grandes manifestações por parte da classe média da sociedade.

Antonio Negri, filósofo-político-marxista italiano, ainda vivo e escritor de importantes obras tais como: *Império* e *Multidão* em parceria com Michael Hardt depois de aproximadamente um ano após os acontecimentos de 2001 na Argentina, diretamente de Roma, no dia 14 de dezembro de 2002, fez uma transmissão direta a

um público argentino que com muita expectativa o ouvia por meio de um telão no Complexo Geral de San Martín (2003). Este dizia o seguinte: “*Es exactamente en la tragédia argentina donde encontramos, de manera todavía más potente, las tramas del trabajo y de uma posible política de la multitud*” (NEGRI, 2003).

Ao iniciar o mês de dezembro daquele ano de 2001, uma medida denominada *corralito* - plano estabelecido pelo governo no dia primeiro de dezembro para frear a queda de depósitos bancários, que incluía um limite semanal de 250 dólares em retiradas bancárias, se torna um dos elementos disparadores de práticas de expropriações. Estas foram somadas a todo um histórico de consequências provindas do período de ditadura e de políticas neoliberais implantadas acerca de duas décadas pelo governo argentino (BOGADO, 2006).

O *corralito* impunha restrições na circulação de dinheiro e assim diminuía a capacidade de realização de operações financeiras e comerciais, além de impor limites nos níveis de consumo e poder de compra dos argentinos (HOPSTEIN, 2002).

No dia 19 de dezembro, nestas tensões que se somavam, De La Rúa, presidente da Argentina, decretou estado de sítio, provocando uma série de manifestações de cidadãos e cidadãs que desafiavam esta medida do governo. Assim, em diferentes cidades, nas ruas, nas sacadas, na Praça de Maio, na residência presidencial, na casa de Domingo Cavallo - ministro da economia e grande defensor da aplicação de políticas neoliberais - a população com suas panelas, escumadeiras e outros utensílios domésticos se manifestaram e pediram a renúncia De La Rúa.

No dia seguinte, várias repressões policiais tentaram frear as manifestações. Algumas famílias se retiraram, porém outras resistiram com pedras às medidas policiais, depredando empresas e símbolos privados tais como o Mc Donald's e outros símbolos neoliberais (BOGADO, 2006).

Nas proximidades da Casa Rosada se registraram vários feridos e cinco pessoas foram mortas naquela região e somando juntamente com outras regiões, houve um total de 28 mortos nas repressões policiais.

Ao fim desse dia, diante de tantas pressões, o presidente De La Rúa renunciou e abandonou a Casa do Governo de helicóptero. O dia terminou com grande festa em todo o país diante das notícias (BOGADO, 2006).

Os *cacerolazos* ressurgem assim como forma potente de resistência e de luta

e, neste momento, até poderia ser interpretado como o primeiro protesto antiglobalização na Argentina. Embora este seja um fenômeno firmemente assentado em condições locais, sem dúvida também possui dimensões globais, atacando diretamente ao sistema dominante (BOGADO, 2006).

1.2 OS CACEROLAZOS RESSURGEM NO CHILE

No contexto em que se insere nossa cartografia, fazemos menção aos acontecimentos chilenos que nos sugerem repetições e que aglutinam novas maneiras de protesto e de expressão em torno de situações muito similares as questões impostas pelo neoliberalismo. Portanto, tais *cacerolazos* chilenos vão se apresentar como repetições e produção de diferenças e multiplicidades; isto é, são ritornelos sonoros¹⁰ a favor da vida.

No recente ano de 2011, outra grande agitação verificou-se no Chile, sobretudo em dois importantes *cacerolazos* ocorridos. O primeiro a ser relatado ocorreu no início de maio do ano mencionado e diz respeito à aprovação do projeto hidroelétrico *HidroAysén*, que contempla a construção e a operação de cinco centrais hidrelétricas, duas no rio Baker e três no rio Pascua, localizados na região de *Aysén*, ao sul do Chile. Segundo o site chileno de notícias *El Ciudadano*, o projeto foi aprovado por 11 votos a favor e um contra, em meio a uma atmosfera tensa marcada por um protesto de mil pessoas em frente à Prefeitura Municipal de Coihaique, onde teve lugar a votação. A população como um todo se manifestou contra esta construção, que evidenciou em seu projeto irregularidades nos processos e tramitações da obra, além do fato de que diversos grupos ambientalistas advertiam sobre os impactos ambientais negativos de tal obra na região.

O outro *cacerolazo* e série de protestos de grande relevância no cenário atual chileno nos últimos quatro meses, que obtivemos informações por meio das mídias e dos sites *alter-latina.com* e *operamundi.uol.com.br*, e onde se insere de fato nossos trajetos cartográficos, foram iniciados em agosto de 2011 e se estendem até as datas recentes em que se finaliza esta pesquisa, em 2013. Tais *cacerolazos* dizem respeito ao fortalecimento do papel do Estado na educação, à garantia do acesso à

¹⁰ Este conceito será explicado a partir do capítulo 2.

educação pública gratuita e de qualidade, reivindicando o fim ou diminuição das atividades com fins lucrativos no setor educacional.

Figura 2 – Manifestações em frente a Universidade Pública do Chile, 2012

Fonte: Elaborada pelo autor

Em recente publicação o geógrafo e pesquisador Fábio Betioli Contel (2011), em parceria com a socióloga Manolita Correia Lima (2011), lança o livro *Internacionalização da Educação Superior* que aborda criticamente sobre estas questões que ocorrem não somente no Chile, mas em diversos países. Em entrevista cedida à Luciana Araújo e publicada no site *operamundi* do dia 18 de setembro de 2011, intitulada como: “*Chile mostra esgotamento do modelo 'privatista' de educação superior*”, os autores criticam o modelo educacional definido por critérios mercadológicos — que levou, por exemplo, aos protestos contra o aumento das taxas anuais de empréstimo estudantil nas universidades inglesas — e defendem uma “universalização cooperativa”.

Segundo os autores, o livro parte de análises diversas acerca dos períodos de implementação de políticas de intercâmbio de conhecimento em sete países (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália, Canadá, França, Brasil e Chile). Ao comentar sobre estas ações, em recente entrevista ao site Opera Mundi (2011), Contel afirma que:

A internacionalização é um dado que faz parte do DNA das universidades, já

que o conhecimento – meio e fim das universidades – tende ao universalismo; por isso a internacionalização em moldes cooperativos não só é desejável, como necessária, se quisermos construir uma “globalização solidária” (OPERA MUNDI, 2011),

Contel e Lima apontam que as causas principais dessa internacionalização desigual e hierárquica existente hoje entre as universidades dos países ricos e dos países em desenvolvimento é que seus critérios são meramente mercadológicos, definidos pelos esquemas financeiros, como a OMC e o Banco Mundial.

Diante disso Contel diz que:

Obviamente não podemos esperar do Banco Mundial soluções de caráter universal. Nenhuma instituição financeira vinculada a interesses dos países centrais pode ajudar na consolidação de sistemas nacionais de ensino superior nos países periféricos, afirma o geógrafo. Pelo contrário, sua ação é em grande parte determinada por raciocínios eminentemente contábeis, tendo nos mecanismos de mercado o grande elemento de definição das políticas (OPERA MUNDI, 2011).

Dando continuidade, o autor alerta que se houvesse e fosse possível uma vontade política por parte dos governos e dirigentes universitários de países, poderia se “aumentar as solidariedades acadêmicas”, o que permitiria maiores relações entre as universidades do centro periférico e, assim, estas relações seriam menos hierarquizadas que os intercâmbios com o centro.

Desta maneira fazendo um paralelo com as lutas dos *cacerolazos* chilenos, os autores finalizam a entrevista e nos permitem perceber que ao se estabelecer relações acadêmicas com os países centrais, deve se criar uma postura mais pragmática das políticas de internacionalização que são implementadas nos países periféricos. Isso pode suprir carências em áreas específicas de acordo com os projetos nacionais e regionais destes países. Além disso, segundo os autores se faz necessário que os investimentos em pesquisa se desloquem das universidades públicas, e sejam estes também financiados pelas empresas dos países semi-periféricos.

É neste contexto que se inserem as manifestações chilenas, que reuniram cerca de cem mil pessoas em apoio aos estudantes, e suas demandas que fizeram soar as *cacerolas* em Santiago do Chile.

No site “diretODOchile.juntos.org.br”, em matéria publicada no dia 19 de agosto de 2011, com o título de “O *cacerolazo*: estudantes secundários saem mais uma vez

às ruas”, podemos verificar a motivação de um estudante chamado Benjamim em participar do movimento. Tal testemunho de experiência é relatado no site pela brasileira Thalie Drumond. e se expressa assim:

São muitos mesmos, que cantam com orgulho que vão repetir de ano porque suas escolas estão ocupadas há três meses contra a Educação de Pinochet. Perguntei a Benjamin onde encontrava motivação para tanto, ele me respondeu que sua mãe e seu pai faziam o mesmo contra a ditadura e que agora é sua vez. Benjamin saiu entusiasmado, contando a todos como seria a tomada da escola de hoje. Sua vó beijou-o no rosto e desejou-lhe sorte. Ao fechar a porta o juvenzinho deixou para trás adultos cheios de orgulho e esperança (DIRETO DO CHILE, 2011).

As notícias descrevem que a grande adesão obtida pelo movimento no dia oito de agosto de 2011 é um reflexo do que ocorreu nos últimos dias anteriores, em especial no dia quatro de agosto, quando a repressão policial resultou em 870 detenções. Diante disso, os meios de comunicação informaram que a população chilena se solidarizou de forma potente com o movimento e diversos *cacerolazos* foram registrados diariamente como sinal desse apoio.

A mídia naquele período informou que o ministro da educação, Felipe Bulnes, entendeu que seria possível uma conciliação através da mediação do Congresso, mas os porta-vozes do movimento estudantil (CONFECH) afirmaram que a exigência pelo fim das atividades de fins lucrativos é um ponto inegociável e, assim, não acreditam em consenso.

Segundo o site *Opera Mundi, da Uol*, publicado no dia nove de setembro de 2011, a CONFECH (Confederação de Estudantes do Chile) exigiu, entre outros pontos, a suspensão da tramitação dos projetos de lei sobre a educação que estão sendo debatidos no Congresso e assim até o presente momento vem sendo realizadas diversas propostas, mesas de discussões e reuniões para um possível diálogo e negociação sobre a problemática estudantil chilena.

Enfim, o que viemos identificando neste estudo é o quanto as sonoridades dos *cacerolazos* se fizeram perceber como forma de expressão e luta ao contemplar diversas manifestações e possibilidades de lutas nos períodos mais diversos na América do Sul.

Figura 3 – Manifestações em prol da educação no Chile, 2012

Fonte: Elaborada pelo autor

1.3 RESSONÂNCIAS PELO MUNDO

As ações promovidas durante estes períodos tornaram o movimento dos *cacerolazos* um movimento rico em suas singularidades. Movimento que diante destas perspectivas mais globalizantes e frente à implantação de políticas neoliberais acabou se tornando uma forma de manifestação, que promove ferramentas de mobilização a outros países no restante do mundo. Os *cacerolazos* possibilitaram um contágio que atingiu inclusive outros países que utilizaram esta ferramenta como forma de luta e mobilização potentes.

Para citar alguns, em 2009, de acordo com a Rádio Independência e o site “*El Argentino.com*”, os moradores de Reikiavik, cidade da Islândia, se utilizaram de panelas para se manifestar contra o governo conservador de Geir Haarde.

Na Espanha, os *cacerolazos*, que neste país ganhou o nome de *cacerolada*, foram utilizados como forma de protesto nas campanhas presidenciais em 2004, contra o atentado terrorista de Madrid e também contra o governo de Jose Maria Aznar. Em novembro de 2005, diante das quedas de energia de luz e demora no restabelecimento da mesma em regiões da ilha de Tenerife, acometidas por tornados tropicais, as panelas também foram utilizadas como formas de protesto contra a incapacidade das autoridades em lidar com esta situação.

Porém, em nossos questionamentos, nos perguntamos se são todas as manifestações que se configuram como ações mais transversais e potentes, ou se algumas delas não seriam apenas cópias ou modelos de ações coletivas. Desta maneira seriam ações onde se conservariam somente os elementos estéticos, mas não contemplariam agenciamentos potentes de expressão e criação: o tempo vivo do acontecimento; assim, cada grupo em suas formas de participação e resistência deixariam de engendrar novos possíveis em suas efetuações ético-estético-políticas, e se tornariam apenas conservas culturais¹¹.

Não cabe a nós uma interpretação neste sentido, mas sim de pensar, pela via dos encontros e agenciamentos intensivos, no quanto as sonoridades podem favorecer este *bom encontro* e assim colocar em deslocamento os acontecimentos ou ainda se tornarem apenas uma representação e repetição do mesmo. E, neste sentido, ao se querer o acontecimento perde-se as intensidades e memórias intensivas que se agitam e se dão nos instantes vivenciados por estes agenciamentos coletivos.

Apesar disso, podemos pensar o quanto o estudo deste movimento pode contemplar diversas memórias, a partir deste histórico dos *cacero/azos*, e nos permitir compreender que mesmo que tais ações se tornem capturáveis, ao mesmo tempo elas sempre irão criar linhas a-históricas de acontecimentos e experiências singulares como veremos mais adiante no decorrer desta cartografia. São memórias despertadas em todas as partes por extratos sonoros, que consideram a arte como vida, e que fazem brotar nas mentes das gerações posteriores novos sentidos e percepções que se dão a partir do individual e se expressam nos agenciamentos coletivos.

Desta maneira, podemos pensar nestas produções de memórias que se dão numa relação de forças não sonoras e que se tornam sonoras, e acabam emergindo como dispositivos de ricas ferramentas de mobilização, resistência e participação em nossos cotidianos atuais; ainda que de forma sutil, podem minar as estruturas de poder que foram sendo constituídas em nossas histórias.

¹¹ Ato de se prender ao que foi criado em detrimento e desprezo ao processo criativo. Foca-se na obtenção de conteúdos, ou seja, da civilização da conserva, dos paradigmas, do certo e do errado, das respostas prontas e padronizadas. A conserva causa prejuízo à evolução quando passa a ser a resposta em si e não um estímulo para a continuação da criatividade e do desenvolvimento (MORENO apud SAVIANI, 2004.p.75).

2. INSTRUMENTOS CONCEITUAIS PARA SE PENSAR OS CACEROLAZOS

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou.¹²

Michel Foucault

Em muitos estudos da memória percebemos a tendência de se considerar os acontecimentos somente como acontecidos, isto é, como fatos estáticos, lineares e visíveis num determinado tempo histórico. Nesta perspectiva acaba-se por circunscrever um determinado fato, fazendo da memória uma verdade absoluta em uma única versão dos fatos. Algumas versões vão emergir em determinados momentos e contextos como detentoras de verdades e assim envolvem as relações de saber e poder com discursos dominantes ou até mesmo hegemônicos. Finalmente, acabam por menosprezar o conhecimento e a memória numa perspectiva imaterial, incorporal e criativa, que são os múltiplos sentidos e experiências que vão se produzindo pelas expressões, manifestações e atravessamentos múltiplos de signos que se inserem numa cultura com suas particularidades heterogêneas.

Ao abordarmos sobre questões relacionadas a um tema tão vasto e complexo, como o que diz respeito à memória, cabe evidenciarmos de qual lugar estaremos abordando tal temática. A partir deste ponto deixaremos claros os sentidos expressos por tais pensamentos, que permitirão emergir as concepções múltiplas e singulares sobre a memória. Assim, percorreremos caminhos que permitem criar as relações e correlações a partir dos pressupostos advindos da Filosofia da Diferença, e tecer os infinitos trajetos, bifurcações e sentidos que a produção de memória, seja ela enquanto hábitos ou reminiscências, pode tecer nas relações que envolvem a produção de si e da vida.

Quais seriam então estes pressupostos teóricos nomeados de Filosofia da Diferença? De qual lugar ou referencial teórico estaríamos então abordando a produção de memória?

¹² Citação disponível em: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2012, p.71.

Filosofia da Diferença

A tradição do pensamento sempre foi permeada por certas linearidades onde, de fato, questões relacionadas à busca de verdades foram condutores para que estudiosos e pensadores se debruçassem de forma árdua e intensa para este fim. Mas cabe nos perguntarmos sempre, tal qual o filósofo Nietzsche, vontade de Verdade para quê e para quem?

Cabe deixar claro que a Filosofia da Diferença não busca um único pressuposto ou um único caminho possível; não está preocupada com a busca de uma suposta verdade e saber na busca de um ideal ascético. Sendo assim, tal pensamento se expressa numa capacidade desejante do homem em formular problemas que dizem respeito a sua época e espaços de pertença, e assim criar blocos intensivos que sacudam a ordem vigente e linear do pensamento.

A Filosofia da Diferença se preocupa muito mais com os processos de criação singulares e heterogêneos que inventam maneiras múltiplas e distintas de se relacionar com a vida, fazendo emergir realmente um pensamento nômade: que é da ordem da experiência e da composição e se dão em trajetos criados num caminhar sem rotas e direções definidas. É um caminhar que se dá por saltos e movimentos, que não necessariamente trata-se de um sair do lugar, mas sim um movimento de pura intensidade, como nos aponta Deleuze e Guattari (1997[b]). É permitir nestes ciclos cotidianos e repetidos que saltem outros novos possíveis e olhares diferentes.

O nômade seria então este homem da terra, o homem que sempre se desterritorializa e reterritorializa. Não seria o homem caracterizado pelos movimentos em si, mas pela capacidade de habitar esta superfície lisa e intensiva do campo transcendental. Campo este, que não estaria fundado numa gênese preestabelecida por uma base empírica que conduziria de forma muita lógica aos universais e a toda esta relação de verdade e poder (DELEUZE & GUATTARI, 1997[b]). Os autores, diante do fato, nos apontam o problema do sentido ao fazerem toda uma crítica à filosofia da representação, que se configura como espaço originário e predicável do sentido. É nesta perspectiva que o pensamento se tornará engessado, um pensamento calcado em pressupostos implícitos e subjetivos que se estrutura em uma forma pessoal e individual de um sujeito empírico (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

Pela Filosofia da Diferença podemos percorrer caminhos distintos que se dão

por saltos, interrupções e bifurcações em busca do singular, do heterogêneo e potente na história da humanidade. O grande desafio seria romper com esta perspectiva de pensamento e conceber o pensamento como um solo, como um deserto movente onde se tecem e permitem-se novas orientações no pensamento, como pura variação. Nesta concepção, cada conceito não está pronto em algum lugar para ser descoberto, mas necessita ser criado à medida de um encontro que coloque as forças do pensamento em movimento para pensar o impensável na colocação de problemas e assim expressar os mesmos por uma perspectiva do tempo em que se vive, compondo a ideia de novo, dos *impossíveis*¹³, de um novo porvir como nos aponta Deleuze (2006[a]) em “*Diferença e Repetição*”:

[...] o pensamento só pensa coagido e forçado, em presença daquilo que “dá a pensar”, daquilo que existe para ser pensado – e o que existe para ser pensado é do mesmo modo o impensável ou o não-pensado, isto é, o fato perpétuo que “nós não pensamos ainda (segundo a pura forma do tempo). (DELEUZE, 2006[a], p. 210).

Diante do exposto, pretende-se conceber o estudo compondo e fundamentando-o por meio de singularidades e intensidades de tempos e encontros distintos. São pensamentos que nos chegam através de filósofos e pensadores que já fizeram emergir tais potências do pensar, outros em constante descoberta e ainda outros que virão e que não pertencem a um único domínio do conhecimento, mas

¹³ Para Leibniz (1956), em seus ensaios, cada mundo possível têm determinada seqüência, simultaneidade, continuidade e articulação entre séries de acontecimentos. Um mundo possível leva em consideração as inúmeras seqüências, chamadas de séries, que se cruzam e se encontram, se relacionam ou mesmo se ignoram, mas que se reportam a uma mesma história de mundo e refletem o mesmo mundo. As versões possíveis de uma mesma história serão chamadas de *impossíveis* entre si, pois para Leibniz uma série não poderia estar contida em outra, pois todas e cada uma delas estão completas. Como as diferentes articulações são diferentes, cada mundo é dito impossível com outro. Isto significa que as diferentes congregações não podem ser reunidas em uma série única.

Já em Deleuze (2011), a ideia de *impossíveis*, com o qual o leitor irá se deparar em alguns momentos, e que é o real sentido da palavra empregada nesta pesquisa, diz respeito aos múltiplos mundos que não podem coexistir e são impossíveis. Para Deleuze as séries divergentes existiriam simultaneamente no mesmo mundo. O autor compreende o mundo, enquanto mundo único onde teríamos a mistura, coexistência e simultaneidade entre séries divergentes, que pertenceriam a outros mundos possíveis e impossíveis, o que se chama de “*afirmação de todas as séries impossíveis no mundo atual*”: Para Deleuze, Leibniz ligava as séries a uma condição de convergência sem ver que a própria divergência e as impossibilidades pertenciam a um mesmo mundo. Em sua perspectiva, Deleuze nos aponta que os diferentes mundos que não podem coexistir com o nosso são afirmados conjuntamente com ele, como no conto de Borges, apontado pelo filósofo, onde é dito que no romance de *Ts’ui Pen* opta-se simultaneamente por todas as alternativas existentes. Não seria mais uma questão de separar a infinidade de combinações entre os possíveis em totalidades diferentes, mas de mantê-las numa única série. A coexistência simultânea de todas as séries divergentes e impossíveis, suas ramificações ou distribuições em rede e não em mundos diferentes, a comunicação, interpenetração e mistura dos impossíveis pode ser expressa pela arte (CARVALHO, 2013, p. 3-7).

são homens que se permitiram ir além e produzem seus pensamentos em domínios como as ciências, arte, literatura, filosofia e se fizeram singulares; como puras obras de arte.

Para nomear alguns destes pensadores que estarão presentes de forma direta ou indireta neste processo de tecer e compor esta pesquisa, a partir de seus pressupostos teóricos podemos citar: *Henri Bergson, Deleuze, Guattari, Espinosa, Nietzsche, Foucault, Leibniz, Gabriel Tarde*, entre outros tantos que ressoam com estes pensadores.

Nesta proposta nos interessa fundamentalmente desenvolver a noção do pensamento pelas vias do *devenir*, do movimento e da criação, não se limitando a mera representação e sim considerando o conjunto de multiplicidades para a compreensão da memória em seus aspectos dinâmicos e criativos, e pensar como tais memórias se conectam aos agenciamentos coletivos políticos.

Cacerolazos: micropolíticas e processos de subjetivação

Os aspectos micropolíticos¹⁴ nos quais se inserem os *cacerolazos* nos apontam para mudanças de direções de um nível mais totalitário - molar - para um nível mais fluído - molecular, e são tais mudanças que podem tecer novas formas de resistência, permitindo trazer a superfície toda uma problemática voltada para as questões das singularidades, tanto individuais quanto coletivas. (GUATTARI & NEGRI, 1999)

Ciertamente, este movimiento es inseparable de las luchas sociales precedentes y del redespliegue de la capacidad de resistencia y ofensiva de las patronales; pero en este momento se ha producido un salto cualitativo de importancia histórica. Ha sido necesario el despliegue de una inmensa energía colectiva y la constitución de una especie de ciclón que acelerase los pensamientos y singularización, un movimiento tal de rebelión de una parte significativa de la población mundial. En 1968 ha nacido una revolución digna de los deseos más auténticos de la humanidad (GUATTARI & NEGRI, 1999, p.29).

Evidenciam-se, a partir de maio de 1968, outros sujeitos sociopolíticos com suas novas formas de mobilização e ações coletivas variadas, produzindo novas

¹⁴ Aspectos da ordem molecular, isto é da ordem dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades e não da ordem dos objetos, sujeitos e representações. Essa travessia molecular dos estratos e dos níveis, operada pelas diferentes espécies de agenciamento, será chamada de “transversalidade” (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p.385-386).

construções e possibilidades de pertencimento. Esses pertencimentos são demarcados e agenciados por aspectos territoriais, étnicos, de gênero e de outros aspectos culturais que são diversos e complexos. Cabe salientarmos que todos estes processos identitários, sejam eles quais forem, acabam sendo atravessados por componentes *capitalísticos*¹⁵ que tendem a modelizar as subjetividades, limitando movimentos de novas subjetividades ou processos de singularização.

Segundo Gohn (2008), todo movimento social acaba sendo a expressão de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Segundo a autora, notadamente um movimento social possui suas demandas que configurariam suas ações de lutas. Estas geralmente se articulam gerando redes de mobilizações, práticas comunicativas diversas, que se utilizam também das novas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), projetos e visões e de suas próprias culturas que geram todo um movimento diante de suas reivindicações (GOHN, 2008).

Seguindo estas transformações, Gohn (2008) nos aponta que a década de 1980 também trouxe mudanças muito significativas no que tange as problemáticas que eram abordadas pelos movimentos sociais. Até então, os movimentos sociais ainda se pautavam nas lutas antagônicas de classes sociais, lutas estas que a partir deste período vão se intensificar ainda mais e se apoiar em outras questões relacionadas com o cotidiano e as subjetividades das pessoas. São lutas relacionadas às questões raciais, de gênero, uso de armas nucleares, questões indígenas, de moradia, por questões ecológicas e por outros aspectos múltiplos de ordem vital do humano e do próprio planeta.

Já os anos 1990 vão inaugurar as ações voltadas para as questões de cidadania coletiva, exclusão social e pelas questões relacionadas e geradas pelos processos de globalização e mundialização. É diante deste quadro de acontecimentos que se inserem as discussões relativas às novas teorias contemporâneas sobre movimentos sociais (GOHN, 2008).

Uma maneira de composição social que passou por modificações

¹⁵ Guattari acrescenta o sufixo '*ístico*' a 'capitalista' por lhe parecer necessário criar um terreno que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do 'Terceiro Mundo' ou do capitalismo 'periférico', assim como as economias ditas socialistas [...] Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade. Elas funcionam segundo a mesma cartografia do desejo no campo social [...] (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 15).

significativas foram as dinâmicas dos movimentos sociais a partir dos chamados “Novos Movimentos Sociais ou Novos Antagonismos Políticos como propõe Chantal Mouffe (1988), que vão questionar as abordagens teóricas reducionistas e a precariedade de classificações, nas quais a cultura, as relações intersubjetivas, interpessoais e intergrupais se tornam elementos extremamente essenciais. (JOHNSTON, LARANÃ e GUSFIELD, 2001).

Fazendo um paralelo com o historiador e erudito Francês Michel de Certeau (1925-1986) e as abordagens do cotidiano, Gusfield diz:

Os novos movimentos com freqüência implicam aspectos íntimos da vida humana (...). Estes movimentos abarcam aspectos da vida diária que vão desde o que comemos, como nos vestimos e desfrutamos das coisas até a forma que fazemos o amor, nos enfrentamos a problemas pessoais, ou planejamos nossas carreiras profissionais (JOHNSTON, LARANÃ e GUSFIELD, 2001, p. 8).

Certeau constituiu uma importante parte de sua obra analisando “as maneiras de fazer cotidianas” das massas anônimas. Para Certeau o mundo é visto como diário, um mundo de profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas; abriga táticas do fazer, invenções anônimas, desvios da norma, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes. Sobre o cotidiano se referindo à Michel de Certeau, Alipio de Souza Filho nos aponta que o cotidiano se configura como:

[...] ‘Microresistências que fundam microliberdades’- Microresistências mobilizadoras de recursos inimagináveis, escondidos em gente simples, comum. Recursos ocultos muitas vezes bem debaixo do nariz do poder, dando força à massa anônima e a sua subversão silenciosa. Gente agindo como toupeiras, minando os edifícios bem instalados da moral e da lei, sem objetivos políticos determinados. Pequenas subversões sem propósitos, mas que temperam o cotidiano de ‘maravilhas’ como ‘festas efêmeras’ que surgem, desaparecem e voltam (SOUZA FILHO, 2002, p. 4).

Sendo assim, os Novos Movimentos Sociais influenciados pelo pós-modernismo e pós-estruturalismo, rompem um paradigma tradicional marxista da década de 1960 de uma teoria utilitarista e de uma teoria lógica racional, configurando-se com propostas e ênfases na cultura, solidariedade, lutas sociais cotidianas e processos de identidade. Entre os autores de maior relevância nos estudos dos movimentos sociais encontramos: Touraine, Offe, Melucci, Laclau,

Mouffe, outros (GOHN, 2007).

O Italiano Alberto Melucci (1996), ao explicitar sobre os Movimentos, vai dizer que estes são sistemas de ações e redes complexas entre os diferentes níveis e significados da ação social. Sua produção está centrada, ao contrário de Touraine, que enfatiza os processos macrossociais, no plano mais micro, na ação coletiva de indivíduos, tendo um enfoque mais psicossocial. Melucci em seus estudos fez combinação das subjetividades das pessoas com a análise das condições político-ideológicas de um dado contexto histórico (GOHN, 2007). O ponto de partida de Melucci é a teoria da ação coletiva que é:

Um conjunto de práticas sociais que envolvem simultaneamente certo número de indivíduos ou grupos que apresentam características morfológicas similares em contigüidade de tempo e espaço, implicando um campo de relacionamentos sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo. (MELLUCI, 1996 apud GOHN, 2007, p.154)

Assim, para sintetizar, poderíamos dizer que os Novos Movimentos Sociais não têm base classista - seus interesses são difusos, descentralizados e sem hierarquias internas; são abertos, espontâneos e fluidos; atuam em rede de troca de informações e cooperações (GOHN, 2007). Em suma, são as forças vivas e pulsantes do povo em seus aspectos moleculares.

Gohn (2008), enfatizando as mudanças de sentido nos movimentos, aponta que todas estas outras dimensões da realidade social, também produtoras de saber, vão adentrar as relações que regem estas novas ações, a saber: a arte, as questões míticas e religiosas, as questões do feminino e da cultura popular. Começa-se tecer nas análises dos movimentos os seus aspectos micropolíticos. Quanto à isto, a autora nos aponta que:

Aspectos da subjetividade e dimensões da cultura de um grupo ou das pessoas têm sido os eixos analíticos predominantes neste século. Identidade passa a ser uma categoria a ser utilizada com múltiplos sentidos e significados da identidade jurídica à identidade cultural, da identidade formada por características dos atores a identidades criadas em processos relacionais e estimuladas por políticas públicas que normatizam regras de pertencimento; identidades políticas/nacionais se cruzam com pertencimentos étnicos, religiosos e culturais. Identidade é vista como força e resistência assim como fonte de conflitos, é também elemento de construção de emancipações (GOHN, 2008, p.45-46).

Miranda (1996), outra estudiosa que adere o conceito de subjetividade de Guattari, em seus estudos de psicologia social, diz o seguinte:

Guattari, assim como Deleuze apresentou, ao longo de sua obra, sua preocupação com os modos de vida atuais, onde questões econômico-político-sociais perpassam o campo da subjetividade. Por vislumbrá-la como eminentemente processual, o autor evocou que a importância de toda transformação implica também uma revolução subjetiva, englobando não só as relações de forças visíveis em grande escala, mas também os domínios moleculares de sensibilidade e de desejo (MIRANDA, 1996, p.3).

Caminhando na perspectiva proposta por Félix Guattari (1930-1992), os movimentos sociais são os que primam pela cultura e seus processos de singularidade. Em suas análises, a questão da subjetividade dos atores sociais é de vital importância, prezando a análise do “micro” no cotidiano em relação à defesa da autonomia, enfatizando que esta se faz no plano da sociedade civil contrapondo-se ao poder do Estado e dos governos, e, assim, ressalta que os Movimentos Sociais não devem se diluir no interior dos aparelhos do Estado (GOHN, 2007).

Desta maneira, Deleuze e Guattari não pensam em regimes identitários e de representação, que seriam sistemas molares, mas sim numa proposta que considere a subjetividade. Neste ponto podemos sintetizar e enfatizar a subjetividade como o:

conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial, auto referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva (GUATTARI, 2012[a], p. 19).

A subjetividade, de fato, é *“plural, polifônica, para retomar uma expressão de Mikhail Bakhtine. Ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca”* (GUATTARI, 2012[a] p.11).

Na Obra *Micropolítica: Cartografias do desejo*, de Suely Rolnik e Félix Guattari, os autores nos propõem que as maneiras de perceber o mundo, como as mudanças macrossociais e macropolíticas, necessariamente devem refletir acerca das produções de subjetividades. A micropolítica, desta maneira, contempla um nível de produção de subjetividade que se configura como modos de expressão que não passa somente pela linguagem, mas por níveis semióticos heterogêneos (GUATTARI & ROLNIK, 2005).

Seguindo alguns pressupostos sugeridos por Félix Guattari (2012[b]), será

que poderíamos propor outras formas de agenciamentos coletivos? Poderíamos criar e tecer agenciamentos que efetuem a potencialização da vida, numa emancipação por uma via de produção não capitalista, buscando novas formas de lutar e gerir a vida nos seus mais diversos imbricamentos? Seria possível outra globalização pautada nas redes de solidariedade, de cooperação; ou seja, mais transversal, que comporte uma atuação ético-estético-política?

O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em reflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas. Mas esta escolha ética não mais emana de uma enunciação transcendente, de um código de lei ou de um deus único e todo-poderoso. A própria gênese da enunciação se encontra-se tomada pelo movimento de criação processual (GUATTARI, 2012[b], p. 123).

Diante do exposto, para se pensar os *cacerolazos* enquanto produtor de memórias, pretendemos, a partir daqui, considerar aspectos sobre os territórios e agenciamentos sonoros em que se inserem os *cacerolazos* e também pensar sobre o conceito de memória que envolve tais acontecimentos. Deste modo, poder-se-á vislumbrar os *cacerolazos* em seus elementos e ferramentas como rico dispositivo-campo de singularidades, que se dão num constante movimento nômade. Assim, poderemos tecer este *rizoma*¹⁶ sonoro a partir de uma cartografia de memórias singulares que contemple o tempo do vivido e do acontecimento como possibilidade de criar e recriar microresistências e novas formas singulares de participação em nossa sociedade; desbancando e subvertendo os saberes e memórias hegemônicas até então estabelecidos como únicas vias de se pensar a vida.

Implicações para se pensar o campo de produção sonora dos *Cacerolazos*

Os *cacerolazos*, enquanto acontecimento, trazem consigo toda uma potencialidade sonora e singular que nos permite pensar sobre as formas como a sociedade se expressa e como esta transmite os sentimentos mais diversos que se

¹⁶ Termo emprestado da botânica, onde ele define os sistemas de caules subterrâneos de plantas duradouras e flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior. Pressupõe conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los e não diagramas arborescentes que se procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central ao qual remete cada elemento local (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p.387).

dão diante de algumas realidades e encontros cotidianos, manifestando as suas motivações e desejos para as possíveis mudanças e jeitos de efetuar mundos que não sejam regidos pela força do hábito ou pela força reativa imposta pelos poderes hegemônicos.

As memórias por uma perspectiva de acontecimento fazem referência ao som enquanto elemento de produção de sentido que eclodem em agenciamentos coletivos criativos. Tais agenciamentos se caracterizam pelos encontros e pelas misturas que acontecem nestes encontros; tanto de corpos, quanto de ideias e signos múltiplos. Tais encontros sempre produzem devires que nos colocam num limiar de invenção. São acontecimentos que produzem *virtuais*¹⁷, que não deixam de ser realidades, mas que ainda estão num limiar de ebulição e transbordamento.

Ao entrarmos em contato com as ações coletivas propostas pelos *cacerolazos*, pensamos tal movimento visto a partir de um campo de produção sonora. Para tanto, ao pensarmos o termo sonoro como além do musical, ampliamos o conceito de música e assim podemos contemplá-lo por uma perspectiva contemporânea, que faz um resgate do próprio conceito de *mousiké*, que está conectado ao pensamento musical grego (TOMAS, 2002).

O conceito *mousiké* abrange tudo o que constitui uma presença sonora (canto, dança, palavras, ginástica, ritmo, instrumentos musicais, matemática, física), pois o som se compreende como sentido e não como significação. “Quando dizemos que o som era sentido, sua força era de tocar o homem para qualquer lugar e não de fazer o homem refletir sobre este fenômeno, dividi-lo ou analisá-lo” (TOMÁS, 2002, p.50).

Os finais do século XIX e início do século XX colocaram em xeque os paradigmas estéticos, perceptivos e formais que, até então, eram conhecidos e vistos como hegemônicos dentro da arte e possibilitando transformações e desdobramentos irreversíveis em todas as áreas do conhecimento.

A música, com o seu caráter fluído e de evanescência material, de alguma maneira parece ter motivado práticas culturais que promoveram uma espécie de território mnemônico formalizador, instaurando uma objetividade na escuta. A

¹⁷ Em Deleuze o virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. Neste sentido, ‘o virtual possui uma plena realidade como virtual’. Para Marcel Proust (1871-1922), escritor francês, em ‘O tempo redescoberto – Em busca do tempo perdido’ (1958) os virtuais são: “reais sem ser serem atuais”, “ideais sem serem abstratos” e “simbólicos sem serem fictícios”. Neste sentido o virtual deve ser definido como uma própria parte do objeto que não pode ser determinada (DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006[a]. p.294-295).

escuta, sendo atravessada por componentes semióticos, tais como a escansão, a rima, os versos entoados, os cadenciamentos, as estrofes e o refrão, acabaram orientando a prática da música durante séculos (RODRIGUES, 2008).

Claro que a música e todo campo sonoro são produtores de sentido e sempre inventarão uma forma de criar linhas de fuga, rotas e trajetos para novos jeitos de se fazer e de se reinventar práticas e sentidos.

Diante desse quadro fixo de produção de significação da música, o que podia se esperar era uma ruptura da música com o *sistema tonal*¹⁸ e com as formas rígidas composicionais, e também uma tendência de dissolvência de elementos tais como consonância-dissonância. Assim, cresceu o emprego de tonalidades diversas justapostas e da polirritmia, a infiltração oriental e o uso das escalas não temperadas, a absorção do ruído, da improvisação e do aleatório. A inserção da música eletroacústica, a inserção de materiais extramusicais e todo tipo de experimentação começaram a surgir, possibilitando novas paisagens e experiências no cenário musical (TOMÁS, 2002).

Quando abordamos a questão dos *cacerolazos*, cabe salientar e orientar os leitores e estudiosos sobre a problemática linguística e de significação que propõe as palavras ruído e som, para que possamos compreendê-los enquanto um campo ou território de produção sonora que possibilite inventividades e produções da estética de si.

Para tanto, iremos traçar um panorama geral no qual se inserem estes aspectos relacionados às paisagens e produção de territórios sonoros diversos, numa tentativa de possibilitar uma maior compreensão destes que caracterizam e aprofundam os aspectos pelos quais iremos tecer o percurso em torno dos *cacerolazos*. Desta maneira, verificaremos novas e múltiplas possibilidades de agenciamentos das memórias que se conectam e se produzem a partir de tais

¹⁸ O Sistema Tonal está presente na música ocidental a partir do período Barroco (1600 em diante) e passando pelo Classicismo, Romantismo e chegando até nossos dias - destaca-se pelo contraste entre o modo maior e o menor, pelo conceito de função harmônica e suas polarizações (tônica, subdominante, dominante) e pela melodia acompanhada por acordes formados pela superposição de tríades. Ainda há, no tonalismo, uma nota centro: ela, no entanto, é abandonada para criar uma expectativa de retorno. Há uma tensão que anseia por resolução, há um risco constante de perda da unidade. Como consequência, a música tonal pode ser submetida a modulações, isto é, a mudanças de centro no interior de uma mesma peça. São exemplos de músicas tonais as obras dos mestres da música erudita mais conhecidos, como Bach, Mozart, Beethoven, Schumann e Wagner, e quase toda a música popular que ouvimos desde que nascemos (MOLINA, Sidney. Música Modal, Música Tonal, Música Atonal I. Conservatório Musical Mozart. Disponível em: <<http://www.cmozart.com.br/Artigo8.php>> Acesso em: 21/05/2011.

encontros, dos devires entre o indizível-audível-inaudível. Tais implicações sonoras serão de fundamental importância para pensar como é possível a articulação entre este acontecimento e a produção de memórias, a partir do rico campo de possíveis que eclodem no contexto dos *cacerolazos*.

Territórios Sonoros

Percorrendo as grandes transformações da humanidade pelo campo das sonoridades, podemos de fato tecer uma narrativa que nos revela que todo e qualquer agenciamento histórico compreende uma movimentação em diversas camadas de signos. São mudanças que afetam nossas visualidades, nossas escutas, nossas sensações e percepções e, assim, produzem em nós subjetividades das mais variadas. Tais movimentações que agenciam acontecimentos criam suas *dobras* e compõem novos jeitos de existir.

Como signos, entendemos que são os efeitos de encontros com o mundo. Numa perspectiva deleuzeana, o signo não é compreendido como entidade abstrata, mas o mesmo está intrinsecamente ligado aos momentos mais concretos e cotidianos, não confundido os signos com os próprios momentos concretos. Um signo se produz quando este está implicado num sentido que transcende as significações já cristalizadas do objeto ou fato observado. Assim, tais implicações se dão numa mistura essencial, pré-material e pré-individual que nos encontros acaba por transbordar nossa percepção consciente e nos causam o sentimento de que o objeto ou acontecimento observado carrega consigo a alma de um outro objeto. Ou, nas palavras de Deleuze, “*o signo implica em si a heterogeneidade como relação*” e seu aprendizado coloca em questão partes que não se relacionam semelhantemente entre si. O que, senão o signo, reuniria “*o perfume de uma flor e o espetáculo de um salão, o gosto de uma madeleine e a emoção de um amor ?*” (DELEUZE, 2003, p.21 e 86).

Partindo destas premissas, os múltiplos acontecimentos inscritos na história, sejam os que foram estabelecidos como de maior evidência por nossas construções sociais, ou até mesmo aqueles que nem chegaram ao nosso conhecimento, se referem às grandes mudanças no que diz respeito às mutantes transformações das paisagens sonoras dos lugares constituintes de vida: quer sejam as vidas minerais, vegetais, animais, humana ou máqunicas. Isto é, a complexa ecologia a qual

estamos inseridos. Guattari (2012[b]), em seu livro *As três ecologias*, nos alerta para a necessidade de uma mudança de mentalidades, de conquista de novas práticas de si com relação ao outro e ao meio ambiente. Ele propõe uma *ecosofia*, uma articulação ético-estético-política entre as esferas do ambiente, das relações humanas e da subjetividade, que nos permite compreender questões fundamentais para a manutenção da vida, sendo não uma fixidez da mesma e sim a invenção de nós mesmos como *obra de arte*. Diz ele, logo nas primeiras páginas do livro:

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 2012[b], p. 8-9)

Ao nos permitir entrar em contato com o mundo de signos em que estamos envolvidos, podemos apreender um pouco destas mudanças de paisagem que ocorreram no mar, nas florestas, no campo, nas cidades e nas nossas relações cotidianas e espaços as quais estabelecemos contato.

Ao entrar em contato com a vida e com as diversas mutações que foram sendo engendradas pelas revoluções cotidianas, vamos perceber uma multiplicidade de mudanças no que diz respeito ao campo das sonoridades e, desta forma, poderemos entender e criar novas possibilidades de percepções e escutas de como ainda se criam estas relações no que tange aos territórios sonoros atuais, que envolvem, em nosso caso, o estudo dos *cacerolazos*.

O compositor, músico, educador e pesquisador Raymond Murray Schafer (2001), ao discorrer de forma pioneira sobre tal temática em seu livro chamado “*A afinação do Mundo*” de 1977, aponta para estas mudanças tão negligenciadas e que foram se dando de forma constante, denominadas por ele como *Soundscape* - Paisagem Sonora. Para Schafer, *Soundscape* significa todo e qualquer evento acústico que compõe um determinado lugar, podendo ser um ambiente físico real, um ambiente abstrato ou criado pelo homem (SCHAFFER, 2001).

As pesquisas de Schafer dizem respeito a uma ecologia sonora e apontam para os perigos de uma difusão indiscriminada e imperialista dos sons. Sons estes

que capturam nossas escutas e as circunscrevem num domínio de poder.

Neste sentido, o autor nos incita aos modos de criação e inventividade que podem gerar novas condições de escuta, suscitando outros espaços-tempos de pertencimento e produção de sentido da cidade.

Em seus estudos, Schafer fez um panorama sobre estas paisagens, num recorte que vai desde os tempos pré-históricos até o ano de 1975. Schafer vai reconstituir e resgatar as memórias desde as primeiras paisagens sonoras ligadas aos eventos naturais até aos eventos de saturação sonora que o autor vivenciava e que refletem sobremaneira os ambientes em que estamos submetidos em nossas realidades atuais. Ele discorre sobre o campo sonoro produzido por toda a forma de vida, pela introdução do trabalho e comércio, e pelas máquinas a partir da Revolução Industrial e Elétrica.

Tais territorialidades sonoras sempre tiveram a capacidade de criar mundos possíveis. Mundos ligados a natureza, ao imprevisível, ao amor, ao cotidiano. São outras temporalidades que se instauram no encontro com tais acontecimentos, possibilitando ao homem novas afecções bem como caminhar em outras direções.

Ampliando tais perspectivas, quando se fala em território e na movimentação destas matérias e qualidades expressivas, podemos pensar em territórios dinâmicos que se desterritorializam e reterritorializam constantemente. A síntese destas dinâmicas é o que Deleuze e Guattari denominaram de *Ritornelo*. Tal termo aparece cunhado pela primeira vez em 1979 por Guattari em seu livro “*O inconsciente maquínico*”. O termo foi tomado emprestado da música e é pensado como conceito para considerar as questões que se relacionam com o território. O conceito na música serve para designar uma passagem recorrente de um padrão a ser repetido em uma obra musical (GUATTARI, 1988).

Nesta perspectiva, o conceito designa toda e qualquer matéria de expressão (sonora, visual, tátil, olfativa) que traça um território, que cria tempos não cronológicos. Neste sentido, o *ritornelo* se conecta diretamente com os conceitos de tempo *Aion: tempo do acontecimento*, que será trabalhado no próximo capítulo.

Para maior compreensão, o *ritornelo* pode ser mais bem compreendido nas duas tríades que se apresentam nas obras de Deleuze e Guattari e expressam sua dinâmica. No *Mil Platôs* se apresenta assim: 1) buscar um território seguro que dê conta do caos; 2) habitar tal território para filtrar o caos; 3) criar um fora (desterritorializar) em direção a um cosmo diferente do caos (DELEUZE &

GUATTARI, 1997[a]). A outra tríade encontra-se em *O que é Filosofia*: 1) procurar um território; 2) partir ou desterritorializar; 3) reterritorializar (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

Desta maneira, o conceito de ritornelo remete-se diretamente ao acontecimento. O próprio Deleuze indica a música como espaço deste ritornelo. Neste sentido, pode-se pensar tais repetições expressivas que criam tais territórios, a coexistência de dois níveis de repetição, a repetição da memória e repetição do esquecimento, uma repetição ontológica que distribui a diferença para as demais repetições (DELEUZE, 2006[a]).

‘Não há o tempo como forma a priori, mas o ritornelo é a forma a priori do tempo, que fabrica de cada vez tempos diferentes’. A memória é um ritornelo. O futuro é um ritornelo. E o presente, como ritornelo de todos esses ritornelos, constrói os múltiplos tempos que se refletem na imagem cristal. Cristal do tempo: nele se pensa o impensável, se discerne o indiscernível. Aí se começa a pensar, sem que seja um começo, fazendo trabalhar o pensamento como ritornelo (GIL, 2008,p.139).

O ritornelo aglutina tudo e pode ser pensado como uma máquina que atrai e mistura tudo. Mistura de corpos, de desejos, de afetos, de sons, de cores, de timbres, de gritos, de texturas, de intensidades, que se engendram criando territórios que se desterritorializam e reterritorializam à medida que novos blocos de agenciamentos acontecem.

Diante desta perspectiva, Schafer (2001) aponta para as mudanças introduzidas no âmbito das relações humanas, cujas mudanças alteraram esta relação com as paisagens sonoras. Tais mudanças são peculiares a cada região geográfica; elas acontecem de acordo com os tipos de materiais naturais, minerais e vegetais disponíveis e, desta maneira, acabam por engendrar novos campos sonoros. Cabe ressaltar que as territorialidades podem ser favoráveis à potencialização da vida ou desfavoráveis. Neste sentido, Schafer enfatiza seus estudos numa perspectiva mais crítica e negativa das formações destes territórios sonoros, ao propor uma suposta “afinação do mundo”.

O autor descreve todo o processo que nos leva do campo à cidade e nos faz perceber todo um mundo de sons que foram sendo criados e difundidos sem nenhuma discriminação ou cuidado. Desta forma, expõe toda mudança que se dá no espaço a partir da introdução dos sinos – elemento sonoro que muda significativamente toda a relação de tempo-espaço das pessoas, criando

demarcações e circunscrições no que diz respeito ao nascimento, à morte, a colheita, as festas, as revoluções, entre outros. O autor destaca as transformações dos espaços públicos, mostrando como as ruas começam a ser povoadas por mercadores que criam novas paisagens sonoras específicas em relação ao comércio que introduz toda uma mudança nos fluxos destes trajetos. Nesta nova configuração, pode-se ouvir constantes sons provenientes dos animais, das carroças, dos chicotes, dos gritos dos mercadores, dos pregoeiros, da infinidade de ambulantes, dos mendigos e de músicos de rua que habitam estes espaços (SCHAFFER, 2001).

Pensando toda a relação de tempo e a explosão da flecha do tempo em suas múltiplas direções, chegamos às novas paisagens sonoras construídas pela Revolução Industrial e ampliadas pela Revolução Elétrica. Antes destas revoluções, Schafer assinala que o trabalho costumava estar associado à canção, sobretudo aos famosos *cantos de trabalho*. Os ritmos das tarefas diárias estavam intimamente ligados à sincronia entre respiração e movimentos corporais dos mais diversos. Antes de tais revoluções, os cantos dos marinheiros, as canções campestres e as oficinas davam o ritmo, que os vendedores de rua e às floristas imitavam ou cantavam em contraponto, numa vasta sinfonia coral, trazendo, assim, seus cantos para a cidade. Mas tais mudanças introduziram a morte dos cantos. “*O trabalho era orquestrado pelo número de revoluções por minuto e não pelo ritmo da canção, do canto ou do tamborilar dos dedos*” (MUNFORD apud SCHAFFER, 2001, p.99).

Com a Revolução Elétrica, duas novas questões técnicas foram introduzidas em nossos contextos. Uma delas diz respeito ao empacotamento e estocagem do som e a outra diz respeito ao afastamento do som de suas fontes e contextos originais – quadro este chamado por Schafer de esquizofonia. Uma série de invenções, a partir da segunda metade do século XIX, tais como: a pilha elétrica, o acumulador, o dínamo, a luz do arco elétrico e, a partir disso, a invenção do telefone, do radiotelégrafo, do fonógrafo e o cinema animado, que inauguraram mudanças significativas nos comportamentos e nas relações humanas. A partir disso, as fontes geradoras se concentram e, com isso, os receptores, isto é, o número de pessoas que são atingidas por tais mudanças, vão passar a ser milhares, como no que acontece a partir do evento do rádio (SCHAFFER, 2001).

O homem move-se no ritmo do meio. Episódios como as grandes

navegações, as revoluções industrial, elétrica ou segunda revolução industrial, e a tecno-científica, marcaram a história determinando novos ritmos de vida às populações, proporcionando reflexões sobre a organização do espaço geográfico. Assim, se pensarmos na quantidade de sons que o mundo passa a produzir e absorver após cada um destes marcos, torna-se possível fazer recortes históricos e atribuir um “*grande barulho*” (TORRES, 2007, p.4-5), a cada novo período que surge.

Toda esta expressão da obra de Schafer (2001) nos aponta para a produção de sentido que pode ser inventada a partir dos acontecimentos sonoros e revela que todos os acontecimentos sonoros que nos rodeiam têm implicações nos campos sonoros como territórios de poder e de invenção de novos mundos.

Em seus estudos, Schafer relaciona todas estas construções sonoras ao poder, apontando que este, pouco a pouco, passa a ser transferido de um aspecto divino para aspectos humanos. Se antes tínhamos os sons de trovão, tempestades e vulcões como manifestações de poder naturais, tais poderes começam a se manifestar nos sinos das igrejas e do órgão de tubo pelo poderio dos monges e, posteriormente, pelos ruídos das máquinas a vapor e dos jatos de vapor das fornalhas pelos donos das fábricas (SCHAFFER, 2001).

O que é importante perceber é que: ter o ruído sagrado não é, simplesmente, fazer o ruído mais forte, ao contrário, é uma questão de ter autoridade para poder fazê-lo sem censura. Onde quer que o ruído seja imune à intervenção humana, ali se encontrará um centro de poder [...] Um rápido exame da potência sonora de qualquer seleção representativa das máquinas modernas é suficiente para indicar onde estão os centros de poder da vida moderna (SCHAFFER, 2001, p. 114).

Assim, quando o poder do som é suficiente para criar e modelizar perfis acústicos, pode-se considerá-lo imperialista, pois gera uma dominação sobre o espaço público. Do mesmo modo as práticas cotidianas vão envolver estas relações de poder na constituição dos territórios, nos quais determinados sons de alta intensidade se sobrepõem a outros gerando instabilidades e até mesmo imposições ideológicas. Como nos aponta Schafer, se os canhões fossem silenciosos nunca teriam sido utilizados na guerra (SCHAFFER, 2001).

Giuliano Obici (2008) também nos remonta a este sentido nos falando sobre os *territórios vestíveis*, que nada mais são que territórios criados em nosso entorno para dar conta do caos que nos atravessa e que cria certas instabilidades, descompassos, quebras e cisão em nossas certezas. Diante disso, se pode criar um

território transportável que permita uma sensação de estabilidade e proteção. Esses territórios nos aportam para os aspectos sonoros que modelizam escutas, como as canções e diversas distrações sonoras emitidas pelas mídias móveis, tais como *mp3 player*, *ipods*, *iphones*, *laptops* e celulares, dos mais diversos modelos e tecnologias, que são portados pelas pessoas em seus trajetos diversos pelas cidades e espaços que estas comportam (OBICI, 2008).

O próprio Schafer afirma que, a partir da revolução elétrica, a possibilidade de se criar potência sonora propiciou a criação de novos espaços de escuta e também fez com que novas possibilidades sonoras surgissem em meio a estas transformações sonoro-imperialistas. Foi o caso das grandes orquestras de Wagner e Berlioz no século XIX. Diante de tais construções e modificações expressivas no campo sonoro, diversos artistas surgem com suas propostas e provocações políticas (SCHAFFER, 2001).

Muitos compositores, artistas e pensadores tratam estas questões das formas mais variadas, quer seja como material de produção musical, ou em formas de tratado, manifestos e livros. Entre eles citamos Luigi Russolo (*A arte do ruído: manifesto futurista*, 1913), Eric Satie (*Música de Mobiliário*, 1920), Jonh Cage (*4'33"*, 1952 e *Silence*, 1961), Pierre Schaeffer (*Tratado dos objetos musicais*, 1966) e o próprio Murray Schafer (*A afinação do Mundo* – 1977).

Schafer, em 1969, vai orquestrar um grande projeto em parceria com um grupo de pesquisadores – Bruce Davis, Peter Huse, Barry Truax e Howard Broomfiel – da Simon Fraser University, no Canadá, voltado para a ecologia sonora, um projeto denominado de *World Soundscape Project* (WSP) – Projeto Paisagem Sonora Mundial. O intuito era possibilitar, pelas vias de intersecção da arte e da ciência, uma interdisciplinariedade que contemplasse estudos relacionados aos ambientes acústicos e seus efeitos sobre o homem, sobre as modificações e melhoras dos espaços sonoros, a educação e sensibilização de estudantes, pesquisadores e público geral em torno destas questões e, com isso, gerar um material rico que permita crescentes estudos na área (SCHAFFER, 2001).

Pode se notar em seus escritos a evidência e valorização que Schafer foi dando à necessidade de se criar e promover espaços que pudessem reestabelecer ou até mesmo criar paisagens sonoras agradáveis que possibilitassem uma melhor qualidade auditiva e sensibilidade estética das pessoas com o meio ambiente e espaços cotidianos dos quais estabelecem algum tipo de relação. Desta forma, seu

projeto vislumbrava uma educação e sensibilização de profissionais que pudessem arquitetar, em seus novos projetos, uma preocupação com a ecologia acústica, criando edifícios e espaços que fossem “politicamente corretos” em termos auditivos e assim promovessem uma sociedade consciente que respeitasse os limites de ruído, numa busca de um ambiente acústico ideal.

É muito claro constatar a singular contribuição de Schafer, no que diz respeito ao entendimento destes processos de transformações ocorridas ao longo de nossa história e as possíveis medidas um tanto criativas que foram sendo arranjadas diante do quadro caótico que se apresentava permitindo pensar o campo sonoro não só a partir da música, mas também por aspectos micropolíticos. Porém, podemos destacar que o autor em sua visão ecológica-jurídico-higienista acerca do ruído, ressalta os aspectos de combate, limpeza, adestramento e apaziguamento dos ambientes sonoros. Assim, podemos inferir que seu pensamento contempla aspectos de uma forma disciplinar em relação aos espaços sonoros.

Atualmente vivemos momentos cada vez mais centrados na força do hábito e das formas gregárias de existência. Desta maneira, a formatação de territórios seguros são tendências que protegem o homem do caos. Ao criar espaços seguros, o homem acaba criando isolamento das forças ativas que poderiam levá-lo a outros níveis.

Muitas são as formas de se criar estes espaços protetores. Como exemplo, usamos o nosso próprio cantarolar no escuro para instaurar um lugar subjetivo de segurança e tranquilidade, embalamos uma criança no colo, desfilamos com nossos *aparelhos móveis* (*Mp3s, celulares, Ipods, iPhones*) numa possibilidade de criarmos um território que nos proteja a todo tempo. Criamos um espaço do dentro e do fora, e demarcamos os limites que separam tal território das forças externas, que se configuram como ameaças.

Será que todas estas forças de fato seriam ameaças? Será que podemos vislumbrar o ruído somente por seus aspectos negativos? Não caberia outra postura diante de tais transformações?

O que muitas vezes consideramos ameaças, na verdade, seriam as possibilidades de se lançar em novas experiências inventivas. Talvez se pudéssemos pensar numa postura um pouco menos rígida e demonizadora dos ruídos, poderíamos vislumbrar outros aspectos que revelam a potência, os processos de ruptura e criatividade a qual este campo de produção de

subjetividades pode possibilitar. A história da música, como já mencionamos, é um bom exemplo de como tais mudanças e acontecimentos podem instaurar novos modos de arte e de existência.

A grande questão, talvez pouco enfatizada por Schafer, seria pensar em possibilidades inventivas, em novas práticas que se configurem como uma contrapartida ou subversão do que está posto como fim único de significação e/ou uso. Faz-se urgente e emergente criar territórios de contágio, para permitir brotar ou visualizar novas camadas de sentidos e com isso gerar novas inventividades. Diante de tais produções de subjetividades, que não consideram a vida potente, o que no resta a fazer ou inventar? Podemos pensar que resistir seria insistir sempre em inventar mundos. E pensar nestes novos mundos não é somente demonizar as tecnologias, ou querer banir totalmente o que já se construiu; mas, nós mesmos reinventamos e subvertermos os sentidos já postos e assim extraímos a vida que pulsa e é potente.

Todos estes aspectos nos fazem ir além dos aspectos que polarizam ou significam as questões que se referem ao ruído-poder ou silêncio-poder, de forma a criar a possibilidade de pensar numa produção de sentidos em campos sonoros, cujos os diversos aspectos se entrelaçam e implicam-se no decorrer dos tempos.

Wisnik (1999) em sua Obra “O som e o sentido” nos fornece um bom entendimento destes aspectos em seus estudos musicais, pois estes abrangem não somente a música tonal européia, mas a música dos povos africanos, indianos, orientais e indígenas e também as músicas ocidentais de vanguarda do século XX. Assim, Wisnik desmontando o som em seus elementos constitutivos – som, ruído e silêncio – aproxima os elementos tais como corpo e música, pulsação musical e pulso sanguíneo e respiração (WISNIK, 1999).

Em seu livro o autor apresenta a cultura Suyá pesquisada pelo antropólogo Anthony Seeger que usa o canto como forma de instaurar e criar ordem em seus mundos. Esta ordenação do universo em oposição ao caos é apontada por Wisnik quando afirma que:

Cantar em conjunto, achar os intervalos musicais que falem como linguagem, afinar as vozes significa entrar em acordo profundo e não visível sobre a intimidade da matéria, produzindo ritualmente, contra todo o ruído do mundo, um som constante (um único som musical afinado diminui o grau de incerteza no universo, porque insemna nele um princípio de ordem) (WISNIK, 1999, p.27).

Os estudos de antropologia do ruído proposto por Wisnik estendem-se a partir do canto gregoriano: que nega o pulso e a multiplicidade dos timbres; banindo, desta maneira, todo ruído. Passa pela música tonal moderna, revelando a música sinfônica como exemplo que evita a percussão e o ruído; e chega na música contemporânea do século XX, que incorpora o barulho/ruído como elemento integrante da linguagem musical e elemento de reflexão e estudos no campo das sonoridades (desde Stravinski, na Sagração da Primavera, a Jonh Cage, com seus silêncios/ruídos encadeados), como já mencionada anteriormente.

Desta maneira, o ruído ganha espaço na música de vanguarda, revelando-se nos Clusters (pancadas no piano), Glissandi (deslizamento do tom sem subdivisão cromática), música aleatórias, etc (WISNIK, 1999).

Wisnik, diante desses estudos e realizando um recorte singular, reconhece que as escutas atuais são “múltiplas” e através de seus estudos podemos perceber nesta multiplicidade sonora, a potência e possibilidades entre uma música que revela o ordenamento e ao mesmo tempo o caos do mundo.

Obici (2008) nos aponta estes novos aspectos que a escuta vai adquirir e assim nos abre a possibilidade de pensar numa escuta onde nossos ouvidos possam mobilizar uma atitude criadora que é também uma forma de inventar escutas, de uma escuta que desliza e torna o território sonoro móvel e nômade.

Às vezes, em meio à cachoeira, esquece-se do veneno do ônibus, que pode ser tão instigante quanto os jardins sonoros apaziguadores. Talvez seja preferível escutar um pouco do veneno da máquina na cidade do que ser aprisionado por uma idéia bucólica e protegida (OBICI, 2008, p.50).

Ao se lançar em novas experiências, tais forças podem criar, em determinadas condições, suas próprias linhas de fuga - que nada mais são do que elementos que saltam e invadem tal território desestabilizando condições de proteção, ou forças que escorrem ao encontro de outras forças do fora. Neste sentido, uma canção pode ser invadida pelos sons intensos da chuva e trovão que estão do lado de fora de uma casa e assim criar outras perspectivas de percepção de mundo.

Claro que, neste momento, a instabilidade e angustia se instalam e começam a traçar novas forças que irão se aglutinar e possibilitar outras condições de abertura ao novo, ao imprevisto, ao inesperado que vão de encontro com o mundo e com a

vida que pulsa.

Aqui aparece o improvisar, que é quando as forças e a própria vida nos tocam e nos convidam a compor com elas. Tudo isso não é planejado, apenas nos invade e nos força a escutar, a criar, a caminhar, a traçar novos rumos e se misturar ao mundo.

O que nos cabe em nossa atualidade? Quais escutas nos são possíveis em nossos cotidianos? Que linhas de fuga podem capturar nossos ouvidos e desta maneira incitá-los e levá-los a visitar o extraordinário que habita os espaços invisíveis de nossa cidade, e de nossas histórias?

3. MEMÓRIAS COMO ACONTECIMENTO

Perdi a Memória
 Turvou-se-me o pensamento
 Não posso contar a minha história
 Perdi a razão do tempo.¹⁹

Antônio Variações

Nosso estudo sobre memórias dos *Cacerolazos* se insere no campo dos acontecimentos, lugar este que cria abertura para múltiplos possíveis. Tais questões são efetuações e processos abertos, imprevisíveis e arriscados em relação aos acontecimentos propostos pela vida e se dão numa maneira de sentir e agir bastante diferentes do que corresponde à ação de um suposto sujeito sobre um objeto.

Assim, os *possíveis*, segundo o sociólogo e filósofo Maurizio Lazzarato (2006), não são os que vão orientar ações preconcebidas do tipo ou/ou, mas se refere a um possível que precisa ser inventado, que distribui por outra lógica as potencialidades, deslocando posições binárias a favor de uma multiplicidade (LAZZARATO, 2006).

A memória, vista por este aspecto, permite entrar em contato com as forças de um *acontecimento*, desviando-se assim de suas determinações históricas vistas e circunscritas por um único olhar e sentido para, então, a partir de uma memória viva e aberta criar algo novo, novos mundos que se dão nesta mistura de corpos e possibilitam uma redefinição de objetivos e metas.

Como nos apresenta Lazzarato (2006), em seus desdobramentos de estudos, o *acontecimento* é esta possibilidade de uma nova política-mundo, de um novo transnacionalismo. É a forma de se efetuar novos sujeitos que deixam de ser classes operárias, e passam a ser apenas a multiplicidade do possível.

Este porvir anuncia um novo povo, uma nova terra. São agenciamentos e puros devires.

Pode ser que nada mude ou pareça mudar na história, mas tudo muda no acontecimento, e nós mudamos no acontecimento: “Não houve nada. E um problema do qual não se via o fim, um problema sem saída..de repente não existe mais e perguntamos de que falávamos”; ele passou a outros problemas; ‘nada houve e estávamos num novo povo, num novo mundo, num novo homem’ (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 134).

¹⁹ Trecho da Canção “*Perdi a Memória*”, do compositor e cantor português – Antônio Variações (1944-1984). presente no seu último álbum “*Dar e Receber*” de Fevereiro de 1984..

Para se compreender a memória pela concepção do conceito de *acontecimento*, cabe levantarmos algumas questões teóricas e outros conceitos que se relacionam com o primeiro para que haja uma maior e clara compreensão de todo o nosso estudo conduzido nesta perspectiva.

Não dá para se pensar em termos de *acontecimento* se não pararmos para refletir sobre algumas questões e problemáticas relacionadas ao que entendemos sobre *tempo*. De fato, a clareza sobre as múltiplas formas de se compreender o tempo e de como este é trabalhado em nossa pesquisa, possibilitará uma maior compreensão de questões ligadas à memória e, conseqüentemente, da própria vida.

O tempo é este paradoxo que começa a ser problematizado, resgatando-se e produzindo outros sentidos relacionados às novas territorialidades que emergem a partir das grandes navegações e quebra de fronteiras iniciadas no século XV.

As relações mercantilistas remontam a agenciamentos que tenderiam a consequências globais desastrosas ou imprudentes no atual estágio em que vivemos do século XXI. As acelerações a partir do século XIX, diante das grandes revoluções industriais e tecnológicas, e com as sucessivas explosões demográficas, trouxeram novas percepções em relação ao espaço-tempo. A aceleração conferida pela contemporaneidade nos colocou em novos ritmos de corpos e de ideias; com isso houve uma grande mudança na utilização de novas formas de produção, de novas descobertas energéticas e na possibilidade de utilização de diversos tipos de materiais nas suas diversas e inovadoras formas de processos humanos e tecnológicos. Houve uma explosão dos grandes centros urbanos, com a população crescendo cada vez mais, e com isso uma explosão do consumo (SANTOS,1994).

Quando se pensa sobre o tempo, sabemos e temos certa clareza que existe um tempo que é este que podemos contar – que é o tempo dos calendários e relógios, numa perspectiva de tempo demarcado e metrificado. Mas, também temos algum tipo de percepção sobre outra noção de tempo – outro tempo que parece durar e ser percebido totalmente diferente do que este que pode ser contado. Um tempo que apreende o invisível, as memórias, as micropercepções e microssensações do estar presente na vida em toda a sua intensidade. É neste outro tempo que estamos interessados, o tempo enquanto *acontecimento* (que não está desvinculado do tempo que é contável). Este vai inserindo e produzindo em nós o que somos e já não somos, isto é, as múltiplas dobras, desdobras e redobras da memória que coexistem virtualmente em nós.

Para entendermos melhor tais aspectos vamos nos reportar aos séculos IV e III a.C para compreendermos questões relacionadas ao tempo que foram vislumbradas pelo *estoicismo antigo*²⁰.

3.1. O TEMPO DO ACONTECIMENTO

Para Deleuze, os paradoxos são constitutivos do pensamento dos estoicos, que são as suas paixões; uma visão perturbadora do tempo que destoa de uma serenidade, que se torna a marca de toda a obra deleuzeana. O tempo na concepção estoicista é um *incorporal* (PELBART, 2007).

Para compreendermos melhor tal concepção do estoicismo temos que compreender primeiramente o tempo *cronos*: tempo contado que abarca todo um presente que se estica criando delimitações, mensurações de ciclos, pulsações que se contrai e se estica para conter este presente; isto é, um movimento regulado dos presentes vastos e profundos (PELBART, 2007).

Na concepção de *Cronos*, só o presente existe no tempo. O futuro se dá por dimensões relativas ao presente no tempo. *Cronos* é da ordem dos corporais, num processo de incorporação: temperar, temporalizar, misturar (DELEUZE, 2011).

O presente mede e delimita a ação dos corpos e de causas (cosmos) do que resta de paixão em um corpo, das causas corporais que se efetuam entre si. Seria um infinito sem ser ilimitado, um circular que se contrai e se dilata em profundidade para absorver e acolher todos os presentes relativos (DELEUZE, 2011).

Deleuze (2011) resgata os estoicos e nos apresenta o próprio *Cronos* visto por outra perspectiva. O autor aponta uma concepção de presente enquanto perturbação de profundidade temporal, uma mistura venenosa que derruba e

²⁰ O **estoicismo** (do grego *Στωικισμός*) é uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio no início do século III a.C. O estoicismo foi uma doutrina que sobreviveu todo o período da Grécia Antiga, até o Império Romano, incluindo a época do imperador Marco Aurélio, até que todas as escolas filosóficas foram encerradas em 529 por ordem do imperador Justiniano I, que percepcionou as suas características pagãs, contrária à fé cristã (WIKIPÉDIA. A enciclopédia Livre. Estoicismo. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/ Estoicismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo)> Acesso em: 01/07/2011).

Para os estoicos, é no plano da física que se encontram os corpos com seus limites e tensões internas. Os corpos são causas uns para os outros de certos efeitos de superfície. O plano da lógica diz respeito aos incorporais, aos acontecimentos e aos laços dos efeitos entre si. Os estoicos tratam positivamente aquilo que Platão chamava de simulacros. Os estóicos concebem que no limite dos corpos dão-se os acontecimentos, os quais são expressos pela proposição Os simulacros platônicos sobem a superfície e tornam-se sentido. O exprimível é tratado com um estatuto 'positivo', ou seja, é o que nos permite falar dos acontecimentos que ocorrem no mundo envolvendo as coisas e estados de coisas (DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2011 p. 131-136).

subverte toda medida, um *devir* louco das profundidades, uma subversão do próprio Zeus ou do próprio Cronos; um mau Cronos, um Saturno que ruge no fundo de Zeus. Assim, podemos pensar num louco deslocamento e enlouquecimento temporal que abre possibilidades para se pensar outro tempo, denominado de *Kronos*.²¹

A teoria dos “incorporais nos possibilita entrever a possibilidade real de pensar e problematizar outra “ontologia”, de caráter não metafísico” (BRÉHIER, 2012, p.08).

Mas o que seria este incorporal? Podemos dizer que seria algo sem corpo, ser ou forma física?

Podemos afirmar que o *incorporal* é um *quase-ser*; isto é, não tem uma realidade própria por si só, pois depende dos agenciamentos de corpos. Estes se incorporam e ganham existência quando se referem aos corpos. São nestes movimentos que a dinâmica do tempo irá se compor calcada sobre a do espaço (PELBART, 2007).

Nesta perspectiva, Spinoza contribui indicando estes agenciamentos de corpos e suas relações. Quando em sua obra *Ética* apresenta suas definições, postulados e proposições, menciona um corpo que pode ser afetado de muitas maneiras, nos fazendo atentar para a capacidade da potência deste corpo em poder ser constrangida ou potencializada de acordo com as afecções as quais este corpo se mistura. São nestas relações e dinâmicas de repouso e movimento, de velocidades e lentidões, que se definem um corpo. Então, nesta perspectiva, não são pelas funções orgânicas que se determina ou define a ação de um corpo, mas nas interações, misturas e relações que se produzem em suas afecções. É um deslizamento que se introduz nos “*entres*”, que se instalam pelo meio. Sendo assim, Spinoza (2011) pensa o corpo não pela via das substâncias e sujeitos, e sim pelos modos complexos de afetar e ser afetado (SPINOZA, 2011).

Estes agenciamentos de corpos produzem tempos fora de suas linearidades e de seus eixos. Um tempo fora do tempo, tempo do acaso, sem estabilidade e sem objetividade.

²¹ Kronos (κρονός), divindade helênica, é filho de Urano (a quem ele castra) e pai de Zeus. Em latim: Saturno. Cronos (Χρόνος), por sua vez, designa normalmente o tempo ou sua medida. Procedem de radicais diferentes, e a etimologia de ambos parece desconhecida (em francês grafa-se o último *Chronos*). A substituição do primeiro pelo segundo parece ter sido feita pela primeira vez pelo protofilósofo do século VI a.C., Ferecides (D.L., I, 119; cf F.E. PETERS, *Termos Filosóficos Grego*, Lisboa, Gulbenkian apud PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2007. nota 9, p.70)

O movimento de virtualidade infinita das compleições incorporais traz em si a manifestação possível de todas as composições e de todos os Agenciamentos enunciativos atualizáveis na finitude. A caosmose não oscila então mecanicamente entre zero e o infinito, entre o ser e o nada, a ordem e a desordem: ela ressurgue e germina nos estados de coisas, nos corpos, nos focos autopoieticos que utiliza a título de suporte de desterritorialização. Trata-se aqui de um infinito de entidades virtuais infinitamente rico de possível, infinitamente enriquecível a partir de processos criadores. É uma tensão para apreender a potencialidade criativa na raiz da finitude sensível, "antes" que ela se aplique às obras, aos conceitos filosóficos, às funções científicas, aos objetos mentais e sociais, que funda o novo paradigma estético (GUATTARI, 2012[a], p. 128).

Podemos assim começar a compreender o tempo denominado de *tempo aion* – um incorporal que se desdobra num todo infinito e em duas extremidades: *passado e futuro*. Pode-se pensar num incorporal, num infinito divisível em passado e futuro.

Claro que este *incorporal*, numa percepção evanescente do acontecimento, possui uma extensão corporal que atualiza esse *aion* e acompanha o corpo, que constitui o presente, ganhando o máximo de realidade sem deixar, entretanto, de ser incorporal. Essa realidade é vislumbrada somente nestas relações e misturas entre corpos, como se fosse um calor que se produz e é sentido somente pelos atritos, conjunções e disjunções entre todos estes corpos.

Deleuze (2011) aponta que o excessivo no acontecimento é que deve ser realizado, e que este não pode ser realizado sem constituir rupturas, ruínas e novos agenciamentos.

O tempo *Aion* acaba sendo este tempo cósmico além de algo somente evanescente, pois faz crescer tais durações em direção ao passado e ao futuro. É um tempo de formas infinitas e loucas, devires múltiplos, estiramentos temporais que criam desordem e novas ordens possibilitando que ressurgam as diferenças e singularidades infinitas.

Nas palavras de Pelbart (2007), o *Aion* se relaciona ao paradoxo que se furta ao presente e esquia-o, instalado na divisão infinita do instante e afirmando ao mesmo tempo os vários sentidos, numa temporalidade centrífuga e multilinear.

Nesta centrífuga produtora de sentidos é que podemos pensar a concepção de ritornelo, de um mundo como fábrica de ritornelos, isto é, fábrica de tempos de retornos de tudo que nos acontece.

É no tempo *Aion* que os corpos perdem suas medidas. “O passado e futuro

como forças desencadeadoras se vingam em um só abismo que ameaça o presente e tudo o que existe... a desforra do futuro e do passado sobre o presente.” (DELEUZE, 2011, p.169).

Nesta nova perspectiva e aprofundamento das questões relacionadas ao tempo, não seria mais o passado e futuro que subverteriam o presente existente, mas seria o instante que subverteria o presente em futuro e passado insistentes.

Se a profundidade esquiva o presente, é com toda a força de um “agora” que opõe seu presente tresloucado ao sábio presente da medida, e se a superfície esquiva o presente, é com toda a potência de um “instante” que distingue seu momento de todo presente assinalável sobre o qual recai a divisão. *Aion* não é mais de Zeus e nem de Saturno, mas de Hércules (Deleuze, 2011, p.170).

Deleuze (2011) nos aponta que *Cronos* era infinito e limitado e que *Aion* é ilimitado: futuro e passado insistentes e simultâneos em ambas as direções, e finito como na concepção de instante. *Cronos* era circular e inseparável dos acidentes desta circularidade, *Aion* se estende em linha reta, ilimitada nos dois sentidos, um sempre já passado e um eternamente ainda por vir, eterna verdade do tempo; pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal, que se desenrolou e se tornou linha reta, labiríntica, ilimitada; um movimento de superfície, que não se faz nem no alto nem no profundo, mas somente à superfície.

Nesta perspectiva podemos compreender a famosa frase de Paul Valéry: “O mais profundo é a pele” (DELEUZE, 2011, p.106). Deleuze nos aponta que Valéry nunca opôs a ideia de superfície a de profundidade, mas sim de revelar a superfície como movimento de inscrição, como esta que irá revelar o não-visível, o indizível. A pele seria esta que cria as fronteiras; é ela que recebe todos os toques de superfície do mundo externo e, desta maneira, cria um território de atualização sempre dinâmico, pois este “entre” revela um sempre continuum de desterritorializar e reterritorializar. Cria-se um território que proporciona as dobras e redobras que o tempo pode criar e recriar nas memórias.

Os incorpóreos nos tocam pela superfície, pela pele e por meio desta recebem estes virtuais que se atualizam dinamicamente. São atualizações paradoxais, imperceptíveis, incertas e indetermináveis que acontecem de forma dinâmica e que coexistem em virtuais enquanto duração no presente, de alguma

maneira todos os passados coexistindo no instante do presente e se atualizando; portanto, uma memória dinâmica e criativa que se atualiza e se territorializa em movimentos de dobras e redobras constantes.

O vivo vive no limite de si mesmo, sobre seu limite... A polaridade característica da vida está no nível da membrana; é nesse terreno que a vida existe de maneira essencial, como o aspecto de uma topologia dinâmica que mantém ela própria a metaestabilidade pela qual existe. Todo o conteúdo do espaço interior está topologicamente em contacto com o conteúdo do espaço exterior sobre os limites do vivo; não há, com efeito, distância em topologia; toda massa de matéria viva que está no espaço interior está ativamente presente ao mundo exterior sobre o limite do vivo. Fazer parte de interioridade não significa somente estar dentro, mas estar do lado interno do limite (SIMONDON apud DELEUZE, 2011, p. 106).

Desta maneira, percorrendo e penetrando no turbilhão em que se desdobra a ideia de tempo, vislumbramos um tempo desdobrado em várias perspectivas. Compreender tais concepções favorecem as percepções, intuições e composição das dinâmicas entre as realidades e suas atualizações. Em síntese:

Cronos é o tempo da medida, ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o tempo da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do limitado e infinito, Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular, Aion é linha reta. Sensato ou tresloucado, Cronos é sempre da profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente atópico, ou “transtópico”, mas também, num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal. Diz Deleuze sobre o Aion: pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal presente (PELBART, 2007, p.72).

Pensando nesta forma vazia do tempo, podemos considerar estas formas puras e sem conteúdos. Emerge assim a concepção de *Tempo Puro*, que possibilita os devires, uma quebra da unidade para se pensar a multiplicidade: um uno ilimitado.

O tempo que antes era Limite, círculo que englobava o mundo e lhe dava uma limitação, agora se quebra irremediavelmente, e atravessa o mundo como uma flecha. O próprio limite circular do tempo já não contém o sujeito, mas foge dele e o obriga a persegui-lo incansavelmente, sem descanso, obrigando-o a ir ao limite de si (PELBART, 2007, p.82).

São nestes efeitos de superfície de pele que a linguagem se torna possível, revelando os sentidos possíveis. Os acontecimentos puros são os que fundamentam a linguagem e muitos sentidos. É somente no acontecimento que se pode exprimir e

dar sentido ao que se passa. Não possuem existência pura, impessoal, singular, pré-individual senão na linguagem que os exprime. Então é o expresso que fundamenta a linguagem. A linguagem acaba sendo esta que se torna possível por de fato existir uma fronteira que cria um interstício das coisas e dos corpos e dos sujeitos que as exprime (DELEUZE, 2011).

Pensar nesta fronteira, neste entre ou neste meio, seria pensar nos instantes que não param de percorrer e se deslocar pela linha do Aion, como se fosse uma capa que se desenrola sobre o fio. Este instante seria um não-senso da superfície, a quase-coisa que cria esse duplo, subdividindo em duas direções: a primeira voltada ao estados de coisas – passado, e uma segunda voltada as proposições – futuro. O *aion* é um presente sem espessura, um presente do ator, do dançarino, puro momento perverso, o presente da não incorporação, da *contra-efetuação* que impede aquele de derrubar este; trata-se do constante (DELEUZE, 2011).

O tempo é como uma massa ou como um lenço que se dobra, desdobra e redobra. É um misturar e remanejar constantes sem cessar. São os saltos que atravessam idades e épocas criando um passado alucinatório, paradoxal e hipnótico. Seria um salto na ontologia, no ser em si do passado, que é singular, impessoal e pré-individual (PELBART, 2007).

Para os estóicos seria o atributo do objeto este exprimível, este intermediário, esse hiato onde os nomes poderiam designar diversos sentidos a serem expressos (BRÉHIER, 2012).

O sentido nada mais seria do que os próprios acontecimentos, só que relacionado às proposições, conectando-se com seu exprimível ou expresso que são coisas distintas do que significam, de suas qualidades sonoras, possibilitando assim o pensar a ideia de sentido-acontecimento.

Os paradoxos contidos nos instantes seriam estes que teceriam outras temporalidades, permitindo os “entres”, as “velocidades do meio”, criando assim outros sentidos. Uma temporalidade intempestiva e centrífuga afirmando os mundos impossíveis. Mundos que afirmam o contraditório, incompatível, mas que coexistem em seu plano.

Um passado sempre por vir, que se reinventa a todo instante, numa possibilidade de pensar num tempo contra a verdade, uma memória como diferença.

Cabe pensar sempre neste tempo que sai dos eixos, um tempo liberado do próprio movimento, das forças do hábito e da ação em si. Cabe pensar na liberação

de interstícios e hiatos temporais e pensar as relações real-imaginário, físico-mental, objetivo-subjetivo e atual-virtual que se tornam indiscerníveis, embora não distintos um dos outros.

Eram os acontecimentos que preenchiam o tempo, que existiam e criavam sentidos em função destes. Os estóicos introduziam o paradoxo como parte constitutiva de seu pensamento, como a “paixão do pensamento”. Mas o que acaba por acontecer é que o tempo se torna mesmo independente dos acontecimentos e assim o tempo passa a ser homogêneo e abstrato, perdendo seus relevos.

3.2. AS SÍNTESES DO TEMPO EM DELEUZE

Deleuze (2006), em ressonância com Bergson, ao propor sobre as sínteses do tempo, as quais nós utilizamos para fundar a realidade vivida, nos aponta que as experiências vividas são adquiridas pelas sínteses operadas pela memória. As duas primeiras se dariam de forma passiva – involuntárias, e as outras seriam ativas – voluntárias (DELEUZE, 2006[a]).

A primeira, denominada como passiva, seria a memória do hábito, o presente vivido. Seria neste presente que o tempo se desenrola - a ele pertence o passado e o futuro. O passado seria sempre os instantes que são retidos em contrações sucessivas e independentes e o futuro por ser expectativa, antecipação nesta mesma contração (DELEUZE, 2006[a]).

Assim, passado e futuro são dimensões do próprio presente, na medida em que se contrai os instantes. O presente vivido vai do passado ao futuro. A síntese passiva, então, não é feita pelo espírito e sim no espírito.

Nesta perspectiva, todo organismo é uma soma de contrações, uma duração que vai aumentando e já constitui no tempo um passado e um futuro. As sínteses perceptivas remetem as sínteses orgânicas, assim como a sensibilidade dos sentidos remete a uma sensibilidade primária do que somos. “*Somos água, terra, luz e ar contraídos, não só antes de reconhecê-los ou de representá-los, mas antes de senti-los*” (DELEUZE, 2006, p.115).

‘O Hábito é a raiz constitutiva do sujeito, e o que o sujeito é em sua raiz, é a síntese do tempo’, e no texto sobre Bergson, da seguinte forma: ‘a contração começa se fazendo por assim dizer no espírito, ela é como a origem do espírito, ela faz nascer a diferença’ (PELBART, 2007, p.123-124).

Como mostrado na primeira síntese, o hábito é a fundação do tempo. Mas há que se pensar no fundamento; daí surge a segunda síntese do tempo: o fundamento deste, a memória. A memória como síntese passiva mais profunda. “*O Hábito é a síntese originária do tempo que constitui a vida do presente que passa; a Memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado (o que faz passar o presente)*” (DELEUZE, 2006[a], p.124). Deleuze, nesta perspectiva, nos aponta para a ideia de aliança entre o céu e a terra (Habitudo e Mnemósina).

A memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado. O passado entre dois presentes: aquele que ele foi e o que ele é.

Deleuze nos aponta que o atual traz consigo duas dimensões: a que ele mais representa, dado neste exato presente e um antigo a qual ele representa a si próprio. Desta maneira, a síntese ativa da memória, pelo princípio da representação, se daria por meio deste duplo aspecto: reprodução do antigo presente e reflexão do atual. De forma sintética, a segunda síntese seria o encaixe dos próprios presentes, de pensar num outro tempo, onde se opera a primeira síntese do tempo, onde se faz com que o presente passe. Na segunda síntese da memória temos sua perspectiva passiva. Esta síntese seria a fundada nas reminiscências ou memórias involuntárias onde se constitui o *passado puro*, uma síntese transcendental com seus três paradoxos constitutivos (DELEUZE, 2006[a]).

O primeiro paradoxo reside sob o aspecto da contemporaneidade do passado em relação ao presente que ele foi. O segundo sob uma perspectiva de coexistência, onde todo o passado de certo modo é presente, pois coexiste, insiste e consiste com este novo presente. O terceiro paradoxo da preexistência seria o passado “em-si” do tempo, como um fundamento último da passagem. Tal paradoxo se fundamenta na concepção de um passado que já existe de antemão ao presente que passa. Há, portanto, um passado que nunca foi presente, pois ele não se forma “após” este presente vivido. Seria um *passado puro*, uma memória ontológica que nunca foi presente e assim é o fundamento, pois o tempo se desdobra assim na representação (DELEUZE, 2006[a]).

Neste percurso, é de fundamental importância trazer o pensamento do filósofo Henri Bergson (1859-1941), que ao se dirigir ao aspecto ontológico do tempo e da memória, nos permitiu ir além das compreensões relativas ao tempo psicológico e individual e a categorização sociológica da memória.

Para compreendermos melhor tal concepção de *passado puro*, faz se

necessário compreendermos que um *passado puro* não significa que ele é algo como uma tabula rasa que viria a ser preenchido posteriormente através das nossas experiências. Vamos retomar e afirmar que ele é puro porque é virtual, sem imagem, e se atualiza através de uma imagem, por isso que Bergson chama tal imagem atualizada de *Imagem-lembrança*, que após ser atualizada passaria a ter uma realidade psicológica. Todas as lembranças que não tem utilidade, elas não deixam de existir, elas simplesmente se encontram inativas e *incoscientes*²², em estado virtual e vão ser chamadas de lembranças puras. A todo tempo, os acontecimentos e percepções são registradas, ao mesmo tempo, em que se dá o presente vivido (FERREIRA, 2012).

Bergson (2006) aponta que o cérebro não servia para arquivar as lembranças, mas sim como um aparato que suspende estas lembranças, mantendo-as em sua condição virtual. Na concepção *bergsoniana*, um cérebro que é matéria não pode conter a memória que seria espírito, pois são de naturezas distintas. Desta maneira, Bergson retira o esquecimento da negatividade e ressalta a importância do inconsciente como modo vital de existência. O cérebro passa a ser responsável por uma capacidade de hesitar, de adiar, de suspender, de diferir, de fazer variar as promessas e ameaças que convocam as suas ações. É esta habilidade que nos tornaria capazes de participar na inovação do futuro. Identificando, assim, o virtual com o real, permitindo um estatuto ontológico para tais questões.

Para Bergson, a memória se conserva não em uma memória cerebral, mas em uma memória espiritual. Esta questão nos parece complexa e indiscernível, pois habitualmente temos a necessidade de encerrar e querer conter tudo numa ideia de que algo deve funcionar e ser distribuído de acordo com a lógica de determinado espaço. Acabamos por representar o tempo sempre nos aspectos de sucessão, homogeneidade e como se ele fosse algo que está além de nós (FERREIRA, 2012).

Vale lembrar que Bergson foi um dos principais filósofos que contribuíram para uma filosofia da diferença, pois para ele a questão é *determinar as diferenças de natureza entre as coisas* - somente assim que se poderá “retornar” às próprias

²² Deve-se compreender que a ideia de *inconsciente* em Bergson é diferente da ideia do inconsciente *freudiano*, pois para este o inconsciente se encontra inseparável de uma existência psicológica singularmente eficaz e ativa. Para Bergson a palavra “inconsciente” designa uma realidade não psicológica - o ser tal como ele é em si. O Psicológico é o presente e o passado ontologia pura, a lembrança pura, que tem significação tão somente ontológica (DELEUZE,Guilles.Bergsonismo. São Paulo: Editora 34, 2012[a],p.47).

coisas, dar conta delas sem reduzi-las a outra coisa, apreendê-las em seu ser (DELEUZE, 2006[b]). O maior problema para o filósofo seria reduzir à diferenças de graus onde haveria diferenças de natureza; e onde havia somente diferenças de graus, determiná-las como uma mudança de natureza.

É buscando compreender tais questões que Bergson irá desenvolver a *Intuição*²³ enquanto “*verdadeiro método: método para eliminar os falsos problemas, para propor os problemas em termos de duração*” (DELEUZE, 2006[b], p.33). São questões que vão de encontro aos aspectos da cartografia, que permitem que nos instalemos no acontecimento acompanhando suas processualidades e linhas divergentes, como veremos logo mais adiante em nosso percurso metodológico.

Diante disso, cada novo presente sempre vai carregar consigo uma dimensão suplementar, porque se reflete no *passado puro*, em geral, e uma dimensão particular que reflete este antigo presente. Assim, a segunda síntese manifesta no presente o grau mais contraído de um passado inteiro, de toda uma totalidade e de uma diferença sempre contraída. Disto, Deleuze afirma que:

o que vivemos empiricamente como uma sucessão de presentes diferentes, do ponto de vista da síntese ativa, é também a coexistência sempre crescente dos níveis do passado na síntese passiva. Cada presente contrai um nível do todo, mas este nível já é de descontração ou de contração. Isto é: o signo do presente é uma passagem ao limite, uma contração máxima que vem sancionar a escolha de um nível qualquer, ele próprio, em si, contraído ou descontraído, entre uma infinidade de outros níveis possíveis. E o que dizemos de uma vida, podemos dizer de várias. Sendo, cada uma, um presente que passa, uma vida pode retomar uma outra em outro nível: como se o filósofo e o porco, o criminoso e o santo vivessem o mesmo passado, em níveis diferentes de um gigantesco cone (DELEUZE, 2006[a], p. 129).

²³ Método usado por Bergson para apreender aquilo que faz a coisa ser o que ela é, em sua diferença a respeito de tudo aquilo que não é ela. A intuição já pressupõe a duração na medida em que a diferença interna da coisa é diferença em relação a si mesma, pois ao diferenciar-se ela muda de natureza fazendo tensionar ou distender a própria duração. Assim, se desejamos apreender a diferença a partir do método intuitivo já o fazemos desde um ponto de vista interno à duração e isso segundo três passos que determinam as próprias regras do método. a) Primeira regra: veracidade e falsidade de problemas, e apresentá-los sob as condições os quais estes são engendrados. b) Segunda regra: reencontrar as articulações do real. Se trata de lutar contra a ilusão de ver diferenças de grau, onde há diferenças de natureza...encontrar as articulações das quais as particularidades da experiência real dependem. c) Terceira Regra: a intuição supõe a duração. A intuição consiste pensar em termos de duração porque somente nela se encontra o poder de variar qualitativamente em relação a si mesma, de ser portadora das diferenças de natureza. É quando saímos de nossa própria duração para afirmarmos ou reconhecemos imediatamente a existência de outras durações ou de diferenças de natureza (FORNAZARI, Sandro Kobol. O Bergsonismo de Guilles Deleuze. Trans/Form/Ação, (São Paulo), v.27 (2), p.33, 2004. Disponível em:< <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/877>> Acesso em: 30/06/2013.

Mas existe ainda uma terceira síntese que nasce da intervenção criativa nas imagens e ritmos da memória (DELEUZE, 2006[a]). Esta vai se revelar como a forma vazia do tempo, uma perspectiva onde o próprio tempo se desenrola, em vez de apenas algo se desenrolar nele. Tal síntese opera como uma prova: “não só elimina o que resiste, mas transmuta aquilo que resiste” (DELEUZE, 2006[a], p.136). Introduzir tais questões significa de forma contínua um afastamento do divino, uma rachadura prolongada do *EU* e a paixão constitutiva do *EU*. Isso seria ir além de uma segunda síntese. Nesta perspectiva, esta síntese se mostra inventiva, subversiva, sempre propondo uma transmutação ou metamorfose que denuncia a ilusão do *em-si*, pois este ainda seria um correlato da representação. O *em-si* do passado e a repetição na reminiscência não deixaria de ser um “efeito”; efeito ótico, ou efeito erótico da própria memória (DELEUZE, 2006[a]).

Nesta terceira síntese o tempo descobre o futuro, nos revelando que:

o acontecimento e a ação têm uma coerência secreta que exclui a do eu, voltando se contra o eu que se lhe tornou igual, projetando-o em mil pedaços, como se o gerador do novo mundo fosse arrebatado e dissipado pelo fragmento daquilo que ele faz nascer no múltiplo: aquilo a que o eu é igualado é o desigual em si” (DELEUZE, 2006[a], p.137).

Sendo assim, para Deleuze o presente, o passado e o futuro mostram-se como repetição por meio das três sínteses, ainda que de maneiras diferentes. O *presente é o repetidor, o passado é a repetição, mas o futuro é o repetido* (DELEUZE, 2006[a], p.141). Estas se tornam, portanto, relacionáveis: a primeira síntese diz respeito a fundação do tempo; a segunda refere-se ao seu fundamento; e a terceira seria a inventiva, pois assegura o objetivo final do tempo: produzir devires.

Devemos sempre nos servir da repetição do hábito e da repetição da memória como estágios a serem usados e vivenciados; entretanto, em determinado momento, devemos abandoná-los pelo caminho e usá-los para compor estes devires. Com uma das mãos devemos lutar contra o hábito e com a outra lutar contra *Mnemósina*.

Cabe pensar na terceira síntese vislumbrada em Deleuze (2006[a]), uma vez que tais processos criativos estão centrados na noção de diferença e não no modelo de representação. Isto dar-se-ia em um devir, no qual a repetição do hábito e da memória alimentariam a própria repetição enquanto categoria do futuro e, assim, possibilitaria e extrairia da repetição a diferença enquanto diferença em si mesma, considerando que não é a diferença que funda o mesmo, o semelhante, ou os ciclos

simples demais os quais estão submetidos a um presente habitual (ciclo costumeiro) (DELEUZE, 2006[a]).

Tudo que se passa ao nosso redor nos propõe uma ação, mas nos diversos estímulos recebidos existe uma capacidade do homem em prolongar o tempo entre um estímulo e uma resposta, de inserir um hiato entre uma suposta ação, de um suposto hábito. Quando passamos a pensar a memória enquanto criação, estamos vislumbrando a possibilidade de criar estes pequenos intervalos de indeterminação. Isso permite que entre um estímulo-resposta haja um respiro, haja um intervalo de indeterminação ou subjetividade; permite as mais diversas experiências que dizem respeito mais a uma duração do que a uma suposta ação. Seria neste intervalo proposto pela terceira síntese da memória que poderíamos nos instalar em outras durações mais distendidas e, assim, entrar em contato com uma emoção criadora, um impulso vital de afeto. Este funciona como uma mola propulsora da memória afetiva e criadora que nos libera das pressões sociais, deixando-se contagiar pelos fluxos emotivos que não se relacionam com emoções superficiais de cunho prático (FERREIRA, 2012).

É quando nos instalamos neste hiato de tempo, nesta possibilidade de hesitar, que podemos compreender a diferença entre dois tipos de multiplicidade: a numérica (extensiva) e a qualitativa (intensiva). A multiplicidade numérica e quantitativa remete ao Eu Superficial, que se dirige ao espaço constituindo a vida exterior e social (onde o tempo é representado simbolicamente); a multiplicidade qualitativa remete ao Eu Profundo, que se dirige ao tempo real onde há continuidade dos estados de consciência que constitui a nossa vida interior, o que Bergson denomina duração. Deleuze nos aponta que tal variação contínua carrega em si este constante processo de “diferenciação”:

[...] a medida que uma ideia substitui outra, eu não cesso de passar de um grau de perfeição a outro, mesmo que [a diferença] seja minúscula, e é essa espécie de linha melódica da variação contínua que irá definir o afeto [*affectus*] ao mesmo tempo na sua correlação com as ideias e em sua diferença de natureza com as ideias. Compreender essa diferença de natureza e essa correlação (DELEUZE, 1978, p.01).

3.3. AS DOBRAS DA MEMÓRIA

Partindo dos aspectos já descritos sobre a memória, podemos conceber sua produção, suas relações e articulações com os *agenciamentos coletivos*²⁴ e assim pensar como a concepção de acontecimento pode engendrar vetores de criação e transformação social.

Por estes aspectos, podemos pensar a memória como vida e criação, deixando que o tempo do acontecimento, o *aion* ou a concepção de terceira síntese de tempo ressurgam com força, produzindo novas *dobras* e possibilitando novas concepções e relações na produção de memória.

Nesta perspectiva do tempo *Aion*, no tempo do acontecimento, de superfície ou pele, se criam e recriam os territórios que estão sempre em *continuum*, em trocas e atualizações de virtuais; territórios que nada mais são que memórias, isto é, uma *coexistência virtual* no instante do acontecimento. É nesta fronteira que ocorre o movimento intenso de “*coexistência de todos os níveis, de todas as tensões, de todos os graus de contração e distensão... onde todo o nosso passado se lança e se retoma de uma só vez, repete-se ao mesmo tempo em todos os níveis que ele traça*” (DELEUZE, 2012[a], p. 51). São movimentos que muitas vezes não são perceptíveis e nem descritíveis, mas que engendram territórios pelas mil dobras, desdobras e redobras que tais estados e encontros permitem instaurar.

Quando pensamos em dobras trazemos a figura de Leibniz (1646-1716), filósofo que permitiu que o conceito de dobra fosse liberado e levado ao infinito em suas concepções barrocas e assim possibilitasse tantos caminhos novos neste processo de subjetivação e produção de singularidades. Deleuze, ao cunhar tal conceito, expressa sua fundamental importância para a compreensão da experiência subjetiva contemporânea. As *dobras* traçam e criam um território que exprimem o caráter coextensivo do dentro e do fora. São os *acontecimentos* que se prolongam e se propagam produzindo tais dobras na memória, e assim permitem que agenciamentos diversos ocorram e possibilitem a emergência de territórios existentes numa determinada formação histórica específica.

²⁴ Noção mais ampla do que a de estrutura, sistema, forma, processo, montagem, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, e imaginária (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p.381).

Claro que vivemos num momento que fica evidente a saturação de uma subjetividade específica, uma axiomatização de fluxos, que nada mais são do que territórios que se caracterizam pela predominância de um sistema de códigos específicos, que são próprios do modo de produção capitalista. Neste sentido, a subjetivação sempre vai se referir a uma experiência subjetiva que se expressa diferentemente em cada contexto de formação sócio-histórica. Quando falamos em

Processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não se pode confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber, nem resistir o poder (DELEUZE, 1992, p. 127-128).

Isso traduz um modo singular pelo qual se produz a flexão ou curvatura de um determinado tipo de relação de forças em tais agenciamentos. Assim, entendemos que cada momento histórico irá dobrar diferentemente esses encontros de forças que o atravessam dando a cada momento um sentido singular, o que irá de fato produzir subjetividades distintas de acordo com a composição de forças que a constituem.

Quando pensamos, por exemplo, na experiência vivida na atividade de *origami*, ou quando temos um lenço em nosso bolso que vem sendo usado por diversas vezes, podemos compreender que cada dobra vai diferindo e criando sempre novas formações e pontos de contato. Como nos aponta Deleuze (1992), não existem duas coisas pregueadas do mesmo modo e nem mesmo uma mesma dobra regular para uma mesma coisa.

Sendo assim, cabe pensar que a memória é dobrada a cada experiência, pois são nestas experiências que nosso passado se alarga, produzindo esta diferenciação contínua em todos os planos de coexistência. É como se fossem dedos virtuais realizando as múltiplas e infinitas dobras e desdobras na produção de memórias que emergem quando possibilitamos um tempo de indeterminação entre um estímulo-resposta. Neste instante, podemos nos instalar no acontecimento com um salto que produz os devires inventivos.

Nesta perspectiva, cabe pensar no acontecimento como “*nexus de preensões*”, onde cada preensão é “preensão de preensão” colocando os passados

em presentes cheios de futuro (DELEUZE, 2012[b]). São nestes presentes que coexistem todo nosso passado, mas devemos apenas usá-los como ferramentas para produzir um futuro que não está dado, que precisa ser inventado.

Os aspectos relacionados às infinitas dobras da memória devem ser vistos pensando-se nesta coexistência entre o virtual e atual, que são as características do real. Bergson pensa a lembrança pura em seus aspectos virtuais e a percepção em seus aspectos atuais, como dimensões da realidade que se dissolvem promovendo, assim, o caráter produtivo e inventivo num constante devir, isto é, uma memória aberta e não fechada como veremos a seguir (BERGSON, 2006).

São nestes aspectos sobre o conceito de virtual apresentado por Bergson que pretendemos fundamentar a memória por uma perspectiva do tempo do *Aion*; uma memória como acontecimento, como *nexus de preensões* que se tornam dobras inventivas e revolucionárias.

Esses aspectos de coexistência virtual são a fusão do antes e do depois numa constante sucessão, que não cria uma cisão entre os momentos, mas faz com que surja a diferença como novidade. Estes aspectos de duração nos permite pensar a realidade como resultado de um processo contínuo, na qual se daria esta coexistência entre o atual e o virtual. “*A verdade é que mudamos sem cessar e que o próprio estado já é mudança*” (BERGSON, 2006, p.2).

Sendo assim, coube a Bergson desfazer o consenso comum sobre a percepção dos dados da realidade, revelando que as qualidades bem definidas do mundo e dos objetos ao nosso redor são criadas na constante experiência de duração; criadas na continuidade imbricada de elementos que se sucedem um ao outro, onde não haveria, como na mudança de faixa de cores num arco-íris, uma percepção clara desta passagem de elementos (BERGSON, 2006).

Em *Conversações* (1992) Deleuze lança mão, para exemplificar a ideia de dobras, da imagem da montanha, e nos aponta que:

[...] ao tocar uma montanha a partir de seus dobramentos conseguimos vislumbrar a perda de sua dureza e perceber os milênios retornando como não permanências, mas como tempo em estado puro, e flexibilidades. Desta maneira nada é mais perturbador que os movimentos incessantes do que parece imóvel (Leibniz diria: uma dança de partículas reviradas em dobras) (DELEUZE, 1992, p.200).

Para os estóicos, o mundo é uma mistura de corpos, de encontros; uma ideia de antropofagia como no modernismo brasileiro, onde tudo se mistura. Assim nos

aponta Deleuze:

Há carne no pão e pão nas ervas; estes corpos e tantos outros entram em todos os corpos por condutos escondidos e se evaporam juntos, esta tese, que vale também pra o incesto, estabelece que na profundidade tudo é mistura” (DELEUZE, 2011, p.134).

Todas estas variações, dobras, intensidades, flexibilidades são dadas e agenciadas na duração; nos diferentes estágios de coexistências e fusões de tempos e, assim por dizer, de preensões de mundos.

Nesta perspectiva, ao definir duração pura Bergson conceitua memória, pois os elementos que se constituem e se relacionam interiormente estão imbricados uns nos outros, numa continuidade de interpenetração que modifica-se constantemente fazendo parte de todo esse movente de forças capaz de reter os instantes sucessivos numa qualidade. Nesta perspectiva, a duração real então será definida como memória, mas não memória pessoal, exterior àquilo que ela retém; isto é, distinta de um passado do qual ela asseguraria a conservação: memória que prolonga o antes no depois e os impedem de serem puros e instantâneos aparecendo e desaparecendo em um presente que renasceria sem cessar. (BERGSON, 2006). Nesta perspectiva:

A memória é a conservação de todos os níveis virtuais do passado e a duração é o progresso do passado no presente – progresso que envolve ritmos distintos, pois cada nível virtual do cone é um ritmo da duração – Diz Bergson: ‘A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente. [...] o amontoamento do passado sobre o passado segue sem trégua’. No virtual há penetração mútua, indistinta, ou seja, multiplicidade qualitativa irreduzível à soma. Quando um estado psicológico se atualiza, habitualmente o consideramos como algo inerte, exterior a outros estados. Porém, um estado psicológico é a atualização do virtual, isto é, ele não está separado da realidade movente que necessariamente dura – continuidade insensível, sempre em vias de se atualizar de acordo com o grau de tensão adotado pelo espírito (FERREIRA, 2012, p.40).

O que é operado pela duração são as relações entre passado e presente, e sem esta não teríamos as sensações e experiências do tempo como movimento contínuo, no qual o passado e o futuro se constituem neste momento de passagem. Segundo Bergson (2006):

seria preciso reter apenas a continuação do que precede no que segue e a transição ininterrupta, multiplicidade sem divisibilidade e sucessão sem separação, para enfim encontrar o tempo fundamental. Tal é a duração imediatamente percebida, sem a qual não teríamos nenhuma ideia do tempo (BERGSON, 2006, p. 42).

Tais aspectos da duração sempre consideram os elementos heterogêneos, pois as qualidades sensíveis que percebemos resultam da contração que a duração executa na repetição de elementos que constituem a matéria do mundo. Nesta operação, os momentos sucessivos que são contraídos se fundem e mudam ao se interpenetrarem uns nos outros. Desta forma, nesta acumulação que a contração produz haverá sempre lugar para a composição de novas qualidades que conservam na multiplicidade e acabam por produzir novas sensações que só são possíveis na repetição que criam as infinitas dobras da memória.

Essas dobras só ganham terreno variando, bifurcando e metamorfoseando (DELEUZE, 1992). Essas variações se dão nos encontros e agenciamento de corpos, onde há produção de dobras na coexistência de múltiplos acontecimentos que nada mais são do que possibilidades de traçar e inventar novos planos. Tais planos não estão relacionados a alguma coisa de base pessoal e individual: um plano de imanência impessoal.

3.4. MEMÓRIAS E SEUS AGENCIAMENTOS COLETIVOS

Quando entramos em contato com os estudos relacionados à memória, quase sempre queremos fazer a distinção entre uma memória, que seria individual, e outra, que seria coletiva. Mas ao caminhar neste conceito arenoso, dinâmico e complexo chamado memória, quase sempre nos perdemos nestas questões e chegamos a nos perguntar: mas será que isso é uma memória minha ou é uma memória coletiva, que se produziu nas minhas relações e experiências? Esta memória que salta em mim, é minha mesmo? Para Tarde (2007):

o que conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, ou melhor, num plano onde não faz sentido algum distinguir o social e o individual (TARDE, 2007, p. 10).

Partindo destas experiências e percepções, podemos problematizar tais questões e pensá-las diante do que já foi apresentado, na perspectiva que

contempla a memória enquanto produção e processo de subjetivação; uma duração, um fazer de dobras e redobras que tendem ao infinito que se prolonga num passado e que nos projeta para um futuro.

Ao falarmos em produção, podemos pensar num misto de novas percepções e realidades que se aglutinam em torno de todo um vivido de experiências e não deixam de ser os próprios encontros que a vida nos permite. Os encontros são estas afecções que produzem em nós as referidas dobras e redobras. Posto isso, não dá para pensar a produção de memória sem considerar o fato de que as memórias promovem um transbordar de estados; trata-se de um conjunto de agenciamentos que se conectam em forma de rede, conexões corporais que se esparramam e produzem um todo emergente. Tarde (2007) aponta para estes encontros fortuitos:

O que existe no real são emergências produzidas pelos encontros fortuitos e inumeráveis de séries repetitivas, mas emergências que só são inteligíveis com relação a infinitas séries de relações ou encontros virtuais: “nascidos de um encontro, que nos fez diferentes de todo o resto do Universo, vamos nos esbarrando e nos alterando até a morte; e tudo isso é justamente chamado fortuito, pois os seres que assim se cruzam não se buscavam, mas nem por isso seu cruzamento foi menos necessário e fatal”. Nem Determinismo, nem voluntarismo, em Tarde não há providência, apenas imanência (TARDE, 2007, p. 26).

Nesta perspectiva, cabe sempre pensar na produção de memórias como um sistema dinâmico entre a memória e o esquecimento, no qual a memória só pode ser engendrada enquanto processo criativo, se pensarmos esta em articulação com o esquecimento. O esquecimento, numa perspectiva ativa, permite em certa medida um repouso, um silenciar e uma abertura para novas experiências. Deixa-se o estado puramente memorioso e, com isso, cria-se novas articulações e novas linhas de fuga que não são da ordem da previsibilidade e sim da inventividade.

Quando se pensa em inventividade começa-se a introduzir uma memória que Nietzsche vai *denominar de memória do futuro*; uma memória vista pela terceira síntese do tempo, que se articula com o esquecimento sem entrar em relação contraditória e sim em relações dinâmicas que se potencializam e lançam olhares para a memória enquanto criação, de introdução de saltos que nos lançam em um devir de múltiplas possibilidades para recriar e instalar em cada acontecimento de forma singular e subversiva.

Assim, diante da possibilidade da construção de um novo modo de existência a partir da superação do niilismo, o esquecimento ganha um

estatuto *positivo*, pois vem liberar a memória dos velhos grilhões que a aprisionava ao passado e a impedia de compor com o futuro novos modos de existência, ou seja, modos de vida não mais reativos, mas ativos. O esquecimento como atividade irá, portanto, produzir uma alteração na própria concepção de memória. Neste sentido a memória deixará de ser entendida como uma prisão de marcas de um passado que se conserva, como um simples e passivo 'não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebido', passando a ser considerada como "um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade". Esta operação do esquecimento, para Nietzsche coincide com o momento em que podemos nos instalar no pleno presente onde podemos responder por nós próprios como futuro, projetando-nos no futuro. Assim, tal deslocamento da memória e do esquecimento se aproxima da experiência do *Eterno Retorno*, de modo que nela irá se operar uma seleção que recolherá no instante somente aquilo que tem força e potência para se afirmar pela eternidade afora. Neste instante, portanto, a memória deve configurar-se como uma 'crença no futuro', tornando-se vinculada ao esquecimento e aberta ao por vir. Enfim, consistir no devir, na realidade como um contínuo jogo de forças, como pura variação intensiva, eis o que uma *memória do futuro* pode operar, afirmando a vida para além do niilismo (MELO, 2008, p.01)

A memória, nesta perspectiva, não se deixa engessar por uma repetição que enclausura e sim por uma ideia e movimento de repetição espiralar. Como exemplo podemos citar a obra *Bolero* (1928), composta por *Maurice Ravel* (1875-1937), com sua forma temporal expiralar que vai aglutinando em sua linha melódica muitos sons, texturas, timbres, intensidades ao longo de sua repetição.

Quando se fala em repetição espiralar, quer se dizer que aquilo que retorna é excessivo do acontecimento: a diferença que permite com que se afirme um todo de acontecimentos que insistem. São *ritornelos* que promovem singularidades e nos laçam num movimento sempre intenso e contínuo de produção de si e de novos mundos.

Os acontecimentos do macrocosmo são assimilados aos do microcosmo, dos quais, por outro lado, eles têm que dar conta. Assim sendo, o espaço e o tempo nunca são receptáculos neutros: eles devem ser efetuados, engendrados por produções de subjetividade que envolvem cantos, danças, narrativas acerca dos ancestrais e dos deuses... (GUATTARI, 2012[a], p. 118).

No percurso da vida, podemos afirmar tudo o que nos acontece durante o acontecimento, uma vez que a grande questão não é o acontecimento em si, mas sim a forma como nos instalamos e transvalorizamos os estados coletivos que se agenciam e se produzem constantemente nestas misturas de corpos.

Estas relações de corpos formam redes inventivas que se dão neste *entre corpos*, nestas múltiplas dobras e redobras que se agenciam numa reciprocidade e

dinamicidades retro-alimentadas nos estados emergentes.

Como já dito, a memória se articula com a ideia de acontecimento numa perspectiva vista pelo tempo *Aion*, desenvolvida pelo estoicismo. Desta forma, ao pensar em *acontecimento* vislumbramos um emaranhado de conceitos que se articulam, permitindo dar maior densidade e entendimento na emersão de memórias enquanto processo ativo e inventivo na produção de mundos.

Assim como já vislumbrado, estamos articulando conceitos como o de dobra na produção de memórias, visto que este se relaciona de forma direta com o conceito de duração em Bergson, pois é somente na duração, nas coexistências temporais, que se produzem os estados que permitem o processo que ocorre as dobras e, conseqüentemente, a constituição de processos de subjetivação que formam as singularidades.

Tais formações de singularidades não se fazem isoladas. Elas são emissoras e receptoras numa relação de interpenetração que não possui contornos e delimitações asseguradas, mas acontecem num misto dinâmico de misturas de corpos. Nesta perspectiva, cada corpo ou espírito já é constituição coletiva.

O sociólogo francês Jean Gabriel Tarde (1843-1904), nos aponta que fatos sociais não são “coisas”, mas são resultantes transitórias de relações de forças que se dão tanto lógica quanto illogicamente.

Destarte, podemos pensar nestas virtualidades enquanto possibilidade de mundos possíveis que se comunicam e se agenciam entre si.

Tal universo virtual contempla a perspectiva de memória enquanto vida. Uma vida que se estende infinitamente e que é garantida pela duração e coexistências temporais que colocam todo este virtual em possibilidade de efetuação e de invenção de mundos impossíveis.

Nesta perspectiva, todos os mundos impossíveis podem existir simultaneamente. São eles divergentes, que se bifurcam e se encontram em estados de transbordamento. Estes mundos não seriam mundos já dados e criados de antemão, mas seriam mundos de impossibilidades e jeitos múltiplos de efetuação e invenção. Mundos não empacotados por um modelo *a priori*, mas que se fazem num livre caminhar polifônico de misturas à emersão de mundos que não se conhece. Estes podem até se assemelhar a traços contidos em modelos pré-definido ou já vividos *a priori*, mas que são singulares em sua nova composição (LAZZARATO, 2006).

A invenção nestes agenciamentos vai se caracterizar como processo de co-criação num fluxo contínuo de desejos e afecção de corpos que irão sempre carregar consigo novas forças e intensidades.

Caminhar por esta perspectiva é tenso e angustiante, pois não há um suposto Deus que regula tudo, não há receitas e modos já categorizados de mundos já experimentados. Tal caminhar permite que coloquemos em movimentação todas nossas experiências e memórias à disposição de uma polifonia de mundos que emergem a cada encontro. São contágios que vão engendrar mutiplicidades nos mais variados momentos e lugares, ora mais favoráveis, ora menos favoráveis. Claro que muitos destes virtuais não se efetuem numa realidade físico-objetiva, mas acabam sempre produzindo novas dobras num processo contínuo que estarão à disposição nos agenciamentos que contemplam as coletividades.

Essas são as relações que se dão entre invenção e efetuação em um movimento contínuo entre os processos de subjetivação e de ação frente às demandas cotidianas que a vida nos propõe. Ao inventar, cada um de nós consegue criar uma linha de fuga capaz de introduzir mundos para além dos hábitos e dos modos gregários de existência, isto é, viver intensamente para além dos mesmos modos que favorecem a manutenção sócio-política das relações e da vida como um todo. Por isso se faz cada vez mais emergente sair da lógica reativa e ressentida, e se colocar no hiato que insere outras temporalidades, outras experimentações. Se instalar em outros níveis da memória e efetuar outras combinações entre uma suposta ação e estímulo.

As memórias se tornam revolucionárias e inventivas, por estes novos olhares, e em suas relações com os devires e com a ideia de memória do futuro, pois nestas apreensões não se faz necessário separar a natureza da sociedade, sujeito e objeto, individual e coletivo, micro e macro, e nem sequer o conceito de contradição. Assim vislumbramos a memória como criação e como diferença.

A sociedade sempre produziu épocas menos ou mais favoráveis aos processos criativos, de forma que podemos vislumbrar alguns acontecimentos históricos felizes e outros não tão felizes, onde iremos perceber momentos de efetuação de uma memória mais aberta e mais criativa, e momentos de uma memória mais fechada, portanto mais coerciva e institucionalizante.

Assim, ao longo destas narrações e articulações entenderemos que, em determinados momentos, as singularidades floresceram gerando acontecimentos

que mudaram o rumo de nossas vidas e em outros vamos observar um estado quase total de sonambulismo e passividade. Isto resultaria numa predominância de aprisionamento e controle sobre a vida numa atitude coletiva conformada a estas repetições ao longo da história. Também notaremos, diante das mudanças significativas que se deram, que a contemporaneidade se constitui e passou a ser vista como um terreno que possibilitou e ainda possibilita acontecimentos singulares.

Estudando o movimento dos *cacerolazos* nos deparamos com um rico movimento no qual o sonoro se faz presente como elemento que potencializa a ação. São memórias que produzem novos agenciamentos que se dão através dos processos criativos.

Desta forma, podemos vislumbrar a memória enquanto vida. Uma memória aberta que permite que se efetuem movimentos dinâmicos e criadores, propiciando que a sociedade resista aos imperativos de uma memória fechada, de um poder que modeliza e mantém o *status quo* de hegemonia, coesão e ordem.

A hibridicidade de linguagens em que se constituíram tais ações coletivas dos *cacerolazos* configura-se como riquíssima máquina de produção de memórias singulares, pois cada som que é produzido por diferentes utensílios domésticos possui texturas e timbres que efetuam memórias abertas e geram novos modos de resistir e de inventar outros mundos.

4. A CARTOGRAFIA COMO PERCURSO METODOLÓGICO

O fragmento é para o pesquisador o que o sampler é para o músico: um exercício de liberdade, mais um elemento dismantelador da noção de autoria, ao representar a criação como um jogo de pirataria, uma colagem feita por DJs.

Denilson Lopes

Neste capítulo apresentamos as opções metodológicas norteadoras desta pesquisa sobre as memórias dos *cacerolazos*, que tem por pressuposto a Filosofia da Diferença, como já descrito anteriormente neste trabalho. À vista disso, fizemos um percurso cartográfico pelas memórias dos *Cacerolazos* ocorridos na Argentina, em 2001, e no Chile, em 2011.

A metodologia escolhida foi a cartografia, de caráter qualitativo, e nosso intento foi realizá-la a partir de relatos, depoimentos e vivências acerca das ações coletivas que envolvem o campo sonoro dos *cacerolazos* no cotidiano dos entrevistados. Procuramos, ao longo desta pesquisa, compreender o sentido produzido por aqueles que participaram deste encontro homem-som e assim tecer uma cartografia que aglutinasse memórias que se produzem a partir de forças não sonoras e se efetuam em suas formas sonoras, através dos *cacerolazos*.

(...) entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência -, nem em baixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão (ROLNIK, 2007, p.66).

Neste sentido entendemos a cartografia como processualidades, cujo maior objetivo deste cartografar é a produção de subjetividades, onde se pode vislumbrar as dobras que se realizam, e que, em sua maioria, estão em constante processo de “diferenciação”, pois são dobras que se redobram e se desdobram. Neste sentido, podemos dizer que o cartógrafo começa se instalar pelo meio, nas pulsações; que não são os territórios expressos pelos meios informacionais rasos (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2010).

A cartografia que se configura num método de pesquisa-intervenção, fundamenta-se e orienta-se pela perspectiva de que não se faz pesquisa de modo prescritivo, por regras dadas como prontas e nem com objetivos pré-estabelecidos. O método cartográfico não se configura numa ação sem direção, mas subverte o

sentido tradicional de método. Não se trata de caminhar para alcançar metas já pré-fixadas, mas caminhar para traçar o próprio percurso da pesquisa, considerando no percurso as suas metas (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2010). Para Mairesse

A cartografia, como portadora de certa concepção de mundo e de subjetividade traz um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas. Nessa proposta, o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele. A cartografia acontece como um dispositivo, pois, no encontro do pesquisador com seu "objeto", diversas forças estão presentes, fazendo com que ambos não sejam mais aquilo que eram. Nesse sentido, o método cartográfico desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo (MAIRESSE, 2003, p. 259).

Os primeiros contatos se deram em São Paulo. Foram realizados contatos via *Facebook*, através de indicações de pessoas que teriam participado de algum desses *cacerolazos*. Foi um processo bem interessante e, ao mesmo tempo, bem trabalhoso, pois envolvia um comprometimento, já que estaríamos realizando uma viagem internacional. Os pré-contatos realizados foram bem interessantes, pois até mesmo nos primeiros deles, realizados via *internet*, podíamos entrar em contato com os afetos e também com algum tipo de descrição e materiais sobre os múltiplos interesses que envolviam esta ação coletiva.

O dia da viagem para trabalho de campo chegou e havia muita ansiedade adjunta à sensação de alegria pela expectativa de um bom encontro. Aterrissamos em Buenos Aires – Argentina no dia 5 de agosto e ali ficamos até o dia 14 de agosto de 2012. Posteriormente, partimos em direção à Santiago do Chile e realizamos as entrevistas do dia 14 de agosto ao dia 23 do mesmo mês.

Nos locais onde aconteceram as entrevistas e o processo cartográfico nos colocamos numa atitude mais fluída e aberta, procurando perceber quais memórias são produzidas a partir do contato com as experiências do movimento e também perceber onde estas se configurariam como ferramentas que pudessem ser transformadoras e inventivas no cenário cotidiano e político da atualidade.

Figura 4 - Café da manhã com as pessoas em situação de rua na “Asamblea Popular Plaza Dorrego- San Telmo” – Buenos Aires, 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 5 – Encontros na Faculdade Alberto Hurtado – Santiago do Chile, 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

Diante disso, a pesquisa em campo procurou acompanhar e redesenhar novos contextos e pensar como estes movimentos produziram e ainda produzem novas memórias e singularidades que possibilitam um engajamento maior dos indivíduos como agenciadores, numa postura ético-estético-política de mudanças, e novos atravessamentos ou subversões reais em estruturas enrijecidas.

Em campo, começamos pelo meio e nos servimos da experiência adquirida pela pesquisa monográfica: *“Memórias Sonoras: micropolíticas de resistência e participação”* (2011). Esta pesquisa se configurou num estudo teórico com uma revisão bibliográfica do movimento dos *cacerolazos*, no qual procurou-se compreender e apreender os múltiplos sentidos ético-estético-políticos das sonoridades que se efetuam no movimento. Dando continuidade à pesquisa, ampliamos a investigação bibliográfica e trabalhamos orientados por outros conceitos que ampliam o olhar sobre as produções de memória e suas relações com outros conceitos de sonoridade. Utilizamos também vídeos e imagens que nos inspiraram e criaram possibilidades de contato antes da viagem.

Uma vez em campo, no contato sobre os *cacerolazos* argentinos e chilenos, pode-se tecer este território que compõe os *cacerolazos* numa postura que expresse as processualidades e intensidades deste movimento. Tais dinâmicas serão vislumbradas a partir do capítulo cinco, que colocam em movimento e expressam a dinâmica de forças dos *cacerolazos*. Nestas dinâmicas que instauram um olhar no acompanhamento de processos é que se possibilita o emergir dos múltiplos sentidos destas ações. Quanto às processualidades que envolvem a memória, faremos menção das dinâmicas que se relacionam com o silêncio, com o espaço público das ruas, com uma escuta, já desterritorializada, que cria novos sentidos, e ressoa com os aspectos que envolvem os agenciamentos coletivos, e produção de memórias como maneira de resistir e de inventar novas possibilidades de se fazer política e de se viver.

Para alcançar estes objetivos supracitados, o desenvolvimento desta pesquisa aconteceu em algumas etapas:

1. Coleta de dados por meio de pré-contatos, via *facebook* e email, com os participantes e/ou instituições envolvidas na pesquisa de campo;
2. Entrevistas/encontros com a utilização de roteiro semiestruturado (Apêndice I) para nortear e ampliar o contato dos entrevistados com a memórias dos *cacerolazos* em seu caráter compreendido a partir deste território sonoro;

3. Análise das processualidades por meio das entrevistas e dos encontros realizados em campo dando continuidade a pesquisa cartográfica.

Para tanto, o método cartográfico nos deu algumas direções para facilitar e criar dispositivos potentes para as entrevistas que foram realizadas. Estes direcionamentos funcionaram como guias e pistas para o trabalho de pesquisa, entendendo que foi somente no encontro que se compreendeu com maior ênfase os procedimentos metodológicos que não contemplam somente as entrevistas em si, mas todo o processo anterior à viagem, incluindo o processo que culminou nos encontros e pós-encontros que ainda ressoam na composição deste trabalho.

Assim, estes direcionamentos se configuraram apenas como atitudes orientadoras numa perspectiva de abertura que foi sendo produzida no trajeto do próprio caminhar do pesquisador durante o campo. Assim, em cada passo, em cada instante, num devir-cartográfico, pudemos vislumbrar as forças que vêm à superfície num determinado encontro. É como se fossemos realmente os cartógrafos do séc. XV, que contornam as montanhas com seus barcos e, ao mesmo tempo, entram em contato com os conhecimentos que emergem em lidar com as linhas intensivas que compõem estes territórios que se dão no encontro com as margens. No caso dos *cacerolazos*, é a possibilidade de apreender as forças não sonoras e sonoras que se dão no encontro e na produção de memórias destes sujeitos, em seus múltiplos agenciamentos coletivos. Lembrando que é somente no encontro, na experiência de corpos e invenção de escutas, que tais memórias e ações criam sentidos e podem ser expressas de maneira inventiva e contemplando a diferença intensiva.

A seguir seguem oito atitudes apontadas por Passos *et al.* (2010) que nortearam as entrevistas e serviram de pontos de partida para as análises em processualidade desta produção científica.

1. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção” que propõe a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador.

2. “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo” onde são definidos os quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

O rastreio diz respeito ao gesto de varredura; da capacidade de lidar com metas em variação contínua. A arte para poder lidar com certa imprevisibilidade, que coloca a escuta numa posição extremamente importante. O toque seria uma rápida

sensação, que nos possibilita um pequeno vislumbre ou contato leve com objetos que possuem força de afetação e propicia uma seleção para além do interesse. O pouso indica que a percepção, seja ela visual auditiva ou outra, realiza diferentes zoons neste componente. Para finalizar, o reconhecimento atento seria se instalar nesta duração do acontecimento, percebendo a própria dinâmica do acontecimento (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2010).

3. “Cartografar é acompanhar processos”.

4. “Movimentos-funções do dispositivo no método da cartografia” - são propostos três movimentos-funções: de referência, de explicitação e de produção e transformação da realidade.

5. “O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica” que ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos ou sujeitos, coexiste o plano coletivo das forças que os produzem, além de definirem a cartografia como prática de construção desse plano.

6. “Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador”, onde a preocupação em apontar uma recusa do objetivismo positivista que não deve conduzir à afirmação da participação de interesses, crenças e juízos do pesquisador, concluindo que objetivismo e subjetivismo são duas faces da mesma moeda.

7. “Cartografar é habitar um território existencial”, assim se faz importante a imersão do cartógrafo no território e seus signos.

8. “A escrita de textos de pesquisa”, onde a cartografia exige uma mudança das práticas de narrar.

Durante este processo cartográfico, que contempla além do que o campo em si, foram utilizados alguns materiais que possibilitaram a investigação, escuta, olhares e vivências *in loco*. Os materiais utilizados foram:

- Caderno de apontamento para registro das intervenções e análises;
- *Notebook* para apresentação de pequeno vídeo sobre os *cacerolazos* aos entrevistados;
- Gravador de áudio;
- Máquinas fotográficas para registros;

Em campo utilizou-se roteiro para as entrevistas semiestruturadas (Apêndice I) como ferramenta no percurso e escuta cartográfica.

Este tipo de técnica se coloca entre as entrevistas abertas e fechadas por obedecer a um roteiro que é utilizado pelo pesquisador (MINAYO, 2006),

possibilitando que o pesquisador não fique totalmente preso às perguntas e desta maneira discorra abertamente acerca das temáticas propostas, sendo possível vivenciar os fluxos intensivos de cada encontro. Ao tecer este roteiro se faz importante perceber que este *“se constitui como importante etapa, pois este deve conter elementos e conjunto de conceitos que constituem as faces do objeto de investigação e deve visar, na sua forma de elaboração, a operacionalização da abordagem empírica do ponto de vista dos entrevistados”* (MINAYO, 2006, p.189).

Ao todo foram realizadas **16 entrevistas** (7 entrevistas em Buenos Aires - AR e 9 entrevistas em Santiago do Chile - CL). De todos entrevistados a maioria dos participantes estão envolvidos com movimentos sociais e políticos diversos, sejam mais de concepção esquerdista ou anarquista. Sempre, antes de inciar cada entrevista, o participante lia e assinava o “Termo de Livre Consentimento e Esclarecido” (Apêndice II).

Foram apresentados vídeos do *Youtube* com trechos dos *cacerolazos* de 2001 na Argentina e de 2011 no Chile, para que os participantes fossem sensibilizados e ampliassem suas percepções em relação às memórias emergidas em tais encontros. O vídeo utilizado em Buenos Aires foi o *trailer* do filme - *“Memoria del saqueo”*²⁵ (1994), de Pino Solanas – que retrata o contexto dos *cacerolazos* de 2001 na Argentina. Em Santiago do Chile apresentamos alguns vídeos, referente aos *cacerolazos* pela educação do dia 4 de agosto. São vídeos que retratam os *cacerolazos* noturnos²⁶ de dentro das casas e apartamentos e outro que traz o contexto da ocupação das ruas, com um *cacerolazo* mais alegre²⁷ e espontâneo, utilizando-se também de alguns instrumentos musicais e gritos festivos.

Os lugares e pessoas escolhidas foram compostos por indivíduos que participaram e/ou ainda estão em contato com os *cacerolazos* Argentinos de 2001 e Chilenos de 2011. Cabe salientar que os processos para a realização das entrevistas não foram tão tranquilos. Antes de chegarmos a campo, havíamos realizados diversos pré-contatos, mas quando chegamos, tanto na Argentina, quanto no Chile, houve imprevistos e alguns destes contatos não puderam comparecer nem marcar outras entrevistas. Tivemos que conseguir novos participantes de improviso, sem aviso prévio da entrevista e da própria temática do trabalho ao chegar aos

²⁵ Disponível em:< <http://www.youtube.com/watch?v=kUKfF4mZ1H4>> Acesso em: 24/06/2012.

²⁶ Disponível em:< <http://www.youtube.com/watch?v=L1jrDLoUnio>> Acesso em: 24/06/2012.

²⁷ Disponível em:< <http://www.youtube.com/watch?v=HrQ24HQPfLE>> Acesso em: 24/06/2012.

lugares a serem descritos. Claro que tais pessoas mostraram interesse em dar a entrevista, ainda que não estivessem a par do objetivo desta.

Este processo foi interessante, pois, à medida que criávamos abertura para o encontro, as pessoas se entregavam e se permitiam vivenciar as memórias do *cacerolazos*. Quando era apontado para os entrevistados que a pesquisa trilhava um caminho que ia de encontro ao aspecto de produção sonora dos *cacerolazos* o interesse, indagação e surpresas eram ainda maiores neste encontro.

Todos os entrevistados optaram por terem seus nomes apresentados de forma fictícia no texto dissertativo final.

Na Argentina os principais locais que mantivemos contato foram:

- **Asamblea Popular Plaza Dorrego- San Telmo**, onde dois participantes nos concederam as entrevistas:

Elvira, 66 anos, professora aposentada e formada em economia; **Gutierrez**, 71 anos, professor de História aposentado. Neste local vivenciamos atividades intensas de aprendizado e participação em diversas atividades. Foram vivenciadas atividades artísticas, nas pinturas de murais nos muros da própria Associação, atividades com as crianças da comunidade e em atividades com moradores de rua da região.

Figura 6 – Asamblea Popular Plaza Dorrego –San Telmo,

Fonte: Elaborada pelo autor

- Projeto de cooperativa de economia solidaria **La Asamblearia - o Mercado de Economia Solidária Bonpland**, espaço e local recuperado, declarado patrimônio histórico e onde comercializam produtos há 10 anos.

Dois participantes nos concederam as entrevistas:

Gisela, 44 anos – estudante e comerciante, integrante da organização H.I.J.O.S – Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio; **Eduardo**, 66 anos – Geofísico e comerciante, integrante da FSM - Federação Sindical Mundial.

Neste espaço foi possível o contato com as diversas atividades exercidas de cunho sustentável e cooperador.

Figura 7 – Mercado de Economia Solidária Bonpland, Buenos Aires, 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

Ambos os lugares surgiram e se estruturaram a partir dos *cacerolazos* de 2001, como nos aponta o trabalho de Adriana Marcela Bogado (2005) intitulado: *“Assembléias de Bairro na Argentina: criando espaços de ação política pra reconstruir o tecido social”*.

Os outros entrevistados foram **Jose Carlos**, 64 anos - livreiro da **UBA (Universidade de Buenos Aires)**; **Martinez**, 31 anos, formado em comunicação e integrante da agremiação política *La Cámpora*; **Julieta**, 98 anos, *madre de Mayo* da Universidade Popular de Plaza de Mayo.

Figura 8 – Universidade de Buenos Aires - UBA, 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

No Chile os principais locais que mantivemos contato foram:

- **UAH - Universidad Alberto Hurtado** – onde 4 alunos nos cederam as entrevistas:

Ygor, 26 anos, licenciado em psicologia e participante do *Convergencia Estudiantil*; **Juan**, 19 anos, estudante e participante do MST – *Movimiento Socialista de lós Trabajadores*; **Fernando**, 23 anos, estudante e participante do MST – *Movimiento Socialista de lós Trabajadores*; **Frederico Sanz**, 22 anos, estudante e presidente da *Federação de Estudantes da Faculdades Alberto Hurtado*.

Figura 9 – Universidade Alberto Hurtado – Santiago do Chile 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

- **UTFSM** - Universidad Técnica Federico Santa María- Santiago do Chile – onde 5 alunos nos cederam as entrevistas:

Carina, 25 anos, estudante de Engenharia Civil Industrial e presidente da Federación de Estudiantes da *Universidad Técnica Federico Santa María*; **Antonio**, 20 anos, estudante de Engenharia Civil Industrial, vice-presidente da Federación de Estudiantes da *Universidad Técnica Federico Santa María*; **Ismael**, 21 anos, estudante de Engenharia Civil Industrial e presidente do Centro de estudantes de informática da *Universidad Técnica Federico Santa María*; **Diogo**, 21 anos, estudante de Engenharia Civil Industria, delegado Bienestar da *Universidad Técnica Federico Santa María*; **Mateus**, 20 anos, estudante de Engenharia Civil Industria, colaborador da Federación de Estudiantes da *Universidad Técnica Federico Santa María*.

Figura 10 – UTFSM - Universidad Técnica Federico Santa María- Santiago do Chile 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

A análise das entrevistas também se deu pelas perspectivas do método cartográfico que considera objetivismo e subjetivismo como duas faces da mesma moeda. Uma análise que considera as processualidades em suas qualidades intensivas, num processo contínuo de implicação e interação do sujeito-objeto.

Acompanhar as processualidades – movimentos onde se produzem as memórias dos *cacerolazos* e se criam novos planos, é poder traçar e explicitar os movimentos funções na produção-transformação da realidade. Assim, nesta análise, cabe a nós compor uma escuta da diferença que implique na dissolução do ponto de vista do observador e, assim, utilizar das memórias e escutas como dispositivos que possibilitem o deslocamento de códigos e significados que os *cacerolazos* produzem. Isso possibilitará um transbordar de novos agenciamentos. Acionar não apenas os campos de representação-sintoma dos *cacerolazos*: campos que não consideram as novas forças que escapam aos mesmos significados, mas perceber as linhas que escapam e podem indicar novos pontos onde se cruzam a função de referência com a função de produção-transformação da realidade (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2010).

O que nos interessa são modos de subjetivação e, neste sentido, importamos poder traçar as circunstâncias em que eles se compuseram que forças se atravessam e que efeitos estão se dando. No lugar do indivíduo, individuações. No lugar do sujeito, subjetivação. Como nos conceitos, não se trata de modo algum de reunir, unificar, mas de construir redes por ressonâncias, deixar nascerem mil caminhos que nos levariam a muitos lugares (...). Tomar, enfim, em análise, os funcionamentos e seus efeitos, experimentar ao invés de conjecturar, ocupar-se dos maquinismos que insistem na produção de outros modos de existência, esquecer-se de si e de sua história e encontrar-se na criação... (PASSOS e BARROS, 2000, p.77-78)

Cabe a nós marcamos *“os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos destas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. Daí nos interessa saber quais movimentos-funções o dispositivo realiza”* (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2010, p. 91).

Para tanto, caminharemos, a seguir, neste processo de habitar tais movimentos e assim *intervir-tecer* linhas de desmantelamento das relações unívocas entre sujeito e objeto. Isto, numa transdução²⁸ que faz derivar e transmutar as linhas de forças ainda não atualizadas do movimento de forças não sonoras que se tornam sonoras a partir dos *cacerolazos*.

²⁸ Ato de transformar um tipo de sinal em outro.

5. O COLETIVO DE FORÇAS NA EXPERIÊNCIA DOS CACEROLAZOS.

“en el cacerolazo del 2001 la verdad que me sentí muy bien, me sentí como que...como te lo puedo explicar, me sentí como que estaba haciendo algo que tenía que hacer ¿entendés?”²⁹

Propor o som como potência de vida é poder concebê-lo de forma livre e intensiva. É poder pensá-lo como fluxos de forças, que nas relações potencializam ou constroem as maneiras de agir de um corpo. Para tanto, pensamento é vida e neste sentido não cabe uma dissociação entre o corpo e pensamento. Para Martinez é um corpo que se deixa levar de forma intensiva, e que faz o que tem que ser feito independente de uma explicação ou ideologia *a priori*.

Numa palavra, o fundo vibra, se enlaça ou se fende, porque é portador de forças apenas vislumbradas. É o que fazia de início a pintura abstrata: convocar as forças, povoar o fundo com as forças que ele abriga, fazer ver nelas mesmas as forças invisíveis, traçar figuras de aparência geométrica, mas que não seriam mais do que forças, força de gravitação, de peso, de rotação, de turbilhão, de explosão, de expansão, de germinação, força do tempo (como se pode dizer, da música, que ela faz ouvir a força sonora do tempo, por exemplo com Messiaen, ou da literatura, com Proust, que faz ler e conceber a força ilegível do tempo). Não é esta a definição do percepto em pessoa: tornar sensíveis as forças insensíveis que povoam o mundo, e que nos afetam, e nos fazem devir? (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.215).

Figura 11 – Mural sobre os *cacerolazos* de 2001, feito por pessoas de diversos bairros de Buenos Aires, que se reúnem para expressar-se através da arte.

Fonte: Elaborada pelo autor

²⁹ Martinez, 31 anos, ao se referir aos *cacerolazos* de 2001, em Buenos Aires- Argentina.

Logo, podemos ampliar as potencialidades sonoras para além dos mecanismos de poder, para que estas sejam engendradas como micropolíticas do acontecimento, como devir que cria dobras e redobras na produção de memórias. Neste sentido, os *cacerolazos* são estes encontros que permitem a emersão de múltiplos sentidos micropolíticos que se relacionam a uma vida que pulsa e quer se expandir.

De fato, tudo que é produzido no mundo não é o resultado de uma adaptação a um suposto modelo, mas é efeito de *relações entre forças, de conflitos entre potências*, pois em toda relação entre forças existe vontade: o mundo como vontade de potência. Mas não se trata de uma vontade que quer a potência que supostamente lhe faltaria (pois ainda é uma imagem da vontade “não preenchida”), mas pelo contrário, *é a potência que quer crescer e expandir-se* (FERREIRA, 2010, p.16, Grifos do Autor).

Neste percurso cartográfico veremos como o som pode ser pensado e vivido para além de uma perspectiva audível, permitindo que suas forças estejam sempre em movimento, criando novos fluxos em devir; efetuando práticas inventivas a fim de se pensar memória e política como maneiras de reexistir.

Nesta perspectiva, como não ser impactado e literalmente atravessado pelo emaranhado sonoro de forças que os *cacerolazos* nos propõem?

São eventos sonoros que se esparramam por ruas, avenidas e praças da Argentina, do Chile e de diversos outros países, tanto da América do Sul como da Europa, fazendo com que milhares de trabalhadores, mulheres, jovens, estudantes, crianças e velhos ocupem tais espaços e se desloquem amalgamados em uma grande massa sonora. Tal emaranhado de corpos, a todo tempo, vai se constituindo num grande *rizoma* que se alastra e se move como uma potente máquina de guerra; como num grito múltiplo aglutinador de sonhos, desejos, memórias e vontades, que inventam e criam condições e/ou novos modos de se viver.

(...) porque se escuchaba tanto que vos estabas y se escuchaba, y estabas en las calles y entonces te convocaba, yo también el hecho de estar cerca de la Plaza de Mayo pero sino igual era estar cerca de una avenida y decía ¡uy cacerola vamos! todos íbamos sin racionalizar, sin pensar. (Participante Gisela, 44 anos, Buenos Aires – grifo nosso)

O som, em sua híbrida potencialidade, pode agenciar uma enorme capacidade de por em jogo os ritmos da vida. Através da fala da Gisela, então, pode-se perceber que os mundos não são racionalizados, mas se compõem por

ritmos que criam fendas e nos abre ao caos. Ao se abrir ao caos permite-se pensar numa memória que se dá por saltos; numa memória que não dura, mas que cria condições de criar estados disparadores de invenção de mundos.

Pensaremos o caos não como desordem, nem como ausência de forma, mas como espaços transitórios onde afloram formas locais instáveis e de curta duração, chamando assim a atenção para uma escuta que enfatize uma memória curta e não mais a memória longa própria a ligar os elementos distantes da forma, [...] como espaço de possibilidades, um corpo não definitivo sobre o qual se esboçam e se dissipam formas possíveis (FERRAZ, 1998, p.261).

Estes campos sonoros tem a capacidade de nos agenciar e nos levar a estados e a lugares antes nunca visitados ou vivenciados. Deste modo, os *cacerolazos* podem criar novos espaços de participação mais porosos fazendo, destes eventos, acontecimentos que permitam fazer misturas loucas, que são primordiais na produção de novas coletividades e liberdades.

Sí, yo creo que generaba que uno se una, o sea, por ejemplo en caso de estar en un lugar de muy convocatoria Plaza de Mayo, otro día me había tocado estar en un barrio, Beiró, que es más por acá, un barrio de los porteños a una hora de Plaza de Mayo y era escuchar, ir a la avenida y juntarte con otros que no conozcas para estar más unidos y hacer más el ruido y unirse (Participante Gisela, 44 anos, Buenos Aires – grifo nosso).

Para Gisela o que importa são experiências sonoras do cotidiano que colocam corpos em encontros inusitados. São encontros com todos os seus extratos, acontecimentos e diversos elementos imperceptíveis de velocidade e temporalidades, que traça e compõe um plano de rica tessitura de encadeamentos de forças tanto sonoras e não sonoras que são colocadas em movimentos nestes agenciamentos.

O sea cuando uno lo escucha sin tocar el llamado obliga a moverse, entonces uno no puede estar no moviéndose, eso es lo primero que uno siente, yo me acuerdo que fui a un cacerolazo con batucada y todo el tema, y ahí es imposible no mover el cuerpo, o sea el cuerpo es como otra cacerola más que es golpeada por el sonido de alguna forma de la cacerola y uno empieza a moverse al ritmo de la cacerola, cuando uno golpea hay como un sentimiento como de responsabilidad, que es muy extraño porque como.. lo primero que hice fue tratar de seguir el mismo ritmo con un sentimiento de responsabilidad, en el fondo tiene que ver con si uno hace un sonido distinto no estás haciendo parte del colectivo, estás más bien no convocando, estás interrumpiendo, eso es lo que... es como una... uno tiene el... el que dirige en el fondo la cacerola como si fuera una orquesta no es un director es el ritmo, el ritmo es... y si uno lo hace, si uno lo sigue como que uno se siente parte (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile,).

Novamente, nesta fala de Ygor, podemos sentir a força de tais encontros. São encontros entre os fenômenos sonoros e corpos que se agenciam e se dão num entre, de forças que criam condições para se instalar nos acontecimentos. Nesta perspectiva, não há uma separação entre um suposto sujeito e objeto, mas sim um agenciamento de corpos que se interpenetram. Assim, podemos novamente afirmar que o mundo não é feito de sujeito e objetos, mas de camadas em relações (físicas, vitais e sociais). São corpos que se misturam e se combinam em múltiplas infinidades.

O objeto da percepção, neste caso, é um resultado da inter-relação entre a série heterogênea do objeto - suas faces, sua história, suas componentes - a série do sujeito e as séries do meio ambiente, podendo ser chamada ainda por “signo” ou mesmo fenômeno (DELEUZE, 2006[a], p.356).

Tais eventos sonoros, que se expressam nestas inter-relações, não podem ser pensados sem um sujeito que está em relação com uma sonoridade particular. Sendo assim, tal relação não pode ser pensada fora do componente da escuta.

Ao entrar em ressonância com os *cacerolazos*, escutas são convocadas e estas escutas não são atravessadas somente por aquilo que é audível, e/ou por uma escuta reduzida³⁰ que já vem contornada a *priori*, mas por uma escuta que pode ser reinventada e engendrar componentes micropolíticos³¹ criativos. Neste ponto teríamos uma interação entre a memória e a imaginação numa relação com a matéria sonora em suas experiências insonoras, incorporais e inumanas. Nesta perspectiva, o estudante Juan nos fala deste som que penetra os poros e atravessa todo um corpo, fazendo com que determinadas memórias subam a superfície:

El sonido de la cacerola se apodera de uno, entra en uno, claro porque el recuerdo... después seguían el recuerdos visuales muchas veces pero la resonancia de la cacerola queda en uno, inevitablemente, y eso te invita

³⁰ Conceito cunhado por Pierre Schaffer, no qual a escuta diz respeito ao objeto sonoro, uma escuta que descarta os aspectos indiciais e simbólicos de fenômeno sonoro percebido, concentrando-se apenas nas qualidades do som (SANTOS, Fátima Carneiro dos. Por uma escuta nômade: a música dos sons da rua. São Paulo: EDUC, 2002, p.70).

³¹ Tais componentes dizem respeito a um modo molecular e não molar. A ordem molecular é a ordem dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades e não da ordem dos objetos, sujeitos e representações. Essa travessia molecular dos estratos e dos níveis, operada pelas diferentes espécies de agenciamento, será chamada de “transversalidade” (GUATTARI, Félix ROLNIK, Sueely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.385-386).

también a recordar lo que había pasado, a mi me pasó por ejemplo que luego al otro día volví al colegio y se veía las manchas de neumáticos derretidos o restos de lacrimógenas inclusive en un sector, pero claro venía acompañado del ruido que aún quedaba en uno y era combinado, o sea, el sonido con imágenes, todo confluía en algo, claro todo. (Juan, 19 anos, Santiago do Chile)

Estas matérias sonoras são contrações silenciosas, reminiscências e lembranças múltiplas, que são virtuais e sensíveis, que se repetem e nos afetam, gerando sensações novas e potência de vida. Tais virtualidades vão além de memórias hegemônicas e acontecem em momentos e condições específicas. Em tais condições ocorre a possibilidade de outras matérias expressivas dissidentes ou moralizadas emergirem de forma singular e assim criar linhas em deslocamento permutativo de outras memórias.

Como não pensar então nos *cacerolazos* como possibilidade de criar fissuras e mobilidades em territórios que já estão axiomatizados? E pensar nos *cacerolazos* como um campo de misturas férteis para se efetuar as múltiplas virtualidades em movimento? Desta maneira, os *cacerolazos* criam *linhas de fuga*³² que possibilitam a emersão de novos sentidos, novas práticas, criando espaços móveis e, com isso, novas maneiras de se fazer política.

E esse novo “campo de possíveis” que traz consigo uma nova distribuição de potencialidades, desloca as oposições binárias e expressa novas possibilidades de vida (LAZZARATO, 2006, p.18).

Nesta perspectiva, a potência sonora sempre teve a capacidade de criar espaços e fazer fissuras. Parece claro que os elementos sonoros, a todo instante, criam linhas de forças que nos direcionam por outras possibilidades, por outras rotas.

Pensar em memória como acontecimento é pensar na multiplicidade de signos que podem emergir e se conectar com múltiplas memórias. Tais memórias

32 Esse conceito define a orientação prática da filosofia de Deleuze. Observa-se, em primeiro lugar, uma dupla igualdade: linha = fuga, fugir = fazer fugir. O que define uma situação é certa distribuição dos possíveis, o recorte espaço-temporal da existência (papéis, funções, atividades, desejos, gostos, tipos de alegrias e dores etc.). Não se trata tanto de ritual - de repetição morna, de alternância demasiada regulada, de exiguidade excessiva do campo de opções -, mas da própria forma dicotômica, da possibilidade: ou isso ou aquilo, disjunções exclusivas de todas as ordens (masculino-feminino, adulto-criança, humano-animal, intelectual-manual, trabalho-lazer, branco-preto, heterossexual-homossexual etc.) que estriam previamente a percepção, a afectividade, o pensamento, encerrando a experiência em formas totalmente prontas, inclusive de recusa e de luta (ZOURABICHVILI, François, O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p.29).

não se dão por linearidades, mas por contagio de encontros que possibilita que se instale em múltiplos tempos, configurando assim um instante que engendra virtuais e cria devires que se efetuam de diversas maneiras criando concretude.

Não existe uma determinação dos encontros, mas sim um trânsito nômade, uma grande teia de relações e interações que vão criando espaços e direções neste caminhar ou não caminhar, pois podemos caminhar sem de fato sair do lugar. Deleuze afirma que tal caminhar não é definido pelo movimento e ratifica o que Toynbee diz: “*o nômade é antes aquele que não se move*” (DELEUZE, 1997[b], p.52).

(...) um trajeto, na vida do nômade, está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria (DELEUZE, 1997[b], p.50-51).

Por esta perspectiva, os territórios sonoros dos *cacerolazos* que se constituem no decorrer destes encontros possibilitam múltiplos níveis de atravessamentos de corpos, ideias, desejo, criando espaços para que a arte, a ética, a estética e a política sejam inventoras de mundos. É intenso e alegre verificar na fala de Ygor, o quanto os *cacerolazos* permitem esta experimentação mais fluída e inventiva da vida. Em sua fala Ygor aponta aspectos importantes de como nos encontros, as forças, intensidades e composições sonoras vão variando e se agenciando por múltiplos meios.

Era individual, o sea a veces eran grupos que dirigían, pero ese grupo que dirigía elegía un ritmo, y después otro grupo, cuando bajaba un poco el sonido, hacía otro ritmo y todos nos sumábamos a ese ritmo, es decir nadie dirigía explícitamente sino que cada uno podía improvisar, entonces estábamos haciendo un ritmo y otra persona quizás tenía una olla grande y llegaba eso y cambiaba el ritmo y si era agradable todos nos sumábamos a ese ritmo, y así po (cara), el ritmo iba cambiando sin que alguien dirigiera sino que se iba trasladando, pero no había un director, incluso alguien podría llegar con así una cuestión, y alguien con una olla más chiquitita, una cacerola chiquitita pero si el ritmo sonaba, no importaba que fuera chiquitita pero sonaba fuerte, podía dirigir igual, entonces iba trasladándose.” (Participante Ygor, 26 anos, Santiago do Chile, grifo do autor).

À medida que Ygor nos relata estes encontros em suas muitas maneiras de conexão, pode se vislumbrar experiências e mundos que são produzidos e se constituem à medida que diferentes códigos são colocados em velocidade e movimento. São *ritornelos* que fazem emergir matérias e qualidades expressivas. Estas conexões sonoras que emergem e agradam a todos que participam desta

ação vão constituir territórios sonoros que são acontecimentos que emergem e produzem sentido neste encontro.

(...) golpeaba y alguien metía un canto, entonces por ejemplo yo me acuerdo que en algún momento había una batucada: taaata tututa tututata y me acuerdo que un compañero gritaba: lo que el pueblo necesita es educación gratuita, y todo empezó el ritmo a cambiar en función del canto, entonces empezó... cambiaba, entonces también tenía que ver con el canto, un canto era muy importante” (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile).

Pensar nestas vozes, cantos e utensílios domésticos agenciando-se com matérias e qualidades expressivas de outra ordem é possibilitar a transmutação de valores, e produzir sentidos diversos na percepção de si, do outro, da cidade e dos espaços públicos como um todo. Ygor percebe que compor com esta multiplicidade é criar *ritmos*³³, pois é neste momento que corpos se aglutinam e interagem uns em relação ao outros, como uma rede complexa de conexões.

Em síntese, os ritmos nada mais são do que sistemas complexos que criam acomodações transitórias de agentes dinâmicos em um novo sistema complexo, que realça a aptidão auto-organizativa dos sistemas complexos (FERRAZ, 1998).

Um meio nasce do caos, que nada mais é do que um bloco de espaço-tempo. Tais blocos são blocos de vibrações instáveis que estão a todo tempo em condições de submeter-se a um novo código ou regra que cria os territórios e ao mesmo tempo esteja sempre numa constante possibilidade de passagem para outro meio (transcodificação ou transdução (GIL, 2008, p. 127)

O ritmo neste sentido será o grande operador da transcodificação de um meio a outro meio. Na fala de Ygor pode-se verificar tal questão, onde percebemos que são através dos cantos e ritmos criados pelos participantes dos *cacerolazos*, que a *possibilidade de novos* agenciamentos, que se dão por contágio, vão sempre criar novas forças políticas que estão sempre em devir.

³³ Para o músico Olivier Messiaen, ritmo é: “o reino da acentuação, como na música africana onde sobre um pulso regular alternam-se irregularmente uma série de acentuações, as quais se diferenciam pelo modo de ataque, pela duração da ressonância do som, pela sua posição sobre a pulsação, sua respiração, seus batimentos cardíacos (FERRAZ, Silvio. Música e Repetição: a diferença na composição contemporânea. São Paulo: EDUC, 1998. p.189).

5.1. FORÇAS NÃO SONORAS SE TORNANDO SONORAS

Ao pensar no silêncio, não cabe pensar na inexistência de forças, mas pensar em como determinadas forças podem ser agenciadas e se tornarem sonoras, isto é, audíveis.

Como já afirmamos anteriormente, a emergência dos *cacerolazos* nos deslocam na linha do tempo e nos colocam em contato com forças que dizem respeito a memórias de expressão e protagonismo da mulher.

Bien la mayoría de las personas que tienen cacerola o instrumentos de cocina son mujeres y los hombres toman otros instrumentos como instrumentos musicales, pero cuando fue la primera vez en Chile en los 80 claramente hay atravesado un tema de género, porque quienes levantaron las primeras protestas anti dictadura militar en este país en particular fueron las mujeres, no como en Argentina que fueron en su rol de madres sino en Chile pasó que fue en su rol de pobladoras, las primeras protestas en Chile en los 80 contra el régimen militar, contra dictadura militar, contra el hambre, contra la crisis económica, son las mujeres las que salen a la calle y toman ese instrumento porque ese instrumento lamentablemente es más próximo y además tenía mucho que ver con lo que pasaba con las poblaciones en Chile que era el tema de la olla común, el que la población se juntara, como nadie podía alimentar por si solo a su familia si nos juntamos de forma comunitaria podemos alimentarnos entre todos. Yo creo que también hay una relación entre ese instrumento de cocina que juntó a la población, al territorio, también nos daba alimento, nos daba una forma de protesta, nos daba ánimo, yo creo” (Frederico, 22 anos, Santiago do Chile, grifo nosso).

Frederico nos remonta aos primeiros *cacerolazos* ocorridos no Chile, onde na década de 70, as mulheres, de forma espontânea ou em filiação a grupos específicos de participação política, foram as que protagonizaram a luta por direitos dos trabalhadores e também por muitas decisões políticas de caráter sócio-econômico. Destarte, o uso das panelas e a utilização destas em tais ações, fazem subir à superfície justamente as memórias de posturas impositivas ao povo por poderes dominantes. São situações extremas que denunciam as condições desumanas em que a vida pode chegar.

Neste sentido, tal relato evidencia os agrupamentos femininos como um grande rizoma de encontros potentes para manifestação das necessidades cotidianas diante de situações adversas.

Podemos propor, assim, que a produção sonora dos *cacerolazos* e todos os utensílios utilizados nos *cacerolazos* nos remetem às forças do feminino e nos permitem evidenciar um complexo de forças do devir-mulher.

En Chile la olla común ha sido un instrumento de la clase trabajadora, de los sectores populares. Cuando en mi familia no tenemos el alimento, tenemos poco alimento pero si nos juntamos con otras familias en la población, en el barrio donde vivo entre todos podemos alimentarnos, pero por si solos no, entonces era una cuestión al comienzo netamente de sobrevivencia, no tengo que comer me junto con el resto y como, pero además es una cuestión política porque construye comunidad, entonces yo creo que y además hoy en Chile se ocupan muchas veces también... eso fue en la dictadura en las poblaciones porque el hombre trabajaba y la mujer salía a protestar, y además hoy pasa no solamente con las mujeres, también con los hombres, por ejemplo cuando los sindicatos se van a huelga, es muy común ver a la gente recolectando dinero para hacer una olla común y que la gente del sindicato si bien no vive cerca se alimenta y las familias se alimentan del sustento que el sindicato como organización genera, entonces además de ser algo práctico, es un término político de conocerse, de juntarse, de ganar tiempo, de superar la miseria que las mismas contradicciones que uno está alegando, o sea al final no es solo alegarlo eso es lo que digo, también es construir (Frederico do Chile, 22 años, santiago do Chile, grifo nosso)

Frederico nos aponta que a panela diz respeito às forças não sonoras. São forças da classe trabalhadora que nos remontam aos aspectos de coletividade e de um sentimento em torno daquilo que é comum a todos eles. São forças políticas, não sonoras, que atinge não somente as mulheres, e cria uma rede de sentimentos de pertencimento pelas mesmas misérias e contradições. É nestas redes que se pode reinventar a realidade.

Em um artigo intitulado: “*Saquemos nuestras ollas a la calle*”, na fala que segue logo abaixo, percebemos toda a potência da mulher e o porquê da escolha da panela e de outros utensílios domésticos como objetos que carregam em si forças não sonoras do feminino e que se relacionam diretamente com as forças de memórias que se tornam sonoras, audíveis, se relacionando diretamente com a própria vida.

Las ollas están ligadas a nuestras vidas en una relación que viene desde la infancia. Entonces veíamos con gozo a nuestras madres manipularlas con habilidad y más de un coscorrón nos habremos ligado por querer ‘usarlas’ en nuestros juegos. También entonces aprendimos que las ollas eran muy útiles los días de lluvia, para recoger el agua de alguna gotera de la casa, y podíamos dormirnos arrulladas con el ruido de las gotas tintineando en el fondo. Golpeando ollas con los vecinos despedíamos el viejo año y recibíamos con esperanza el nuevo, al filo de las 12 del 31 de diciembre, con el acompañamiento de cohetes y estrellitas. Con una olla viene el recuerdo de lágrimas de humillación y fracaso ante la primera comida quemada. Ollas alegres donde preparamos comida para los que queremos, ollas putrefactas a las que tenemos que fregar para dejar de limpiar. Pero, más allá de nuestras historias personales, las ollas también desde épocas remotas han entrado a la historia de la humanidad en nuestras manos: habrían sido mujeres los primeros seres humanos que produjeron piezas de alfarería, antecedentes de nuestras ollas. Y más acá, en nuestra historia

patria, durante las invasiones inglesas ollas de grasa y agua hirviendo nos sirvieron de arma contra el invasor. En las guerras de Independencia, las mujeres que acompañaban a los soldados llevaban en sus cabalgaduras las ollas en que cocinaban para la tropa. Desde las primeras huelgas obreras, muchas manos femeninas tuvieron y tienen que ver con la organización de las “ollas populares”. En fin, nosotras dominamos muy bien todos los matices del lenguaje de las ollas. Entonces me pregunto, y les pregunto, compañeras, ¿por qué no lo hacemos valer? ¿Por qué no sacamos una vez más nuestras ollas a la calle, y les rompemos... el tímpano a quienes nos condenan con una política de hambre y vacían nuestras ollas? ¿Por qué no les hacemos escuchar la bronca de esas ollas vacías a los sordos a nuestra miseria, a quienes no les interesa que los más pobres -que son también los más- frente al aumento de precios, tarifas y desocupación, están cada vez más lejos del poder “parar la olla”? Compañeras: si los que tienen la sartén por el mango no tienen miramientos en nuestras ollas ¿nos vamos a quedar calladas? (Jornal Hoy de 27 de agosto de 1986 apud TELECHEA, 2006, p. 178-179).

O relato acima se refere a muitas lutas que envolveram as panelas. Foram através delas que se alimentaram os filhos e os maridos em guerra, e se protegeram os lares em dias de chuva. Forças que se manifestam na vida e que dizem respeito a um sentimento de fazer da vida uma obra de arte, que não cala seus mais dolorosos afetos, mas que colocam em movimento tais forças do silêncio e fazem emergir sons que são os próprios desejos e falas contidas.

Quando as forças que atravessam a voz das mulheres são caladas e as mesmas não podem ser mais escutadas, pois estão num jogo de poder em relação a outras vozes que são mais poderosas, surgem sons das mesmas forças que não podem ser contidas. São forças inaudíveis que percorrem um corpo, que não é somente um corpo orgânico, mas um corpo intensivo, que é atravessado por forças que se deslocam e não encontram barreiras que delimitam órgãos. Elas vazam por peles e poros, deslocam membros e se fazem escutar em alto e potente som seus anseios e desejos; tais forças não sonoras se efetuam em batidas e movimentos insistentes nas panelas e outros utensílios domésticos, num corpo que se torna o próprio som, ele mesmo num *devir-cacerolazo*. Este ressoar pelo corpo pode ser percebido pela fala de Fernando numa de suas participações nos *cacerolazos* em prol da educação do Chile

O sea, por ejemplo esa noche yo me fui a acostar como a la una, porque empezó como a las 8 o 9 y después se cortó como hasta las 12:30 más o menos, y o sea yo me fui a acostar con casi toda la resonancia del cacerolazo y toda la emoción (Fernando, 23 años, Santiago do Chile, grifo nosso).

Pensando por esta perspectiva, do próprio corpo como devir-som, Silvio

Ferraz (1998) resgata a figura do compositor judeu húngaro Ligeti (1923-2006), que em seu artigo *“Transformações das formas musicais”*, trabalha a ideia de exteriorização da forma, criando condições para se pensar as pequenas partículas sonoras como construtoras de uma *gestalt* que permita perceber a forma do som e que também possa se pensar o mesmo numa perspectiva de taticidade, criando a sinestesia na percepção musical com a ideia de massa e textura sonora (FERRAZ, 1998).

Neste sentido, podemos agenciar, a partir deste ponto, alguns elementos que trazem esta ideia de forças sonoras que são literalmente arrancadas de um território acústico, e que possibilitam pensar numa relação de forças que estão em constante movimentação entre as forças não sonoras - sonoras - não sonoras. Tais forças são as que criam outras temporalidades e permitem, de fato, uma produção de dobras e redobras na memória.

Ao observar no relato de Fernando, após participar dos *cacerolazos* do dia 4 de agosto em Santiago do Chile e voltar para casa, podemos perceber estas dobras da memória: *“Venían las cacerolas, y con todo el recuerdo, o sea fue como que me aumentó la potencia”*

Os múltiplos devires como estados que emergem e criam saltos, fissuras, porosidades e contágios é que irão constituir o tempo *aion*: o próprio acontecimento. É neste momento que podemos afirmar que Fernando não é mais o mesmo. Algo aconteceu em seu corpo que elevou sua potência de agir.

Como já mencionado, o acontecimento diz respeito aos incorpóreos, aos estados que são um *quase-ser*: sem realidade própria e que depende dos agenciamentos de corpos. Nesta mistura de corpos, sons, instrumentos e desejos pode-se conceber e compreender minimamente a ideia de um som que não está circunscrito somente em suas características físicas e acústicas, mas que pode e deve ser pensado por uma perspectiva de contágio, que podemos chamar de *“Espaços Hapticos dos Cacerolazos”*³⁴.

São espaços que fazem menção a uma sensibilidade tátil, a uma memória sinestésica, de uma escuta mais vibracional e de texturas. Diogo, em suas experiências nos *cacerolazos chilenos de 2011*, nos aponta para esta memória de caráter sinestésico e de uma escuta insonora: escuta do inaudível que permite uma

³⁴ Para melhor compreensão, consultar sobre “Espaços Hápticos” a partir da p.126, deste mesmo trabalho.

ressonância pelo transcorrer da história e que faz referência a uma memória de agenciamentos coletivos.

el cacerolazo del 4 de agosto tiene para mi una carga especial que se relaciona como con la memoria kinésica y auditiva, y generalmente cultural del país o al menos del país movilizado que está medio durmiendo, fue espontáneo [...] en cierto momento yo estaba caminando junto a otros compañeros de la carrera, caminando por la calle y comienzo a sentir cacerolazo, empiezo a escucharlo cada vez más a medida que íbamos entrando en la comuna, cada vez más frenético todo, yo digo que es porque hay una apelación a la memoria kinésica, el hecho de golpear, el hecho de meter este ruido es un ruido que no escuchaba de esta manera desde tiempos de la dictadura, en democracia no se había hecho algo así, y esto fue una respuesta a una gran represión que recibimos... .. fue una cosa que se diseminó y la gente dijo sí, hay que hacerlo como a eso digo que apela la memoria, apela a la memoria auditiva, apela a la memoria kinésica, apela al volver a hacer cosas para volver a hacer nuestra la democracia y ese sonido de hecho si comparamos el 9 de agosto con el 4, los videos, se siente, el 9 de agosto tiene... uno puede sentir un compás en... o sea distintos compases, se siente casi como una música, el 4 de agosto se siente la rabia, se siente una suerte como de semicorchea permanente, y es por eso, en el fondo la gente... yo vi gente de 80 años fácilmente saliendo de noche al frío a sus balcones a tocar una cacerola, una tapa de olla o cualquier cosa, gente con cuchara, nosotros que no teníamos cacerola, íbamos protestando íbamos aplaudiendo, realmente creo que es eso, que apela a una memoria colectiva de manifestación que se estaba perdiendo (Diogo, 21 años, Santiago do Chile, grifo nosso).

No caso das questões educacionais que emergem no Chile em 2011, percebe-se uma grande mobilização da população em torno da satisfação de suas necessidades mais básicas e primárias de manutenção da vida e de seus direitos enquanto seres humanos.

Neste contexto, eclodem desejos e vontades que engendrarão ações que vão colocar corpos e pensamentos em movimento. Os *ritornelos* criando agenciamentos e formando territórios que não são fixos, mas que são moventes. Tais forças se aglutinam e criam coletividades em torno de situações que impedem justamente a potência de agir. Nos ritmos e intensidades, impressas pelas painéis, existe o transbordamento de forças não sonoras que se tornam sonoras - forças que já transitavam no fluxo da vida. Tais forças são tornadas audíveis nestes agenciamentos coletivos, para que se escutem as forças do tempo, as forças das marcas, das necessidades, das lutas, das tristezas, da fome e do desejo por uma vida intensa. Desta maneira,

a arte torna sensível o que não é do universo da percepção e assim ela passa a ser a arte de tornar audíveis as forças não audíveis. O que quer dizer com isso? Ora, o compositor torna audíveis forças como as do tempo,

a força de gravidade, as forças de germinação, e tais forças não são audíveis. O compositor faz com que ouçamos as texturas, ouçamos as estrelas, ouçamos as cores e até mesmo ouçamos as cores do tempo (FERRAZ, 2010, p.70).

No caso da crise vivenciada na Argentina, a memória de silenciamento é evidenciada na fala de Gutierrez:

Los hechos de fines del 2001 parecían... en realidad parecían constituir lo que se llamaba el Porteñazo, que era un movimiento del pueblo ¿no? por, digamos, una respuesta visceral por decirle así contra la situación más que contra el gobierno, la situación que se vivía. Además de lo digamos, de lo que podríamos llamar el sentimiento a flor de piel que los cacerolazos provocaban me gustaría referirme al hecho de que la Argentina vivió una etapa de muchos años, o podríamos decir dividida en varias sub-etapas que empezó, que empezó... podríamos ponerle varias fechas de ingreso pero que digamos llegó al zenit en el año 76 con la toma del poder de los militares y que al poco tiempo, bueno pocos días mejor dicho decidieron entregar la dirección económica del país a un abogado de multinacionales llamado José Alfredo Martínez de Hoz. José Alfredo Martínez de Hoz hizo una política que parecía exitosa al principio pero que no era otra cosa que la política neoliberal de lo cual tenemos ejemplos palpables en este momento, solo leer los diarios en Europa. La fortaleza de Europa está trastornada por la política neoliberal que ha arrasado prácticamente a países como Grecia, España, Italia incluso, que contaminó a Francia por decir así y que no se si iba a pasar lo mismo a Alemania. Este, porque me parece como que los alemanes están serruchando la rama sobre la que están sentados ¿no? Es un viejo dicho, un viejo dicho criollo ¿no? Este y lógicamente contradictoriamente se produjo esta reacción del pueblo en el 2001, fue una especie ¿cómo podríamos decir? Un gruñido, un alarido, un alarido de bronca, de bronca, de resentimiento por la situación que se había llegado, ya a fines es muy similar a la situación de España por ejemplo, de Italia en este momento ¿no? Y la gente vio evaporarse, la clase media sobre todo vio evaporarse los ahorros que tenía en moneda extranjera sobre todo en dólares ¿no? Esto provocó entonces ese acceso de odio, la gente salió a la calle porque veía que los esfuerzos de su vida se habían derretido por decirlo así ¿no? No tenían... habían dejado de ser algo del pretérito ¿no? este... de la situación y se produjeron entonces estos cacerolazos en que hubo una mezcla de sectores de clase media, barrios de clase media, este... de la ciudad de Buenos Aires, esencialmente de la ciudad de Buenos Aires y que ya antes de eso venía marcado por resistencia de sectores más bajos de la población, digamos de sectores obreros, de desempleados, este... etc., etc (Gutierrez, 71 años, Buenos Aires, grifo nosso).

Há um jogo de forças em transbordamento, que é evidenciado na fala de Gutierrez, ao apontar para uma resposta visceral e um sentimento a flor da pele, que vem acompanhado de grunhidos, de alaridos e de sentimentos de bronca que sobem a superfície e transbordam em sons. São memórias que propõem uma questão de disputas e embates, onde de fato as estruturas de poder e as verdades constituídas se tornam elementos muito importantes a serem considerados nas formas de resistência e mobilização política.

São nestes agenciamentos que podemos vislumbrar uma dissolução dos aspectos de poder impostos pelas políticas neoliberais implantadas na Argentina em 2001.

São memórias que, quando agenciadas, se tornam potentes e criam fissuras que possibilitam a invenção de mundos. São novas temporalidades que, tecidas, possibilitam uma nova maneira de expressar o *mal estar* de um povo. São as dobras de forças não sonoras se dobrando e se fazendo sonoras nestas multiplicidades intensivas. São as virtualidades que se agenciam e permitem com que forças sejam canalizadas e assim promovam novos jeitos de lutar e de criar possibilidades. São mundos impossíveis sendo arquitetados a cada instante.

De fato, neste silenciamento, existe uma angústia por parte destes indivíduos em não encontrar uma escuta e de serem punidos por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se exporem a mal-entendidos (POLLAK, 1989). Neste cenário, Pollak (1989) nos aponta que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p.08).

O que se passa quando não se pode ouvir mais a força da voz de um povo ou quando se esgotam as possibilidades de escuta e se passa a ouvir somente as vozes hegemônicas? Tais forças não sonoras e dissidentes vão se arrastando por contágio, vão borbulhando, criando porosidades e fissuras e começam a vibrar; vibram silenciosamente, primeiramente nos corpos. “*Entonces los cacerolazos son siempre un resultado, un resultado, no un medio, más que eso es como una expresión, como una consecuencia de un proceso.*” (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile).

É nesta fala que podemos entender que o quadro de crises em que a sociedade Argentina vinha se constituindo, os quais o povo vinha sendo negado em suas necessidades mais básicas de existência, faz com que o silêncio engenhado pelo medo e desesperança possibilite que os *cacerolazos* eclodam justamente com a declaração do estado de sítio feita pelo então presidente De La Rúa, em 2001. Ao efetuar-se, podemos vislumbrar as forças não sonoras emergindo como liberdade de expressão e direito de voz, forças estas que fazem do *cacerolazo* uma máquina de

guerra sonora.

Nosotros salíamos con las tapas. Y el sonido, esto era, yo puedo pensar en que poníamos ahí toda la bronca en ese golpe ¿no? este... que no tenía nada de musical, aunque alguien por ahí lo podía encontrar pero no tenía nada de musical, sino que estábamos descargando con esos objetos este... toda la bronca y además era como una cosa compasada en la cual nos uníamos todos porque todos pegábamos así con la misma bronca, todos los que nos íbamos encontrando para ir juntos a la Plaza de Mayo nos encontrábamos todos porque salíamos de todas las calles y íbamos todos para el mismo lugar y entonces el ritmo ese era: "bronca, bronca, bronca, bronca, bronca, bronca, bronca, bun, bun, bun" una cosa así ¿no?" (Elvira, 66 años, Buenos Aires, grifo nosso).

Tal máquina de guerra se evidencia na fala de Elvira, através dos encontros potentes que se dão entre pessoas que não aguentam mais a situação em que o país se encontrava. Eram milhares de argentinos com o mesmo sentimento. Sentimento que possibilitou agenciamentos de forças intensas não sonoras, que haviam sido silenciadas e que naquele momento transbordavam em batidas intensas que instauravam o sentido de uma bronca e/ou descontentamento que não mais podiam ser expressos por palavras.

Tais agenciamentos de forças se tornam sonoros e emergem em conjunturas favoráveis. São memórias marginalizadas e podem assim ser colocadas nestes instantes de forma a inventar mundos em que as memórias que estavam silenciadas sejam então produtoras de novos sentidos, numa interação constante entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (POLLAK, 1989).

Kammerer e Roncero (2005), ao abordarem os *cacerolazos*, também fazem menção a tais forças não sonoras que se expressam no momento de dor dos argentinos e que os sentimentos de bronca, impotência e mudança vão ser um dos elementos que fazem com que eclodam estas ações. Desta forma, o estado de sítio e o que se manifestava no indizível, foram maneiras para que tais forças inventassem estes territórios sonoros.

Las calles se habían vuelto habitables. Justo el inverso Del estado de sitio-que impide ante todo El agrupamiento y el estar em las calles...Porque las calles se habían vuelto inhabitables hacía tiempo por el modo de vida neoliberal y no por um decreto presidencial de invitación a La bestialidad policial. El supuesto estado de sitio resulto um llamado a habitar las calles. Para esa masa-de-gente no há lugar el estado sitio (LEWKOWICZ, 2002, p.22).

Neste sentido, as forças sonoras dos *cacerolazos* diluem o signo da

linguagem para o signo da sonoridade e, neste campo, há uma convocação da escuta do outro conduzindo a um campo da escuta com o outro num jogo de forças que habitam e se esparramam pelas ruas da cidade.

Num texto produzido por uma Assembleia Popular do bairro de “Palermo Viejo”, Buenos Aires, em 2003, podemos vislumbrar mais um pouco destas forças não sonoras que se tornam sonoras.

salimos a las calles con nuestras cacerolas. (...) Algunos salimos a protestar contra el estado de sitio, otros contra Cavallo, De la Rúa, el corralito, o contra un modelo económico que empobreció a millones de argentinos. Salimos con bronca. Por eso hicimos sonar nuestras cacerolas que dijeron BASTA! Comenzamos a caminar y terminamos frente a la casa de Cavallo o en la Plaza de Mayo. Cuando Cavallo renunció no pudimos contener nuestra alegría. Y fuimos por más. Había que echar también a De la Rúa. Y lo logramos aunque la alegría se mezcló con la tristeza porque el gobierno antes de irse provocó La muerte de muchos argentinos. Pero por primera vez en la historia no fueron los militares los que voltearon un presidente. Fuimos nosotros” (BOGADO, 2006, p.170).

Os *cacerolazos* são estes encontros que aglutinam forças de silêncio, angústia e dor e, assim, permitem inventar novos territórios através de forças extremamente criativas e mobilizadoras e que são potência de vida a ser liberada.

Por que falamos sempre em falta, em vazio? Justamente a ideia de profusa me levou a pensar que esse vazio talvez não fosse um “vazio absoluto”, mas vazio de significação, de dizeres, um vazio de fala, daquilo que já possui formas [...] Não há, portanto, um vazio que não contém nada e sim um plano da subjetividade que é vivido, sentido como vazio uma vez que não obedece a ordem daquilo que é passível de ser dito, do que é passível de ser representado desta ou daquela maneira (RUBINI apud SÁ, 2003. p.132-133).

Segundo Schafer (1991), “o silêncio é uma caixa de possibilidades. Tudo pode acontecer para quebrá-lo, é a característica mais cheia de possibilidades da música... O silêncio possui um potencial muito grande de trazer o novo” (SCHAFER, 1991, p.71).

Sabemos que a música do século XX foi muito produtiva neste sentido e convocou a escuta para uma desagregação da moldura tonal em prol de uma expansão das sonoridades. Este fato não se dá somente no interior do campo musical. São ritornelos, como já descrevemos; ou seja, forças não musicais que penetram no campo musical e, ali, através da escuta, são transformadas em sonoridades.

A poética do músico e compositor John Cage nos permite agenciar um conjunto de ideias musicais - o silêncio, o acaso, a composição como processo, a indeterminação, a não intencionalidade, a experimentação; qualquer som em aproximação da arte e da vida (COELHO, 2002). Segundo Dennis Smalley³⁵, compositor de música eletroacústica, nascido na Nova Zelândia (1946):

existe uma espécie de membrana fina que se rompe e viabiliza as passagens do mundo não musical para o território musical e vice-versa. Como vimos, são as *dobras* que a escuta vai fazendo. Neste sentido, o campo musical abarca tanto o potencial de transbordamento - a música desterritorializando espaços não musicais -, como de embebedamento - forças não musicais interferindo no campo musical (COELHO, 2002, p.43).

Entre o indizível e o audível dos *cacerolazos*, com suas novas produções de sentidos, nos perguntamos, assim como Kammerer e Roncero (2005), o que faz com que o povo eleja estes utensílios como elemento de protesto e, com isso, coloque as forças não sonoras em movimento?

Os referidos autores fazem menção ao movimento do *cacerolazo* como prática sócio-estética ou estético-política que comunica o mal estar do povo de forma criativa (KAMMERER & RONCERO, 2005).

Yo creo que... yo creo que, o sea, uno sabe que por ejemplo que la gente está... el pueblo, la gente, el trabajador está vivo, son seres vivos, pero la máquina como del capitalismo de la monotonía del trabajo diario hace que uno los vea como si fuera siempre lo mismo como si no hubiera vida porque es repetitivo, la gente trabaja como cansada, es como si fuera algo sin brillo. El cacerolazo es la expresión de cuando la gente se saca de alguna forma la ropa del trabajo, dice basta y golpea el cacerolazo es como... la vida y el cacerolazo es como la expresión de cuando el pueblo brilló, de hecho justamente el cacerolazo es como que le da luz, ilumina al pueblo, ahora el pueblo en oscuras pero haciendo trabajo en la oscuridad para volver a iluminarse, yo creo que ahí el cacerolazo con la vida tiene que ver con la expresión de un pueblo vivo, de un pueblo brillante, brillante, en movimiento, a pesar de que hay vida sin movimiento, sin necesariamente estar iluminado o con movimiento" (Ygor, 26 anos, santiago do Chile. Grifo nosso).

Neste aspecto, há uma construção e um deslocamento de sentido na comunicação criativa através do uso das panelas e utensílios domésticos relacionados a tais acontecimentos sonoros. Na fala de Ygor, podemos contemplar o brilho enquanto potência de um corpo que se movimenta e que se vê ativo nas

³⁵ Compositor de Música Eletroacústica, nascido na Nova Zelândia (1946). Para melhor conhecimento do Autor ler: SMALLEY, Denis (1992). The Listening Imagination: Listening in the Electroacoustic Era. In PAYTNER, T. H.; ORTON, R.; SEYMOR, P. (Ed.). Companion to Contemporary Musical Thought. London/New York: Routledge, p.514-554.

construções de novas realidades. Os *cacerolazos* se tornam verdadeiras máquinas de guerra, que dispersam o som de forma plural e intempestiva, se conectando por todos os lados e produzindo forças desterritorializantes que criam novas formas de se fazer política e de inventar a própria vida, trazendo para ela um novo brilho que pode contagiar a muitos.

Neste sentido, cabe pensar em agenciamentos que considerem uma postura que seja ético-estético-política e criativa diante das demandas de determinadas coletividades. Seria o acesso ao tempo do acontecimento, da abertura para um devir inventivo proposto pela terceira síntese do tempo. Os participantes dos *cacerolazos* sejam eles estudantes, sindicalistas, cientistas, políticos, professores ou intelectuais da sociedade

devem submeter seu saber, suas glórias, seus métodos, suas técnicas, suas inserções sociais como profissionais a uma profunda crítica que os faça separar, dentro dessas teorias, métodos e técnicas, dentro dos organismos aos quais pertencem, o que é produto de sua origem, de sua pertença ao bloco dominante das forças sociais e o que pode ser útil a uma auto-análise, a uma auto-gestão, da qual os segmentos dominados e explorados sejam protagonistas (BAREMBLITT, 2002, p.18).

5.2. A RUA COMO CAMPO VÁLIDO DE EXPERIÊNCIA

Caminhar por uma cidade implica em sermos inundados por uma multiplicidade de sons: veículos, pessoas caminhando ou conversando, canto dos pássaros, grunhido de animais, propagandas diversas, aparelhos eletro-eletrônicos, manifestações religiosas, construção civil, etc.

A música, desta maneira, retrata o lugar e seus valores, compondo e demonstrando elementos culturais desta paisagem sonora (TORRES, 2007).

Kátia Canton (2009), ao se referir à arte contemporânea, diz que esta se configura como força que vai tomando corpo à medida que evoca amplamente os sentidos, numa negociação constante entre vida e arte, arte e vida.

Sabemos da importância que o cotidiano tem nestas construções. Assim, ao caminhar pelas ruas da cidade ou quando adentramos os diversos espaços, tanto os privados quanto os públicos, somos colocados em contato com o mundo de maneira sensorial: com seus cheiros, com suas cores, com seus sons, suas temperaturas e com todas as nuances e possibilidades que este nos abre e nos permite vivenciar.

(...) Íbamos caminando con mucha fuerza, como quien piza la tierra con fuerza ¿no?, y... íbamos... sabíamos que íbamos para la Plaza de Mayo pero no íbamos pensando que calle íbamos a tomar, que lugares, o sea agarramos Defensa pero mientras íbamos a Defensa desde Tacuari son varias cuadras salían personas por las... que cortaban por las laterales, y cada uno era como que íbamos al encuentro del otro, pero en distintas direcciones (Elvira, 66 anos, Buenos Aires. Grifo nosso).

Na fala de Elvira podemos perceber quanto o complexo sonoro produzido nos *cacerolazos* opera aglutinações de corpos, levando as pessoas a agirem em seus maiores graus de potência. São encontros que se dão de forma aleatória e não intencional. São verdadeiros rizomas que agenciam ações coletivas tecidas nas entranhas de cada indivíduo, que se percebe criativo e não consegue conter as forças que lhe atravessam. Elas acontecem nas ruas e praças da cidade, nestes encontros fortuitos com milhares de combinações e permutações possíveis que a rua transforma em campo fértil para esta polifonia que marca modos de resistir e manifesta o pulsar de um povo.

Deste modo, as ruas e esquinas passam a ser ocupadas e nelas podem se ver nascer os desejos, os sonhos e invenções. Invenções estas que recriam os espaços e percepção de tempo destes locais. As ruas, para Juan, se tornam um convite à liberdade, a expressão e a uma vida que pulsa. Para ele a rua

(...) te invitaba a apoderarte de un espacio que a veces era ajeno a ti, porque, bueno, la funcionalidad de las calles no respeta a la colectividad, pero el sonido... porque no era un solo sonido, no era una cacerola, era cientos de cacerolas y eso te invitaba a unirte a eso y entonces tú perspectiva de tránsito a lo mejor, del tránsito desde tú punto hacia donde estaban las demás personas era una invitación a salir a las calles, a apoderarse de las calles. (Juan, 19 anos, Santiago de Chile, Grifo nosso).

As ditaduras e práticas neoliberais que se deram na América Latina, converteram as ruas e praças em lugares inabitáveis, onde a arte e a expressão se tornaram escassas diante dos dispositivos de censura e controle dos corpos. Os usos e maneiras de se ocupar as ruas e espaços públicos se tornaram estratégias de ampliar os modos capitalísticos³⁶ em suas modelizações e produções de subjetividades a favor da maquinaria institucional, do consumo e da morte.

Nos estudos que envolvem os *cacerolazos*, temos como cenário de maior evidência as ruas e as praças, que são os lugares que possibilitam os encontros e fluxos de gente. Os sons dos *cacerolazos* propõe um contágio, um mar sonoro de

³⁶ Vide nota de rodapé número 15.

encontros que percorre as ruas e avenidas e criam temporalidades, espaços e sentidos que fogem aos entendimentos e significações.

Neste cenário, os *cacerolazos*, como já mencionado, se tornam estratégias de guerra, que engendram novas coletividades que passam a considerar a cidade como espaço a favor da vida, das memórias singulares que produzem outros modos de vida, para além dos que já estão postos.

Por ejemplo los cacerolazos siempre fueron en las esquinas de las calles, donde se juntaban dos calles siempre había un grupo de gente, la calle representa, bueno, libertad, un espacio público. La casa no, la casa es como algo personal, privado, propiedad privada, la familia, íntimo, entonces la calle es el espacio público y para mí, bueno, representa de alguna manera un lugar donde uno... es cuando uno dice basta y sale a la calle, sale de la casa, sale de lo privado a lo público. Las cacerolas siempre fueron en las esquinas de las calles porque en ese momento era donde se encontraban los autos también, entonces la gente no solamente llamaba, uno estaba por ejemplo en la casa privada y escuchaba la cacerola en la esquina de la casa y uno decía aunque uno se tapara con la cama para dormir escuchaba el sonido y uno sentía no uno tiene que ir para afuera, de alguna forma la cacerola era el llamado también de a los que no participaban a sumarse, a salir a lo público a salir a la calle y en el fondo eso representa la calle un espacio que es ocupar nuevamente los lugares públicos que son de la gente y que en el fondo por la represión y el gobierno que no dejaba a la gente manifestarse era retomar es lo que es de todos (Ygor, 26 años, Santiago do Chile).

Na fala de Ygor fica evidente o quanto estes territórios sonoros dos *cacerolazos* criam porosidades a favor de encontros impossíveis. São sonoridades que aglutinam pessoas diferentes, que talvez nunca sairiam às ruas. Tais encontros permitem que estas pessoas saiam de seu mundo privado e criem conexões e aglutinações que emergem nas esquinas de diversas ruas, revelando a vida que pulsa nas ruas e na cidade como um todo.

Criam-se “territórios de memória”, onde tal ideia pode também ser compreendida pela ideia de lugares de memória propostos por Pierre Nora (1993) que procura desconstruir a ideia estática, unitária e substantiva que o conceito de lugar pode propor.

Assim, podemos enfatizar que a noção de território refere-se às relações ou ao processo de articulação entre os diversos espaços marcados e às práticas de todos os que se “*envolvem no trabalho de produção de memórias sobre a repressão; ressalta vínculos, hierarquias e a reprodução de um tecido de lugares que potencialmente pode ser representado por um mapa*” (CATELA, 2001 apud BOGADO, 2006, p.183).

Por meio de estratégias de dispersão, ao espalhar as sonoridades pela cidade, estas acabam se configurando como memória de guerra – um corpo coletivo que sonoriza pelos poros e através de estratégias de duração-memória de pertencimento por presença – põe-se num corpo que prioriza o coletivo – multidão, ao ocultar o indivíduo em prol da ação coletiva, das forças não sonoras que atravessam tais indivíduos: um devir todo mundo.

Podemos dizer desta maneira, que as praças e as ruas são detentoras de subjetividades e possibilidades de experiências e são nelas que se produzem espaços múltiplos de atuação. As ruas se tornaram lugares habitáveis, interessantes, solidários, disputáveis, festivos e apaixonantes; ao mesmo tempo em que as casas, o trabalho e a televisão se tornaram mais mentirosos nas promessas. Nelas pode-se ser anônimo, ser muitos, ser gente, gritar e cantar manifestando a vida das ruas (CHRISTLIEB, 2004).

Nos *cacerolazos* podemos perceber, na polifonia de sons produzidos, uma rica multiplicidade que faz relação a este cotidiano. Os variados tipos de painéis e instrumentos utilizados revelam as singularidades dos indivíduos envolvidos no movimento. As formas de golpear a panela dizem respeito a cada pessoa e a cada memória de vida. Ao tomar as ruas, cada som individual produzido por estes utensílios se junta à outros sons, que produzem agenciamentos coletivos potentes pelos espaços por onde cada *cacerolazo* ocorre.

Lo que pasa es que al encontrarnos con otros también hablábamos, no era solamente el cacerolazo, sino que también hablábamos y gritaba, había como una excitación en ese momento que hacía que uno gritara, explotara de todas las maneras posibles, de todas las maneras posibles, había quienes se abrazaban, iban saltando y gritando, bueno y esto era así. Y los espacios se iban este... completando, llenando ¿no? ese vacío del espacio. (Elvira, 66 años, Buenos Aires,).

Nesta outra fala de Elvira podemos compreender a ideia de contágio dos *cacerolazos*, aonde os espaços vazios iam se completando pelas múltiplas sonoridades que se alastravam, atravessavam e se conectavam de diversos modos pelas ruas da cidade.

Pablo Fernandez Christlieb (2004), em seu livro *“El espíritu de la calle”*, revela que os pensamentos e formas de sentir nada mais são do que as formas de pensar e sentir das cidades, pois tais afetos nasceram e se desenvolveram conforme o nascimento e desenvolvimento desta. Assim sendo, a cidade é memória

(CHRISTLIEB, 2004).

Matos (1982), ao falar sobre as cidades, as compreende como um lugar que contém um passado, uma história descentralizada, uma soma de experiências próprias, de práticas cotidianas. Para este autor, o bairro tinha os seus micro-lugares, suas aventuras. A cidade era a que sabia marcar o tempo por seus ritos e signos periódicos de pertença ao grupo.

Sendo assim, podemos dizer que a memória, quando se dá por saltos, e se desprende dos aspectos gregários do dia-a-dia, cria um hiato entre um estímulo e resposta, permitindo acessar o tempo *aíon* que nos coloca diretamente em contato com os devires. São as práticas singulares e manifestações de chilenos e argentinos, através dos *cacerolazos*, que permitem que a vida continue a compor novos brilhos. É um tempo que se torna impulso vital e que faz com que a própria vida insista e dure.

Episódios como as grandes navegações, as revoluções industrial, elétrica ou segunda revolução industrial, e a tecno-científica, que foram agenciadas pelos próprios homens, marcaram a história. Tais agenciamentos determinaram novos ritmos de vida às pessoas, proporcionando reflexões sobre a organização do próprio espaço geográfico. Assim, se pensarmos na quantidade de sons que o mundo passa a produzir/absorver, após cada um destes marcos, torna-se possível fazer recortes históricos e atribuir um “grande barulho” a cada novo período que surge (TORRES, 2007).

Posto isso, os *cacerolazos* argentinos e chilenos, como tessitura de agenciamentos coletivos, se configuram como espaço comunicativo com seus limites, com seus trânsitos, com seus interiores, suas gentes, suas atividades e seus objetos.

Não é a toa que esta eclosão polifônica se dá nas ruas e praças das cidades. São sonoridades que se conectam, produzindo sentidos por cada lugar que passa. São conexões ou rizomas, numa conexão de sentidos onde um determinado som se conecta com outro distante daquele, produzindo memórias que se encontram em suas múltiplas formas de emersão.

A cada momento tem-se um conjunto de elementos de acesso individual. Como numa carta geográfica, qualquer ponto é uma porta de entrada e não há relação entre os pontos a não ser por sua proximidade espacial – ou temporal (FERRAZ, 1998, p.200).

Assim, estas ruas produzem uma textura sonora, um rico tecido que nos arrasta em diferentes velocidades e diferentes dinâmicas. É a música das ruas: nervosa, palpitante, explosiva; um mapa aberto; uma música que flutua (SANTOS, 2002).

5.3. OS CACEROLAZOS CRIANDO FISSURAS DE ESPAÇO-TEMPO

Peter Pál Pelbart (2007), em seus estudos sobre tempo, revela-nos o quanto o regime temporal que preside o nosso cotidiano sofreu uma mutação tão desorientadora nas últimas décadas, que, segundo ele, alterou inteiramente nossa relação com o passado, nossa ideia de futuro, nossa experiência do presente, nossa vivência do instante.

(...) a gestação de novas condutas temporais que alteram o estatuto da memória da repetição, da gênese, afetando assim, forçosamente nossa relação com a ideia de projeto, de história e, principalmente de sentido (PELBART, 2007,p.66).

Houve uma explosão da *flecha do tempo* em favor de uma multiplicidade de setas, direções e sentidos, isto é, um rizoma temporal, num fluxo³⁷ aberto. Diante disso, é levantada a questão: como pensar o tempo “puro”, liberado das conexões racionais e orgânicas que o disciplinavam? (PELBART, 2007).

O tempo *aion* (tempo do acontecimento) está totalmente relacionado ao imaginário e ao espaço urbano com suas novas configurações, e as suas relações com a memória. Estes exercem um papel chave nestas transformações que tais relações de tempo propõem (PERRONE, 2002).

Podemos propor, assim, que o som, com seus fluxos, produz espaços e tempos múltiplos. E desta forma possibilitam o encontro com memórias vivas.

A música sempre criou “lugares” para sua aparição: “rituais, festas populares, canções de trabalho e, especificamente, na música ocidental, na tradição do poder político-religioso, ela saiu dos muros da igreja para a sala de concerto” (COELHO, 2002, p.48).

Pode-se aqui, então, evocar as memórias como texturas de afetos onde o

³⁷ Refere-se aos fluxos materiais e semióticos que “precedem” os sujeitos e os objetos. Portanto, o desejo, enquanto economia de fluxos, não é primeiramente subjetivo e nem representativo (GUATTARI & ROLNIK, 2005.p.383).

tempo regular é estreito demais para abrigar todos os acontecimentos. Nos trazendo o escritor polonês, Bruno Schulz (1994), Pelbart nos aponta que:

No seio do tempo contínuo dos presentes encadeados (Cronos), insinua-se constantemente o tempo amorfo do acontecimento (*Aion*), com seus paradoxos, sua lógica insólita, jamais sacrificada em proveito de alguma coerência superior (PELBART, 2007, p.95).

Os *cacerolazos* tiveram como cenário os espaços públicos urbanos, espaços estes que agenciam uma polifonia de memórias. São memórias constituídas pelas diversas maneiras e concepções de pensar o espaço e tempo, no qual estes espaços, tais como as praças e ruas, carregam consigo sentidos e signos sócio-políticos. Tais espaços permeados por sonoridades ganham novos aspectos e funcionam como disparadores de memórias que criam novas multiplicidades virtuais. São espaços heterogêneos de pertença que misturam de forma venenosa as singularidades de cada corpo no que diz respeito às memórias sonoras de participação e resistência.

La invitación a como apoderarse también, te eliminaba el sentido del individuo, el individuo frente a todo privado, aunque las calles públicas igual te denota que hay algo privado, claro porque salían con un sentimiento de manifestarse por algo y claro era apoderamiento de las calles y por ejemplo, ...el hecho claro de que lo lograban en un momento, y claro eran las calles las personas, las personas eran las calles (Juan, 19 años, Santiago do Chile. Grifo nosso).

Se apropriar das ruas é constituir-se num *devir-rua*, como nos aponta Juan. É sentir-se parte, com um sentimento para manifestar-se por aquilo que é público, que é de direito de cada Argentino ou Chileno.

Na perspectiva de Pierre Nora, os lugares da memória são constituídos pela vontade de memória como maneira de não deixar que aspectos relevantes se deixem escapar por conta de esquecimentos que produzem falta de atuação e reconhecimento do ritual que é pautado pelos aspectos imateriais, simbólicos e funcionais (NORA, 1993).

Claro que, neste ponto, cabe novamente ressaltar a importância do esquecimento enquanto potência. Um esquecimento ativo que cria fissuras para o novo. São memórias dadas por saltos, memórias de futuro que são constantes devires.

Para tanto, os sons e ruídos do ambiente ou os produzidos nestes espaços dos *cacerolazos* trazem uma nova percepção e um novo jeito de perceber as dobras da memória. A escuta destes ambientes constrói novas possibilidades, é uma escuta ativa, criadora e não somente receptora como nos aponta Martinez:

Y claramente el cacerolazo es una expresión de tú estado de ánimo del momento, o sea de tú estado de vida ¿entendés? o sea yo...no sé cómo explicarlo. (Martinez, 31 anos, Buenos Aires).

Edgar Varèse (1883-1965), compositor contemporâneo, trouxe a ideia de espacialização do som tornando a música móvel, produzindo um deslocamento da mesma de seu território dominante (SANTOS, 2002).

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, estéticos e cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante (GUATTARI & ROLNIK, 2005.p.388).

Em sua obra *Amériques*, finalizada em 1921, Varèse se propôs a dar corpo à matéria sonora a partir do conceito de *proteiforme*, palavra criada a partir da entidade mitológica grega Proteu: divindade esta que se metamorfoseava por meio de seus processos criativos. Varèse constrói massas sonoras em cores de timbres, jogos de interações recíprocas, liberadas da circunscrição de um sistema. Desta maneira, integra, com ousadia, novos conceitos de sonoridade, que transformam os parâmetros clássicos da música em categorias mais amplas, gerando campos móveis. Neste sentido, somos inseridos em fluxos sonoros.

Agora, o corpo-timbre desliza pelo espaço numa teia de aglutinação, contração, expansão, espaçamento, filtragem, alteração espectrais. Há uma variedade de material e texturas sonoras. Mas, acima de tudo, o corpo-instrumento ganha uma mobilidade que até então a escuta musical não havia experimentado. É que Varèse faz um bloco som-espaco e, assim, dá ao corpo-instrumento uma mobilidade molecular porque as sonoridades vão se deslocar em relação a longitudes, velocidades, intensidades e latitudes (COELHO, 2002, p.47).

Murray Schafer (1991), ao propor uma escuta pensante, também traz um

processo ativo em relação aos espaços sonoros cotidianos.

A trama sonora dos *cacerolazos* inventa espaços, possibilitando movimentos ativos que criam e recriam tempos. Este caráter nômade do som, no qual não se tem espessura e materialidade, acaba por arrastar o povo em direções e caminhos que são sempre da ordem do instante, que se compõem a cada novo encontro.

(...) o sea, cambiar el sentido de las calles, y eso lo vivía uno porque por ejemplo una calle tenía un sentido y venía un pequeño grupo en el otro sentido y después, o sea, se cruzaban todos y las calles estaban vacías, por lo menos en Antofagasta el lugar que me tocó no había tránsito entonces no había autos ni nada porque estaban cortados o se desviaban, pero el sentido de las calles cambió totalmente, o sea uno no estaba en la vereda estaba en la calle” (Fernando, 23 anos , Santiago do Chile. Grifo nosso).

Esta “música” ou, como preferir, as sonoridades das panelas, apresenta apenas velocidades ou diferenças de dinâmicas e se desenvolvem por conexões rizomáticas. Como nos sugere Fernando ao nos apontar sobre esta dinâmica que faz cruzar corpos pelas ruas e deixá-las vazias num outro instante. De subverter as ruas para outros aspectos, onde não havia mais carros e sim pessoas dispersando sonoridades pelos espaços que cruzavam. Não são trajetórias fixas, são pontos que se conectam livremente sem trajetórias. As entradas são múltiplas e abertas e as relações entre seus elementos se dão por conexões livres e não hierárquicas (SANTOS, 2002).

Esse espaço que tais sonoridades produzem são espaços direcionais e não dimensionais ou métricos e são ocupados mais por acontecimentos do que por coisas formadas e percebidas. São forças que traçam cortes expressivos manifestando em intensidades, por ventos e ruídos, por forças e qualidades táteis (SANTOS, 2002).

As batidas de panelas e de outros utensílios metálicos geram uma nuvem sonora. Para pensar tais elementos é de vital importância conhecer, além desses teóricos já descritos acima, o pensamento sonoro-musical de Iánnis Xenákis ³⁸ (1922-2001).

³⁸ Nascido na Romênia e filhos de gregos, Xenákis foi um grande compositor, além de grande teórico da música, era arquiteto e engenheiro, e seus estudos na Grécia por meio dos elementos da matemática lhe trouxeram grandes conhecimentos para pensar a música em novas possibilidades a partir da ideia de grãos sonoros e evolução destas massas ao longo do tempo (XENAKIS, 1992 apud SILVA NETO, 2006)

Em sua produção de conhecimento cria-se o conceito de tela, uma representação gráfica nos quais os parâmetros de frequência, amplitude, densidade, duração serão especificados e o conjunto da sequência de telas, irá descrever um evento sonoro. Sua grande questão era como pensar o deslocamento das massas, indo de um estado contínuo pra um descontínuo e vice-versa. Xenákis lida com o universo do microsonoro criando a ideia de densificação, ordem, desordem, continuidade, descontinuidade, espacialização. Levando ao campo das probabilidades (SILVA NETO, 2006).

Um som complexo pode ser imaginado como um fogo multicolorido em que cada ponto de luz aparece e instantaneamente desaparece contra um céu escuro. Mas nesse fogo poderia haver tal quantidade de pontos de luz organizada de modo que sua rápida prolífica sucessão poderia criar formas e espirais, desdobrando-se vagarosamente ou inversamente, breves explosões num céu flamejante. Uma linha de luz poderia ser criada por uma multitude suficientemente grande de pontos aparecendo e desaparecendo instantaneamente (XENAKIS, 1992 apud SILVA NETO, 2006, p.73).

A partir destes acontecimentos, evidencia-se a autonomia e o pulso em deslocamento. Gera-se um fluxo com base em deslocamentos, ora agudos, ora graves. Sendo assim, a marcação do pulso se desloca e é possível uma audibilidade de uma autonomia, ou seja, onde ninguém é líder, e sim, companheiros que se solidarizam uns com os outros e entram em ressonância. Ygor nos aponta para tal aspecto agenciador que as sonoridades promoviam:

Quando uno llegaba en un barrio, llegaba con la gente uno sentía como algo muy extraño, uno no se habla mucho quizás con los vecinos del barrio de manera normal pero con el tema de los cacerolazos se juntaban y lo que sentía era como solidaridad, eso era lo que sentíamos entre la gente, cuidado colectivo, de alguna forma incluir a más de una persona con una cacerola era que de alguna forma había un acuerdo, no que no se decía, no era explícito pero había un acuerdo de que nos estábamos cuidando juntos, o sea si llegaban los pacos (policías) todos asumíamos que teníamos que defender, no era nadie se va a salvar solo de alguna forma, esa sensación generaba el agruparse, era el saber sin decir que nos íbamos a cuidar, que había un sentimiento solidario como colectivo, eso me generaba cada vez que me encontraba con alguien (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile. Grifo nosso).

Essa escuta, evidenciada na fala de Ygor, é convocada ao “povo por vir”. Pode se verificar uma atemporalidade em prol da duração e assim provendo escutas em fluxo - meu som é o teu que é meu, nosso corpo sonoro coletivo.

Estes são sons que trazem memórias que são como pontos de luz que

aparecem num céu escuro.

Muitos dos *cacerolazos* chilenos ocorrem durante a noite e demonstram de maneira clara o que afirma Xenákis. Sons que criam formas, discursos expressivos, explosões não hierárquicas que vem do povo que caminha pela rua. São sons que trazem possibilidade de voz e expressão, diante das políticas educacionais chilenas que foram empregadas neste contexto, e em meio à escuridão trazem memórias de luta e esperança por uma educação justa que contemple os interesses do coletivo de estudantes, de familiares, e de todos que compreendem que na educação existe um encontro potente e ativo em relação ao mundo.

(...) en la noche la gente está en su hogar, está en su casa, en el día la gente trabaja, no ve las noticias o las ve muy poco, entonces fue en la noche el momento en que la familia se reúne, el que el estudiante que estaba en paro en su colegio, en su universidad, o el estudiante en toma que fue ese día a bañarse, a buscar comida para volverse a su colegio a su universidad a seguir la toma, se encontró con su papá, con mamá, con su hermano y es el único momento en el día en que nos encontramos. Entonces yo creo que es por eso quizás en la noche y no en el día (Frederico, 22 anos, Santiago do Chile. Grifo nosso).

As memórias que Frederico nos traz estão diretamente relacionadas aos espaços, revelando uma memória de participação e atuação em rede, onde famílias e vizinhos se conectam com os estudantes em fluxos não hierárquicos, e sim em agenciamentos coletivos que inventam novas formas de existir e de fazer política.

5.4. MEMÓRIAS POTENCIALIZADAS PELA ESCUTA

A memória e toda a sua rede de sentidos se opõe a perspectiva de memória como simples conservação ou reprodução de fatos passados, pois esta carrega e se compõe de novas maneiras à medida que o tempo traz novos sentidos a cada experiência vivida.

Os sons dos *cacerolazos* com toda a sua sonoridade em múltiplos timbres, possibilita que se embarque num universo de memórias entrecortadas e atemporais. É nestas memórias, como acontecimento, que surge o intempestivo, onde tais experiências podem ser vivenciadas através de uma escuta ativa. É por meio das escutas que somos remetidos a diversos momentos, e que se fossemos discrever, seria algo extremamente difícil. Determinados sons fazem surgir em nossas mentes polifonias de imagens, cores, sentimentos, sentidos, forças, desejos, etc. São

elementos transpassados uns pelos outros, se amontoando num jogo constante de ressignificações e mutações que se fazem vibrar e ressoar por todo o corpo.

(...) caminé dos horas y media a mi casa, caminando del centro a mi casa y crucé dos sectores importantes, o sea caminé mucho, y todos los lugares donde caminaba había cacerola, en todo lugar, en el centro de Santiago, en las periferias de Santiago, la cacerola era en todo Santiago y me sorprendía en el fondo era como... así como la cacerola te acompañaba en la lucha te acompañaba hasta llegar a la casa, llegué a mi casa y se escuchaba el sonido: tic tic tic tic... (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile. Grifo nosso).

Ygor, através do relato acima, nos aponta para este intensivo que a escuta proporciona. Uma escuta que nos coloca diretamente em contato com a potência de agir que tal território sonoro dos *cacerolazos* agencia. Sons que nos inundam e que sacodem todo o nosso corpo. São nestes fluxos intensivos que o corpo ainda pode produzir memórias e, assim, recriar a própria vida.

Segundo Obici (2008), o som carrega a potência do intensivo. Estes complexos sonoros operam em nossas subjetividades, criando dobras e redobras de uma maneira bem particular. Para o autor, o som é potente porque tem a capacidade de mobilizar com pouco.

O objeto sonoro não pode ser considerado como signo fechado, mas como jogo que põe linhas em deslocamentos, como algo próprio da vida. Sendo assim, ele se faz neste paradoxo perceptivo, e ele só pode existir através da escuta (OBICI, 2008).

Assim, quando escuto determinado som como indício, é nesta atividade intencional que se ordenam e se direcionam as diversas impressões auditivas. A escuta, que nada mais é aquilo que me proponho a escutar, visa sempre outra coisa, e o que ouvimos são apenas indícios e sinais (SCHAEFFER, 1993).

Ygor, ao relatar sobre sua escuta em relação ao som dos *cacerolazos*, afirma que são estas sonoridades que agenciam a luta e se fazem companheiras de muitos. São sons que criam forças para mobilizar, mas que também é companheiro na volta pra casa. Ritornelos que criam fissuras no espaço-tempo e operam os sentidos a favor da educação do Chile. São nestes *espacios hapticos* de afecção vivenciados nos *cacerolazos*, que Ygor se percebe plenamente mobilizado, mas ao mesmo tempo seguro para compreender que a luta, ainda que se durma, continua a ressoar pelas ruas da cidade. São linhas de forças que se deslocam e que criam novos arranjos, novos sentidos a cada instante do acontecimento.

Deleuze (1997[a]) ao explanar um pouco sobre estes processos nos coloca diante da figura do carrapato, mostrando-nos as afecções deste animal pelo cheiro, pela luz e pelo sangue do animal à espreita.

O carrapato, atraído pela luz, ergue-se até a ponta de um galho; sensível ao odor de um mamífero deixa-se cair quando passa um mamífero sob o galho; esconde-se sob sua pele, num lugar o menos peludo possível. Três afectos e é tudo; durante o resto do tempo o carrapato dorme às vezes por anos, indiferente a tudo o que se passa na floresta imensa. Seu grau de potência está efetivamente compreendido entre dois limites, o limite ótimo de seu festim depois do qual ele morre e o limite péssimo de sua espera durante o qual ele jejua (DELEUZE & GUATTARI, 1997[a]. p. 42-43).

Para se pensar nestes *espaços hápticos* dos *cacerolazos* e ampliar a compreensão destes, enquanto *acontecimento*, trabalharemos, a seguir, alguns conceitos do campo sonoro propostos pelo compositor *Brian Ferneyhough*, que favorecem tal percepção e borbulhar de memórias pela escuta da diferença. Os conceitos são o de *textura*, *figura* e *gesto* e foram apresentados em seus *Études Transcendantes* compostos no período entre 1981 e 1986.

Escutas como textura

A ideia de escuta como textura, sempre nos coloca em contato com as forças não sonoras, é uma escuta dos “espaços surdos”, dos sons que não são exatamente percebidos, que se colocam em movimento e a cada instante possibilitam a escuta se deslocar e tatear relevos distintos de dobras múltiplas. A textura sempre diz respeito às dobras, e de como tais dobras podem ser porosas, contendo fissuras que possibilitem graus de permeabilidade em suas formações (FERRAZ, 1998).

São nestes encontros entre diversos sons, uns mais graves outros mais agudos, uns mais abafados outros mais estridentes, que se geram texturas que produzem comunicações diversas em seus deslocamentos de espaço e tempo. Por textura podemos entender como:

A sensação produzida pela configuração e pelo dinamismo dos elementos presentes num determinado fluxo sonoro. A textura só pode ser parametrizada a partir de elementos complexos como a densidade vertical/horizontal, a superfície e seu dinamismo (esse último também ligado à densidade), mas que não representam completamente. Relacionando escuta melódica e textura, temos uma passagem surpreendente de C. S. Peirce, nesta passagem ele descreve que quando

se escuta uma sequência de sons acredita-se estar escutando sons isolados diacronicamente ordenados, porém cada som é ouvido em função de seus vizinhos, o que implica em que todos os momentos a escuta se condensam num instante único. Um tecido sonoro numa grande modulação (FERRAZ, 1998, p.64).

Neste jogo de forças sonoras e não sonoras e dos múltiplos timbres, forças e velocidades se vai compondo os múltiplos sentidos dos *cacerolazos*, permitindo uma escuta intensiva. Forças que se dão nos espaços do “*entre*”, e que revelam as diferenças de natureza entre uma batida e um raspar; entre um som grave e um agudo; entre um repouso, um suspiro e um voltar a bater; um ritmo e um não ritmo; um balançar de corpo e um parar. Nada mais, nada menos, do que a dança da vida, das memórias que se dão por saltos da mais bela música do acontecimento.

Para que se entenda a escuta textural é necessário afastar-se da ideia de escuta melódica, onde entram em ação diversos fatores de memória e reconhecimento. Dai o fato de a percepção textural ser mais clara em tramas sonoras polifônicas de grande complexidade onde a atenção, mesmo se fixando sobre fragmentos melódicos, não consegue abranger a completude da passagem (FERRAZ, 1998, p.166).

Sabemos da riqueza que o som pode expressar em cada vida. Os sons do *cacerolazos* são sons que se colocam neste contexto de texturas múltiplas, gerando e possibilitando ricas memórias entrecortadas, inclusive pelo esquecimento. São espaços de intensidade que se deslocam e produzem memórias.

(...) por ejemplo cuando uno pasa por un lugar determinado queda una especie de memoria ahí ¿no es cierto? según no sé por ejemplo si estuviste con alguien importante o pasó algo importante en ese momento pasa de nuevo después inevitablemente te va a recordar algo, no sé si visualmente, puede ser auditivamente o quizás difusamente pero con un nivel de sentido, en el caso o sea... yo creo que queda el... o sea obviamente se despierta el recuerdo con todo eso pero la movilización no se ha... el conflicto como sigue abierto entonces al final fue como un momento de reivindicación y de lucha muy alto pero que hasta el momento no ha triunfado, entonces por tanto como sigue abierto no hubo una transformación así como material de hecho, aunque a partir de eso se abrieron muchas cosas, muchas como tipo de transformación pero claro muchas posibilidades, de ahí se profundizó el proceso de lucha, cierto, no solo de los estudiantes. Hoy hay trabajadores movilizándose todos los días, pobladores, lo que antes no sucedía, fue como que a partir de ahí se ramificó algo, entonces volviendo más a la pregunta yo creo que claro uno tiene algún recuerdo a partir de eso pero al mismo tiempo algo también planteaba hacia adelante, porque el movimiento no ha triunfado hasta el momento (Fernando, 23 anos, Santiago do Chile, grifo nosso).

Nesta fala, Fernando nos coloca diretamente em contato com os aspectos da memória como acontecimento. Apontando-nos que o movimento dos estudantes, em

si, não tem triunfado, e que o mesmo não obteve uma conquista mais concreta até o presente. Mas cabe salientar que Fernando não exclui que os *cacerolazos* possibilitaram e ainda possibilitam a ramificação de muitas possibilidades por outros setores no processo de lutas do povo chileno. São realidades virtuais que vão produzindo dobras e redobras na memória e que criam possibilidades para se engendar novos mundos a partir de múltiplas efetuações.

A textura se relaciona diretamente com as questões de tempo, pois a mesma gera marcas no tempo. Ferraz (1998) nos aponta que os tempos não cronológicos, o tempo do acontecimento, são interrompidos por blocos de tempos estriados e cronológicos, que subdividem os espaços e fixam pontos que fazem emergir as marcas de um passado que são novamente ativadas pela memória (FERRAZ, 1998).

As marcas são memórias passivas e são reativadas neste encontro que os *cacerolazos* fazem emergir.

Mas, para além destas marcas e se deslocando por outra perspectiva de tempo, podemos aglutinar neste processo de escuta da textura promovida pelos *cacerolazos*, uma ideia de perda de referência dessas marcas e, com isso, potencializar outras temporalidades alucinantes. Cria-se um espaço de um campo sonoro flutuante, no qual as nuances materiais e mnemônicas não podem ser reproduzidas e repetidas. Surge aí, num aprofundamento de compreensão, uma escuta que não consegue mais ouvir da mesma maneira e se *desterritorializa* a todo tempo.

É neste momento que cabe a percepção da *Terceira Síntese do Tempo*, já contemplada neste trabalho, que nos coloca diretamente em contato com a síntese do *tempo vazio*, no qual o tempo não mais está preso às garras de memórias e conteúdos estáticos cheios de imagens. Neste tempo, não vai mais importar certa materialidade, e sim as forças não sonoras que se encontram na experiência de sensações e de micro-percepções que se encontram nesta forma de escuta intensiva.

A escuta como figura

A escuta como figura é uma escuta que contempla detalhes. Quando nos deslocamos e nos aproximamos das *dobras* de complexo sonoro, vamos percebendo que podemos utilizar a escuta num outro sentido. *Como se fosse um*

“*zoom*” que vamos dando em nossos modos de escutar. Ao se aproximar das dobras, pode-se adentrar às suas pregas e ranhuras. Claro que, à medida que nos encontramos com novos elementos e riquezas de detalhes sonoros que emergem nos *cacerolazos*, somos diretamente colocados em contato com tais forças. São forças não sonoras, isto é: múltiplas memórias que emergem a favor desta experiência polifônica. É nesta malha sonora que emergem memórias, forças não sonoras que nos reconectam com o silenciamento de um povo, com os modos de ocupação dos múltiplos espaços públicos, com as relações de tempo e espaço, que deslocam sentidos e poderes, com as memórias que dizem respeito ao que é comum e que fazem referências às assembleias de bairro, às lutas dos estudantes, aos trabalhadores, às famílias e à luta pela vida, como um todo.

Silvio Ferraz, ao abordar sobre tal questão se reportando à Ferneyhough, define figura como agenciadora de elementos de significação que se definem por detalhes em posição num determinado contexto, onde não há uma significação *a priori*, mas uma significação que acontece num devir musical e da escuta. É interessante notar que as dobras internas, ao mesmo tempo em que são produzidas, trazem os efeitos de superfície (FERRAZ, 1998).

Cabe colocar que quando determinamos *a priori* uma significação e/ou uma expressividade, do tipo som de raiva ou som de alegria, podemos enclausurar a escuta e, assim, deixar de perceber os deslocamentos ou sentidos que se produzem nestes territórios sonoros. Pode-se dizer que se bloqueiam *as linhas de fuga* que são geradoras e criadoras de novos territórios inventivos.

...no era música, era un estallido, o sea si vos le querés buscar musicalidad por ahí hay algún este... musico en su momento más dramático, este, bueno, ... se puede comparar con eso no sé con qué música (Elvira, 66 anos, Buenos Aires).

...por ejemplo era: tac, tac, tactac, tac, tac, tac, tac, me acuerdo de eso, que no era: tac, tac, tac, tac, nada más, sino que se fue encontrando un ritmo: tac, tac, tac, tac. Como puede ser el Candombe ¡qué sé yo! la Murga (Gutierrez, 71 anos, Buenos Aires).

Nos relatos de Elvira e Gutierrez, de Buenos Aires, percebemos tal significação, mas ao mesmo tempo podemos perceber certa indagação ou certa dificuldade em representar os *cacerolazos* nas ideias e padrões advindos da música, em sua visão mais tradicional. Percebe-se que Elvira não consegue enquadrar tais

sonoridades em nenhuma formula fechada, e que Gutierrez transita entre algumas possibilidades, mas também não chega a nenhuma determinação de ritmo específico.

Desta maneira, quando se faz uma leitura simplista do jogo sonoro dos movimentos dos *cacerolazos* deixando de considerar a polifonia de sentidos e toda uma escuta da diferença, caímos num risco de reduzir tais encontros a meras reduções e interpretações.

Pela perspectiva das *Sínteses do Tempo* em Deleuze, todos os tempos de referência que demarcam a figura serão encaixados num presente que passa desterritorializando a primeira síntese do tempo: tempo do “presente vivo”, da contração de instantes, em um “passado puro” ou como “presente que passa”.

Claro que todos estes elementos estão imbricados e se dão simultaneamente, à medida que vamos entrando em contato e criando possibilidades de ampliar as percepções de escuta e ir além. Criam-se espaços de uma escuta que dura, de uma escuta que permite escutar a diferença não numa perspectiva que a reduza, e sim numa perspectiva que coloca tudo em movimento opondo-se a uma ideia de ordem e coerência, pensando em como tudo o que acontece neste território ressoa e se conecta com outros.

São nas experiências dos *cacerolazos* Argentinos (2001) e Chilenos (2011), quando a população vai para as ruas, é que tudo se mistura. Pelos relatos, percebemos que não há mais esquerda, e não há mais direita; não há somente estudantes e trabalhadores, mas também crianças e velhos. Não somente nas ruas, mas também das casas e alto de prédios; não somente no calor do dia, mas também na calada da noite. Neste sentido, se percebe uma coexistência de mundos e realidades que fazem com que múltiplas consciências sejam colocadas em verdadeiro transe. É uma malha que se agencia e se conecta por todos os pontos, e neste sentido, o complexo sonoro dos *cacerolazos* se tornam esses *ritornelos* que tudo podem agenciar, que tudo podem modificar e colocar em choque às forças que se deslocam e podem reinventar de muitos jeitos a própria vida.

Neste instante, podemos pensar numa escuta nômade das figuras: múltiplos detalhes que emergem nos encontros fortuitos dos *cacerolazos*. Diante de tantas texturas, timbres, alturas, dissonâncias e intensidades produzidas pelos múltiplos instrumentos sonoros, tanto de cozinhas ou não, é que podemos pensar que a questão não é um som que é mais forte ou mais agudo do que o de outra panela, e

sim a aderência ou agenciamento de tais sons, uns em relação aos outros.

A escuta como gesto

A escuta como gesto seria uma escuta que tende a simplificar e reduzir questões relacionadas às múltiplas escutas que são possíveis. Seria uma redução, na visão de Ferneyhough, que mantém referências, representações e convenções simbólicas, desconsiderando as nuances sonoras (FERRAZ, 1998).

Seria uma escuta do habitual, de gestos já codificados que facilitam a escuta e criam um conjunto de pré-soluções. É a pura repetição do hábito, dos modos gregários que fundam sempre o mesmo. Repete-se para não esquecer.

Muitas vezes os *cacerolazos* que são movimentos tão intensivos podem se tornar uma mera reprodução, uma mera redução e representação das forças que os compõem. É muito claro perceber que, à medida que as coisas se repetem, parece que a nossa escuta tende a uma redução. Não se consegue extrair outros graus da duração, se instalar em outros ritmos, movimentos e percepções. Cria-se então uma repetição obsessiva de contração de instantes que faz com que se instale a “fadiga”.

...yo he estado varias veces en cacerolazos, cerca de mi casa la gente se reunió y me es molesto y además, si bien es un punto de partida de protesta, para mí la protesta no puede basarse en un acto en particular, entonces cacerolear... el cacerolazo sería lo mismo que votar, sería un acto que no tiene movilidad, que si bien marca un hito por si solo es nega... no sé si es negativo, pero si no suma, no es positivo, creo que... me parece molesto tanto por el ruido también por una perspectiva de lucha, creo que es un punto de partida pero que tiene que ser dinámico, sino se transforma en un ritual y los rituales solo sirven para perpetuar las cosas no para cambiarlas... (Frederico, 22 anos, Santiago do Chile. Grifo nosso).

Na fala de Frederico percebemos um grande incomodo pelas sonoridades intensas e muitas vezes estridentes dos *cacerolazos*, mas cabe neste momento salientar que Frederico aponta para uma possível fadiga, redução e repetição que funda o mesmo e que, na visão dele, não seria mais do que um encontro ritualístico que não coloca em movimento os múltiplos sentidos.

O *cacerolazo* possibilitou que outros países se apercebessem disso e acabassem se utilizando destas ações coletivas. Porém, se as mesmas não forem reinventadas a todo tempo, e não estiverem conectadas com as forças do desejo, como suas novas produções de sentido, correm o risco de se tornares apenas

cópias; isto é, conservam-se e se reduzem os elementos gestuais destas ações, porém as forças, a expressão criativa e as singularidades envolvidas em cada agenciamento acabam se perdendo. Assim, as formas de participação e resistência deixam de ser engendradas por criações ético-estético-políticas, e se tornam conservas culturais³⁹.

Pensar em modos de escuta é se colocar em experiências que são múltiplas e acontecem por camadas que se deslocam e se agenciam por diferentes pontos. É uma escuta em *rizoma*, que pode se conectar e sair por muitos pontos, num trânsito de corpos e agenciamentos múltiplos possíveis que favorecem às muitas afecções. Os *cacerolazos* são espaços férteis para que tais escutas sejam acionadas. A quantidade de elementos que se conectam é múltipla e assim pode favorecer estes deslocamentos entre escutas que ora são texturais, ora figurais e ora gestuais.

Por uma escuta da Diferença

Deste modo, pode-se ir alinhavando uma escuta da diferença. Uma escuta que contemple a diferença numa perspectiva afirmativa. Uma escuta que potencializa a diferença.

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze aponta para questões, como as “pequenas diferenças”, aquela que não se reduz ao idêntico, e a “repetição”, que partindo de uma repetição mecânica, física, nua (repetição do mesmo), encontraria sua razão nas estruturas mais profundas de uma repetição oculta em que se disfarça e se desloca o *diferencial*. Neste sentido, seu foco é partir de uma repetição que desloque a diferença para fora do objeto (Deleuze, 2006[a]).

Uma diferença não afirmativa é aquela que reduz a diferença e a coloca dentro de uma suposta identidade, com relações de similaridade, analogias. Neste sentido o objeto vai ser representado por um conceito que contenha os princípios básicos de sua unidade, de sua identidade, e assim nunca vai representá-lo completamente. É a grande crise de algumas políticas públicas em relação às questões de minorias, onde mesmo com boas intenções, sempre acaba por se realizar uma redução das diferenças. No geral, com o tempo, se não houver uma participação orgânica e certa ressonância com estas políticas, acabam por perder

³⁹ Sobre Conserva Cultural, verificar nota de rodapé 11.

total conectividade com as singularidades dos múltiplos modos de existir em constante movimento.

Neste jogo de percepções em que a escuta é colocada, cabe pensarmos nos planos em que a mesma irá se agenciar. São planos que se deixam cruzar a todo tempo, num saltar de memórias que se produzem em cada instante em cada movimento em que a escuta é colocada. São escutas que perpassam pelas questões texturais, gestuais e figurais num movimentar de territórios que se desdobram criando sempre novos territórios.

En el momento de la cacerola más que recuerdos había esperanza, esperanza puesta en la cacerola, bueno en el momento era una lucha por la educación gratuita pero se combinaba con diversos factores, y uno recorría cualquier calle y salía fuego en las barricadas, mucha gente en las calles y era un llamado a plantearse que algo está mal como algo de eso puede ser el recuerdo que esté mal pero está por cambiarse, en el momento podíamos tener un cambio a futuro y más que recuerdo claro fue una esperanza puesta, serían ilusiones, no ilusiones porque ahí demostraban que se podía andar y era profundizar ese hecho, la gana era multiplicarlo por miles, por miles y que se mantuviera esa comunión que se empezó a dar entre los vecinos, entre los trabajadores, entre los estudiantes, el propósito era cambiar algo, en el momento era por la educación gratuita, pero era combinado porque por demanda porque la gente ya no podía pagar, en el sentido más triste era por el hambre también, entonces eso te invitaba a seguir movilizándose y querer transformar eso, ese es quizás el factor de transformación social (Juan, 19 anos, Santiago do Chile. Grifo nosso).

Na fala de Juan podemos verificar elementos que apontam para uma escuta da diferença. Em seus relatos de experiência, ele se refere a aspectos da memória que envolve duração e acompanhamento de processos; de singularidades e outras temporalidades. Uma escuta que se coloca no acontecimento e se permite não reduzir tais sonoridades, mas ampliar seus sentidos e possibilidades, ainda que numa realidade virtual. Juan consegue perceber que não são meras ilusões aqueles encontros, mas sim maneiras de engendramento do novo, um aprofundar-se e produzir-se multiplicidades a partir dali. Nos alerta não somente para uma mudança específica, de um setor específico da sociedade - no caso os estudantes, mas consegue ir além e perceber que a mudança precisa ser estrutural. Juan percebe que novos mundos precisam ser inventados e que tal caminho é em si uma transformação social.

São os movimentos de ritornelo, como já explicitado, os grandes responsáveis por esta produção de temporalidades e de colocar em movimento a intuição. Tais temporalidades criam blocos de sensação e percepção de uma escuta que se

potencializa e se designa por certa instabilidade. São sempre os ritornelos que vão criar estas zonas instáveis, gerando fissuras e rachaduras que desterritorializam a escuta, potencilizando a escuta da diferença.

Não será esta a grande questão em relação aos *cacerolazos*? Um encontro sonoro onde escutas são mobilizadas neste constante agenciamento de corpos. Um grande rizoma a se deslocar pelas ruas, possibilitando conexões que se dão por afecções, sonoras ou de qualquer outra natureza expressiva, onde existe um criar incessante. Uma “*escuta autopoietica: uma escuta que se produz continuamente a si mesma em indivíduos distintos*” (FERRAZ, 1998, p.178).

Assim, nunca cabe pensar numa escuta sem um ouvinte, um ouvinte que, neste grande emaranhado sonoro, vai criar os sentidos múltiplos para tais encontros. Sentido sempre em devir. Uma política como acontecimento.

Isso fica muito evidente quando se entra em contato com as pessoas e as memórias daqueles que participaram dos *cacerolazos*. Cada encontro e o que vem a superfície são singulares. Alguns até possuem sentidos e significações *a priori*, porém o que se percebe é um metamorfosear de sentidos, um deslocamento de memórias e, conseqüentemente, a invenção de outras temporalidades.

A escuta da diferença então é tecida em cada movimento, criando dobras a cada gesto e deslocamento nesta rede complexa que se toca em pontos múltiplos e distintos do território. O som, neste sentido, tem a potencialidade de tocar a distância, pois não necessariamente precisa que se esteja perto de alguém para que isso ocorra. O som é corpo.

Tal potencialidade é verificada nos *cacerolazos* noturnos ocorridos no Chile em 2011, pois até mesmo de dentro dos apartamentos e casas, mesmo quem não participava nas ruas, acabava sendo tomado por tais sonoridades. Ao ser tomado por um simples conjunto de sons, isto produzia um contágio que permitia que outras pessoas fossem afetadas e participassem dando apoio, mesmo de dentro de suas casas. Na fala de Ygor pode se verificar tais questões:

yo estuve presente en el momento donde mucho estudiante luchamos en contra de la represión esa noche y estábamos en medio de edificios como si fueran verdaderas montañas, montañas y nosotros en la parte de abajo de las montañas como si estuviéramos peleando en una guerra y la gente miraba desde su departamento, su casa, en los edificios miraba las golpizas, miraba todo, miraba la violencia, los ataques y así que a mí me emociona mucho esa parte siempre cuando lo cuento porque es el momento cuando la gente legitimó a los estudiantes luchando, dijo sí la

represión es brutal y tenemos que denunciar, como en el fondo es como cuando los adultos protegen a sus hijos, así cuando los adultos dicen aquí a los niños les están pegando yo reclamo, reclamo, reclamo, super emocionante (Ygor, 26 anos, santiago do Chile. Grifo nosso).

Ygor nos aponta para uma escuta das ruas, uma escuta que consegue colocar sons em composição com outros. São os sons das ruas compondo com os sons das casas e apartamentos.

Giuliano Obici (2008), em seu trabalho, também nos aponta para este tipo de escuta em seu componente de biopotência, numa escuta que se torna máquina de guerra e dispositivo de enfrentamento e de invenção de novos modos de reexistir num contexto onde as condições de escutas já se encontram capturadas e entorpecidas.

Parece que a música tem uma força desterritorializante muito maior, muito mais intensa e coletiva ao mesmo tempo, e a voz igualmente, uma potência de ser desterritorializada muito maior. É talvez esse traço que explica a fascinação coletiva exercida pela música, e menos a potencialidade do perigo “fascista” (...); a música, trombetas, arrasta os povos e exércitos, numa corrida que pode ir até o abismo, muito mais do que fazem os estandartes e as bandeiras, que são quadros, meios de classificação ou de reunião. Pode- ser que os músicos sejam individualmente mais reacionários que os pintores, mais religiosos, menos “sociais”; mesmo assim, eles manejam uma força coletiva infinitamente superior à pintura (DELEUZE & GUATTARI, 1997[a], p.103).

Posto isso, como pensar os cacerolazos nesta perspectiva e ampliar os seus sentidos afim de que ele continue a se reinventar ou propiciar a criação de outras ações sonoras que sejam dispositivos para desanestesiarem corpos-ouvidos?

5.5. POTÊNCIA SONORA DE MICRO-RESISTÊNCIAS

Vários estudos utilizados nesta pesquisa se referem ao uso das painéis relacionadas ao vazio que estas propõem, vazio de poder de representação, da falta de alimento e condições necessárias à vida. Martinez e Gisela, em seus relatos, nos apontam para tais aspectos:

Bueno, en realidad también fue como un simbolismo de que golpeamos la olla porque tampoco ya llegó un momento que ya no había que ponerle a la olla ¿entendés? las ollas estaban vacías, estaban de decorados en las casas, prácticamente porque no había para comer, no había nada, no había trabajo, no había plata, no había un puto subsidio, o un puto plan de nada,

de desempleo, ni de lo que fuera, o sea las ollas estaban ahí, eran como un florero en la casa ¿entendés? (Martínez, 31 años, Buenos Aires).

Sé que... o sea no estoy muy segura, pero no sé, escuché algo que también simbólicamente es el tema de que también... o sea la cacerola falta... falta para la comida, no sé también tenía ese símbolo, por lo menos los más populares, como que nos falta para comer, no sé si surgió en otro pueblo o que, me habían dicho que por ahí en otros lugares la usaban de ese modo (Gisela, 44 años, Buenos Aires).

O som que se produz é um som metálico, um som penetrante e agudo que causa incômodo e desestabiliza as estruturas da sociedade.

Cabe salientar que os múltiplos sentidos são dados quando se repete o objeto na contemplação, tais repetições são as marcas do objeto naquele que o contempla (FERRAZ, 1998).

O observador é que age e atribui movimento ao objeto seja recompondo uma cena, seja na observação direta, seja no ato de transdução que implica a cognição de um objeto (FERRAZ, 1998, p.146-147).

São sons que criam relações e que fazem emergir sentimentos que se cruzam e podem nos remeter a um conjunto de sentimentos que estão sempre em trânsito e em diferentes graus. São sentimentos de bronca, injustiça, desespero, nostalgia, frustrações, felicidade, assombro, euforia. São sons que funcionam como um chamamento como se estes dissessem: vejam, as suas panelas estão vazias e se elas não podem estar cheias usem-nas como forma de dizer e expressar o que não pode mais ser expresso por palavras.

El 19 habían salido, habían ido a la Plaza de Mayo y ya empezó a moverse, o sea, fue escuchar, estar en casa y sentir era muy liberador, o sea escuchar ese ruido, esa convocatoria, y como decía Helena una forma de expresarnos toda la bronca, todo ese saqueo que se vivía, se vivía un saqueo, la gente sin trabajo y la gente que por ahí tenía un ahorro le sacaban todo, o sea ya la clase también... que estaba la clase media le sacaban los ahorros, y bueno fue todo un plan de una política neoliberal, se vendieron todo lo que eran las empresas del estado, todo se privatizaba, flexibilización laboral, o sea perdías el derecho de trabajador (Gisela, 44 años, Buenos Aires. Grifo nosso).

Gisela nos fala do quanto havia raiva por parte da população. As pessoas não eram mais respeitadas em suas mínimas condições de vida. O país estava sendo vendido e ninguém mais considerava o povo e a vida de ninguém. Neste sentido, Gisela nos aponta para os cacerolazos, como um transbordamento de forças que

explodiram em múltiplas sonoridades; uma máquina de guerra, que faz com que forças não sonoras se tornem sonoras.

Portanto, depois de tanto se sentir limitado em suas maneiras de expressão, o que prevalece neste momento na Praça de Maio é o grito de liberdade de um povo por conta da renúncia de Cavallo e posteriormente a do Presidente De La Rúa.

Estes sons numa trama de textura, gestos e figuras sonoras produzem discursos expressivos e singulares de micro-resistências. Não são discursos verbais, mas são discursos potencializados pela escuta, por forças não sonoras se tornando sonoras, pela própria vida.

Cada indivíduo, em situações particulares, configura escutas musicais diferentes umas das outras, tornando conseqüentemente tanto a escuta quanto o objeto em elementos instáveis e dotados de movimento dentro de um sistema. Existe assim uma pequena escuta para cada pequena oscilação do sistema de escuta e de percepção de sons. Cada objeto delinea e é delineado pelo observador num movimento cujo curso depende diretamente do ambiente em que eles se apresentam (ambiente acústico, condições do receptor, conotações e denotações)...o ouvido, as condições ambientes, e a ação efetiva necessária à escutas distintas, configuram fatalmente objetos diferentes, sem a possibilidade de um “retorno às origens” (FERRAZ, 1998, p.149).

Considerando a importância da experiência no que diz respeito às memórias, em particular as que se relacionam ao movimento dos *cacerolazos*, nos colocamos em outros sentidos da arte e desta maneira podemos pensá-la por outra perspectiva, que nem sempre tem a estética do belo e da contemplação e que não são as que produzem um significado *a priori*.

Que arte é esta capaz de abalar o poder e gerar o novo através de sons que nos remetem a memórias de um cotidiano difícil e de escassez? Poderia ser uma arte que ressurgue pelas ruas da cidade e que se confunde com manifestações populares de resistência das mais diversas?

Podemos a partir de tais questionamentos acerca das complexidades que envolvem as memórias do movimento dos *cacerolazos* instaurar potência de vida através da arte como possibilidade de expressar o querer de múltiplos sentidos de um povo sempre em devir. Desta maneira, se faz necessário e de grande sabedoria e sensibilidade, convocar os povos a resistir diante de seus traumas e incertezas de lutas. Possibilitar um novo tempo através da inovação e fluxos potentes que atravessam o cotidiano em suas formas de compartimentar os desejos e subjetividades inerentes às memórias, e assim perceber que são nestes territórios

cotidianos que se encontram as ferramentas estratégicas para novas formas de ação co-criativa de invenção de mundos.

...la enseñanza o lo que deja los cacerolazos y lo que dejó el año pasado en general, o sea demostró una potencia de movilización que no se veía hace mucho tiempo en Chile, y por tanto eso abriga también el trabajo como cotidiano que uno hace, o sea, por tanto la discusión en Chile era como... bueno el capitalismo, el fin de la historia, cierto, y no hay nada más y después lo que pasó el año pasado abrió una perspectiva que hasta hoy día se mantiene, entonces el cacerolazo lo que demostró fue la potencia de movilización, eso yo creo que es a mí lo que más... la fuerza y toda la potencia que está como ahí (Fernando, 23 años, Santiago do Chile).

Os *cacerolazos*, na perspectiva de Fernando, têm este caráter de potencializar e colocar em movimento grandes aglutinações de massas, como se todos numa rica polifonia sonora se juntassem para fazer ecoar por todos os espaços o som de suas panelas e utensílios de cozinha.

O povo nestes encontros se coloca em agenciamentos e começa a se manifestar de forma espontânea, sem a representação de um partido político *a priori*, mas sim através de suas singularidades: indefinidas, abertas, heterogêneas e múltiplas; o seu direito de resistir (HOPSTEIN, 2002).

Provavelmente, uma única panela soando não mobilizaria a potência da escuta da diferença. Mas quando cada um, na sua singularidade, se junta é que se pode vislumbrar a produção de algo rico e potente que conecta indivíduos por diversos pontos ou lugares distintos. É o que podemos perceber nos relatos de experiência de Frederico, nos *cacerolazos* chilenos:

yo creo que es un tema de cercanía, ...claro es un instrumento para cocinar pero que está a la mano y podemos hacer ruido y podemos llamar la atención y si yo salgo a la ventana al golpear una cacerola mi vecino se va a enterar entonces va sumando gente en el camino y va formando un sistema de protesta (Frederico, 22 años, Santiago do Chile).

Tal escuta como já apontada, é sempre da ordem da vizinhança, ela sempre se dá num movimento de misturas, num bloco. Portanto, é num devir que se dá o processo do desejo. Uma zona de vizinhança *“topológica e quântica, que marca a pertença a uma mesma molécula, independente dos sujeitos considerados e das formas determinadas”* (DELEUZE & GUATTARI, 1997[a], p.64).

Os *cacerolazos* possibilitam a escuta do individual que se faz atentar a cada batida com sua velocidade e com sua força singular, batidas que são movidas com e

pelo coletivo, ou seja, a produção da diferença num mesmo plano, onde o coletivo, nada mais é do que os agenciamentos que se dão nestas relações de corpos-escutas.

Podemos perceber nas falas de Gisela e Elvira, nas experiências dos *cacerolazos* de 2001, o quanto tais questões relacionadas aos agenciamentos sonoros que se deram em torno de vizinhanças e bairros, vão produzindo outras maneiras de pertencimento que não somente numa mera condição de morador de um determinado bairro. É a partir das trocas e da solidariedade entre vizinhos que a população cria maneiras de resistir.

y en ese momento había muchas asambleas populares, gente que tuvo que hacer trueques. Sí ahí nacen, y nace acá, nace este lugar” (Gisela, 44 anos, Buenos Aires).

pero después de esto hubo una toma... o a raíz de esto no se, hubo una toma de conciencia muy grande, hubo un cambio en el sentido de pasar del individualismo a la solidaridad pero enorme, enorme, empezó a haber el trueque que acá nunca yo había visto esto ¿no? porque era tal la necesidad que había que te cambiabas... el trueque es eso ¿no? es cambiar por ejemplo una tarta, una comida, una piza ¡ [...] esto empezó a pulular todo por todos lados entonces los cambios fue... la inteligencia o el talento del pueblo de buscar formas creativas porque esto surgía así, no lo sacamos de ningún lado ¿no? de ayuda, de autoayuda, pero para eso se necesitaba ser solidario, tener en cuenta al otro, por ejemplo cuando empezaba a desfilar... porque ahí también nacen los cartoneros, entonces venían de los, de los... de Constitución, Retiro, todos los lugares, porque venían del Gran Buenos Aires para cartonear acá en la ciudad y entonces todo el mundo les acercaba algo, porque era gente que estaba en una situación muy mala, y venían con los chicos, entonces vos les acercabas comida, algo de tomar, si tenias un billete. Entonces esto no se había visto, se empezó a ver a partir de este momento, entonces gente que perdía su casa como me pasó a mi, yo perdí, me pude comprar pero también tuve que vender porque no tenía trabajo, me quedé sin trabajo. Surgen las asambleas, la importancia de las asambleas como esta donde estamos acá, surgen en ese momento ¿no? primero se hacían en las plazas, todo el mundo hablaba, se discutía, se llegaba a un acuerdo, había alguien que coordinaba, no había nadie que dirigía pero bueno alguien ponía un orden y ¿no es cierto? este... hasta que después se empieza a buscar un lugar, ya los espacios abiertos no sirven ¿no? se empezaba a necesitar un lugar. [...], entonces bueno esta asamblea surgió en ese momento y es de las pocas que está todavía porque muchas ya desaparecieron, ya no están más. Y acá se pudo edificar, en fin hemos crecido como asamblea en estos 10 años muchísimo...” (Participante E de Buenos Aires).

Diante das crises que o país enfretava, os próprios vizinhos, segundo Gisela, se mobilizavam e começavam a realizar trocas de produtos. É a partir destes encontros que surgem as assembléias de bairro.

Desta forma, as assembléias de bairro, enquanto dispositivos, vão produzir

subjetividades singulares em torno do que é ser vizinho e assim percebe-se tais assembléias como um potente componente de tornar as forças não sonoras do inabitável em forças sonoras do habitável; de fazer das ruas e espaços públicos, espaços de encontros aleatórios que transformam e criam novos sentido a estes espaços (LEWKOWICZ, 2002).

Figura 12 – Atividade de Murais Artísticos na Asamblea Popula Plaza Dorrego – San Telmo- Buenos Aires, 2012.

Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, cada indivíduo ao sair pelas ruas e praças da cidade, com suas painéis, busca conectar-se através destes sons, e se encontram num contágio constante que atrai e arrasta outros indivíduos. Nestes encontros que existe a possibilidade de construção de uma polifonia, de texturas que são por si só coletivas e assim possibilitam uma ação potente no que diz respeito às formas de ação e mobilização política.

Soraia Ansara (2008), em seus estudos sobre a memória política e suas relações com a consciência e ações coletivas, contribui para compreendermos a relação que as memórias estabelecem com a vida e com as ações que geram transformação social, por meio de resistência e participação, ao dizer que os grupos são extremamente necessários e fundamentais para a reconstrução das memórias. Para a pesquisadora, são os grupos que possibilitam estes muitos significados em

cada experiência de vida e estas memórias são ressignificadas por cada sujeito, em particular. Na perspectiva de Ansara (2008), a memória numa perspectiva política:

potencializa as ações coletivas do presente, uma vez que a memória política permite reconhecer aquilo que ficou nos “subterrâneos” da história como algo perdido, velado, escondido irrompendo no cotidiano e tornando visível “a ótica dos vencidos”, comumente privada de visibilidade pela memória oficial” (ANSARA, 2008, p.326).

Neste sentido, podemos afirmar que a cada novo encontro se produz novas dobras, novos sentidos para continuar num processo constante de invenção da política e, conseqüentemente, da vida. A cada encontro nunca se é mais o mesmo e sempre se pode efetuar novas realidades.

Diante disso, podemos afirmar que as memórias se configuram em uma mistura, isto é, num entrecruzamento de linguagens, que vão sendo tecidas nestes agenciamentos de corpos.

Neste sentido, a política da memória se configuraria como relações entre o afeto e o político e, assim, consideramos como a memória e toda a sua rede de sentido acaba se opondo à idéia de simples conservação ou reprodução do acontecimento passado. As memórias se compõem de novas maneiras à medida que o tempo traz novos sentidos a cada experiência vivida.

A memória envolve aspectos que trazem a emoção e o desejo neste jogo de saberes, ecos, silêncios, imagens e sons. Para Jelin (2002), as crenças, os padrões de comportamento, os sentimentos, as emoções e as práticas de interações sociais e culturais em todo este micro, são relações de extremo significado nas construções das memórias (JELIN, 2002).

As sonoridades que emergem nos *cacerolazos* nos arrastam e nos mobilizam, construindo novos espaços de atuação que acontecem e se efetuem somente nestes encontros, que se dão num devir-som que transpõe os limites dos estados materiais, colocando sempre em movimento uma escuta que varia e que faz desvelar, a todo instante, novos territórios de possibilidades.

Estes encontros e todo o complexo de forças sonoras dos *cacerolazos* sempre vão fazer emergir estas forças que fazem referência à participação feminina na Argentina, aos anos da ditadura, ao processo de formação das assembléias de bairro e de todos os aspectos políticos relacionados às crises diversas.

Os *cacerolazos* argentinos possibilitaram que as pessoas percebessem que

elas podem juntar-se e compor formas criativas de agenciamentos e participações na sociedade. Bogado (2006) mostra, em seus estudos, o quanto tal movimento foi importante para engendrar práticas de participação política. Por meio de dispositivos, como as assembléias de bairro, pessoas que nunca tiveram participação mais ativa na sociedade puderam vislumbrar a possibilidade de manifestarem seus sentimentos e desejos (BOGADO, 2006).

Diante destas manifestações, é possível afirmar que o povo argentino e chileno se permitiu reencontrar consigo mesmo e que, em meio a tantas informações e aparatos tecnológicos, que roubam a presença na vida e nas relações do povo, ainda é possível se reinventar de forma simples e potente usando o som como força e fluxo movente.

Simulaba el tema del sonido y yo no sé, es una apreciación demasiado personal yo también lo interpreto como una forma de la gente querer y no poder hacerlo, o de no poder ser escuchada por los medios tradicionales porque tenemos pocas cosas que decir pero pocas personas que nos escuchan, entonces de cierta forma es como decir estamos acá intentando decirles algo, escúchenme, o sea también es un tema de un poco el descontento de la falta de democracia real que existe ya que tenemos que llegar a este tipo de instancias para decir nosotros estamos acá y tenemos estas demandas también como estudiantes y también la gente se empezó a dar cuenta que en verdad que yo soy un estudiante pero también pertenezco a una familia, entonces los aspectos que a mi me afectan también afectan a mi familia luego, no es solamente una demanda del gremio estudiantil, sino que una demanda social, entonces bueno eso...(risas) (Ismael, 21 años, Santiago de Chile).

Ismael, neste relato, se refere aos *cacerolazos* como meio que mobiliza escutas. Um meio que inventa novas formas de comunicação, criando a possibilidade de pertencimento, afetação e mobilização de desejos por uma democracia que contemple a todos.

A vida social diariamente esta encerrada em diversas e infinitas formas de coerções, repressões, repúdios da sensibilidade, milhares de compreensões e ocultações da sua potência de expressão (plano estético), mas também de nossas inúmeras vergonhas, compromissos ou covardias que ofendem nossa “concepção particular da vida” (plano ético) (LAPOUJADE, 2013).

Talvez, a grande questão política que os *cacerolazos* instigam é pensar e produzir uma vida que resista aos modos fixos de se participar e fazer política. Neste sentido, resistir é se reinventar, e deste modo, se colocar num movimento a garantir

uma escuta nômade. Cabe fazer da própria vida uma obra de arte, num ato de composição que se permite a novas posturas e que engendra as condições de uma escuta das impossibilidades, tornando possíveis as condições do diverso e não se entregando a uma escuta já capturada pelos hábitos.

Figura 13 – Manifestação pela educação ,em Frente a Faculdade Pública do Chile, 2012

Fonte: Elaborada pelo autor

Como nos aponta Hopstein (2002), o panelaço é a potência democrática da multidão, a força capaz de organizar o novo e de construir um novo conceito de “político” que se confunda com “o social”, a democracia como expressão multilateral da multidão, radical imanência da potência, negação de todo poder constituído” (HOPSTEIN, 2002).

Como podemos, a partir das memórias dos *cacerolazos*, engendrar práticas e posturas de microresistências que fundam liberdades?

Segundo Lapoujade (2013), liberdade, por uma perspectiva *bergsoniana*, deve ser primeiramente medida e percebida, a fim de compreender em que ponto todo o sistema da vida social nos impede de vivermos a expressão e a ética de uma vida que pulsa. Assim, tal liberdade não seria uma liberdade da ação, mas uma liberdade da expressão e da criação.

O homem que age livremente é, primeiramente, aquele que expressa aquilo que, até então, não tinha podido ser expresso, por conta de todos os tipos de exigências que pesava sobre ele. A liberdade é uma criação de si através de si, e o homem livre é análogo a um artista ou a um moralista superior (LAPOUJADE, 2013, p.45).

Assim, viver uma vida que contemple a expressão em seus múltiplos sentidos, nos permite criar um interstício de tempo que nos coloca diretamente em contato no interior da memória. Pode-se vislumbrar que as belezas das profundidades subam a superfície e permitam vivenciar aspectos de uma memória que é intensiva: memória ativa que nos faz deslocar intuitivamente no próprio impulso da vida, se tornando responsável pelo próprio futuro, que são incompreensíveis numa perspectiva que inventa mundos.

POSLÚDIO

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Italo Calvino in “Cidades Invisíveis”

Ao fim de uma polifonia, o que se pode dizer? Certa vez, em sala de aula, ouvi uma pergunta de uma querida professora que me deixou extremamente intrigado. Naquele contexto ela perguntou: para onde vai a música quando ela não está sendo tocada? Naquele instante me senti angustiado e mal sabia que tal questão seria ponto extremamente importante em minhas incursões cartográficas.

Em minhas considerações finais, proponho uma síntese de como as memórias dos *cacerolazos*, a partir de suas sonoridades, nos colocam em contato com forças não sonoras da própria vida. Ou seja, em contato com uma grande memória que se pode dizer ontológica e extremamente criativa, pois não cabe numa caixa ou no próprio cérebro humano.

Ao começar a traçar as linhas e fluxos a partir de cada encontro foi interessante perceber certos desmoronamentos de territorialidades. Talvez seja isso o que podemos chamar de incorpóreo ou tempo do acontecimento.

Em cada passo que dávamos nesta empreitada éramos atingidos por forças de todas as partes e que em nossos entendimentos não conseguíamos compreender uma suposta exatidão em relação a tal temática. Assim, caminhamos não focados num suposto destino, mas sim tentando nos colocar nas experiências que cada passo sugeria.

Foi potente poder aprofundar os sentidos dos *cacerolazos* e compreender seus fluxos intensivos para além de uma significação única.

Neste sentido, vislumbramos um movimento nômade que surge a partir das entranhas de um povo. São forças que se deslocam por todos os lados e permitem que tais forças sejam agenciadas numa linda polifonia de sons que se fazem audíveis por todas as ruas de Buenos Aires e de Santiago do Chile. São expressões

que não cabem dentro de uma suposta simbologia, ideologia ou significação. São expressões que vazam e nos fazem querer sair do raso e assim perceber, nestas finas camadas, o mais profundo.

Pesquisar a memória foi um processo intenso, pois foi permitir com que a mesma se deslocasse de seus modos já codificados. Quando pensamos os movimentos do *cacerolazos* chegamos a algumas questões muito interessantes. Questões que foram se dando a partir de cada instante que avançávamos e retroagíamos na pesquisa. Foi um movimento intenso, um se deslocar sem necessariamente sair do lugar.

Diante de muitos estudos pudemos chegar à percepção de outros tempos que estão em camadas no acontecimento. A cada movimento foi-se percebendo as premissas do tempo *aíon*: tempo do acontecimento. Um tempo louco que não se pode medir, mas que com certeza podemos acessar e vivenciar, a partir dos *cacerolazos*.

Quando comentávamos com várias pessoas sobre tal investida, muitos não conseguiam compreender qual era o desejo que atravessava esta pesquisa e também não conseguiam, de alguma maneira, entender seus objetivos e suas contribuições no cenário atual que vivemos.

O que teria de fato os sons a contribuírem com a memória enquanto maneiras de poder se reinventar e resistir num mundo que parece totalmente capturado pelas forças dominantes?

Talvez não tenhamos uma resposta e, sim, pistas para alcançar um modo de caminhar que não possui destino *a priori*. Seria uma afirmação de tudo que nos acontece e assim, poder transmutar os mais diversos fatos que chegam até nós, pervertendo os sentidos e produzindo o eterno retorno da diferença.

Escrever sobre os *cacerolazos* foi poder trazer um novo sentido em relação às sonoridades e permitir que os leitores percebam, em seus cotidianos, o quanto as diversas sonoridades, às quais entramos em contato, ainda estão enclausuradas num sistema fechado de interpretação e representação.

Quando escolhemos os *cacerolazos* para cartografar pensamos num movimento que contemplasse certa horizontalidade. Desde o início foi vislumbrado uma potência que se podia sentir no corpo. Podemos assim dizer que pesquisar sobre os *cacerolazos* foi uma questão de afecção.

Foram meses de descobertas através de livros, vídeos, imagens, viagens. O

tempo possível para se experimentar e sentir estas forças do que se é cartografar.

Em nosso campo pudemos evidenciar as forças que compõem o complexo dos *cacerolazos* e, assim, fazer desmanchar as linhas já codificadas em relação aos mais diversos significados que se têm sobre os *cacerolazos*. Muitos estudos encontrados sobre os *cacerolazos* acabam não abordando tais movimentos a partir da própria sonoridade. Este foi, com certeza, um dos elementos que permitiram com que, nesta pesquisa, fosse mais bem aprofundada a questão de se levar a sonoridade para além do campo da representação. Para tanto contamos com a ajuda de diversos teóricos da Filosofia da Diferença, para poder colocar em movimentos este emaranhado de linhas de forças. Foi através desta perspectiva teórica que podemos compreender as memórias em seus processos heterogêneos e singulares.

A cartografia se propôs a pensar os *cacerolazos*, a partir do pensamento de Tarde e Leibniz, como encontro de corpos que se contagiam. Foram nestes encontros que pudemos perceber a emersão de novos sentidos, à medida que tais agenciamentos nos colocavam na possibilidade de se vislumbrar um mundo mais aberto ao novo.

Em cada encontro, que se deu tanto na Argentina quanto no Chile, era um novo aprendizado que podíamos aglutinar em nossas vidas. Foram nos encontros, e a partir destes, que se puderam compreender, de maneira mais visceral, os aspectos das memórias que se dão por saltos. São tais memórias que permitem com que componentes micropolíticos e processos de subjetivação aconteçam através das dobras e redobras que a própria memória realiza em cada instante que é colocada nestas relações de contágio.

Na composição deste trabalho fomos percebendo que o próprio *cacerolazo* carrega em si a capacidade de colocar em movimento as forças da vida. Assim, podemos contemplar um desterritorializar e reterritorializar da própria memória, que é carregada e deslocada de seus próprios entendimentos. São ritornelos que permitem que todo o sonoro dos *cacerolazos* seja retirado ou deslocado de seu território acústico. Só pudemos compreender tal sentido a partir da concepção de acontecimento e de tempo aión. Uma memória como acontecimento que distribui, por outras lógicas, suas potencialidades.

Isso pode ser percebido em cada depoimento dos próprios participantes, que ao se permitirem entrar em contato com estas forças verificaram uma mudança

significativa do próprio sentido que tinham sobre os cacerolazos. Quando nos encontrávamos com eles eram nítidas estas mudanças e supresas. Acreditamos que são nestes instantes que se pode pensar nos virtuais que são engendrados à medida que cada dobra vai ocorrendo. Cria-se uma linha de fuga em relação às determinantes da própria história. São as linhas a-significantes que vão se tecendo nestes encontros diversos.

A partir dos relatos, verificamos que tais memórias emergem a partir de agenciamentos coletivos. Ao sair caminhando pelas ruas, praças e avenidas pode se contemplar outra cidade. Produzem-se, assim, sentidos múltiplos em relação ao espaço-tempo em que acontecem estes deslocamentos sonoros massivos.

A cidade começa a se ver, desta maneira, potente em sua coletividade e permite que as pessoas, ao se cruzarem, se vejam como ativas e potencializadas em seus modos de existir. A medida de que este corpo vai se potencializando não tem como ficar parado ou de alguma maneira interagir com estas conexões rizomáticas que invadem até mesmo os apartamentos e prédios mais altos da cidade.

Pensar nestas memórias é pensar em formas de resistir, ou talvez de reexistir; de inventar um caminho mesmo diante de tantas impossibilidades. A memória vista por esta perspectiva acaba se tornando numa máquina de guerra, pois são tais memórias, antes numa relação de forças inaudíveis e que se farão vazar por todos os cantos.

Esta percepção não acontece se não houver uma postura de escuta da vida. Uma postura que habita e entra pelo meio numa postura que desliza sobre as camadas temporais de forças que se deslocam em fluxos. São somente tais escutas que irão propiciar que emergja a repetição da diferença. Uma escuta da diferença a favor das memórias singulares, que permite compreender os cacerolazos para além de um bando de pessoas fazendo ruídos extremamente incômodos aos mossos ouvidos.

Deveremos esperar transformações políticas globais antes de empreender tais "revoluções moleculares" que devem contribuir para mudar as mentalidades? Encontramo-nos aqui diante de um círculo de dupla direção: de um lado a sociedade, a política, a economia não podem mudar sem uma mutação das mentalidades; mas, de outro lado, as mentalidades só podem verdadeiramente evoluir se a sociedade global seguir um movimento de transformação. A experimentação social em grande escala que preconizamos constituirá um dos meios de sair dessa "contradição". Apenas uma experiência bem-sucedida de novo habitat individual e coletivo

traria conseqüências imensas para estimular uma vontade geral de mudança (GUATTARI, 2012[a], p.155).

Talvez, mais do que soluções para este mundo, cabe a nós criarmos problemas e conceitos que correspondam aos nossos desejos e anseios diante de um mundo que se metamorfoseia constantemente. Foi lindo e, ao mesmo tempo, trabalhoso chegar até aqui. Não dá para contar as angústias e aprendizados que se deram nestes encontros.

Talvez a liberdade a ser alcançada esteja em outros níveis e percepções de mundos que coexistem em camadas.

O trabalho que hora deixa de soar, não deixa de instaurar seus ecos e ressonâncias a partir de então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARA, Soraia. **Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2008.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes**. Belo Horizonte: Fundação Gregório Barembritt/Instituto Félix Guattari, 2002.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BETENCOURT, Paulo Ricardo. **Memórias Sonoras: micropolíticas de resistência e participação**. Monografia de especialização. Universidade de São Paulo –EACH: Cultura e extensão, São Paulo, 2011.

BOGADO, Adriana Marcela. **As assembléias de Bairro na Argentina: os Laços da Memória**. Revista Teoria & Pesquisa, ano 49, n.2, p.165-191, 2006.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Perspectiva, 2012.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CANTON. Kátia. **Da Política às Micropolíticas**. Coleção temas da arte contemporânea São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Jairo Dias. **A Filosofia de Deleuze é uma Filosofia dos Mundos Impossíveis?** Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia. v.5, n. 14, p.01-10. Pouso Alegre: Faculdade Católica de Pouso Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao14/a_filosofia_de_deleuze.pdf> Acesso em: 21/03/2013.

CHRISTLIEB, Pablo Fernández. **El Espíritu de La calle: Psicología Política de La cultura cotidiana**. México: Anthropos Editorial, 2004.

COELHO, Lilian Monaro Engelmann. **Escutas em Musicoterapia: a escuta como espaço de relação**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Comunicação e Semiótica, São Paulo. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Deleuze / Spinoza**. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Les Cours de Gilles Deleuze, Cours Vincennes, 24 jan.1978. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>> Acesso em: 03/05/2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro. Ed.34, 1992.

_____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006[a].

_____. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006[b].

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012[a].

_____. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2012[b].

_____; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997[a].

_____; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997[b].

DIRETO DO CHILE. **O cacerolazo: estudantes secundários saem mais uma vez às ruas**. Disponível em: <<http://diretODOchile.juntos.org.br/o-cacerolazo-estudantes-secundarios-saem-mais-uma-vez-as-ruas>> Acesso em: 19/08/2011.

FERRAZ, Silvio. **Música e Repetição: a diferença na composição contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1998.

FERRAZ, Silvio. **Deleuze: música, tempo e forças não sonoras** in: Artefilosofia, n.9, Ouro Preto: Ufop, p.67-76, 2010. Disponível em: <http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_n09/Pag_67.pdf> Acesso em: 05/10/2013.

FERREIRA, Amauri. **Introdução a Filosofia de Nietzsche**, São Paulo: Yellow Cat Book, 2010.

FERREIRA, Amauri. **Introdução a Filosofia de Bergson**, 2012. Disponível em: <<http://www.amauriferreira.com/#!escritos/vstc1=introdução-bergso>> Acesso em 25/11/2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FORNAZARI, Sandro Kobol. **O bergsonismo de Gilles Deleuze**. Trans/Form/Ação, (São Paulo), v.27 (2), p.31-50, 2004. Disponível em:<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/877>> Acesso em: 30/06/2013.

GUATTARI, Félix; **O Inconsciente Maquínico: ensaios de Esquizoanálise**. Campinas, SP : Papirus, 1988.

GUATTARI, Félix; NEGRI, Antonio. **Las verdades nômadass & General Intellect**, poder constituyente, comunismo. Madrid-Espanã: Ediciones Akal, 1999.

_____.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012[a].

_____. **As três ecologias**. Campinas, SP : Papirus, 2012[b].

GIL, José. **Ritorno e imanência**. In: LINS, Daniel; Gil, José (Orgs.) Nietzsche/Deleuze: jogo e música. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOHN, Maria da Glória. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008

HIMELFARB, Célia. **Conversibilidade e Estabilização na Argentina**, Revista Indicadores Econômicos da FEE, Porto Alegre, v.22, n.1, p.123-137, 1994.

Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/issue/view/39>>
Acesso em: 21/07/2011.

HOPSTEIN, Graciela. **Panelaços e Ruídos: A Multidão entra em Ação**. Revista Lugar Comum n. 17. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120949Lugar%20Comum%2017_compelto.pdf > Acesso em 20/06/2011..

JELIN, Elizabeth. **De que hablamos cuando hablamos de memórias?** In: Jelin, E. Los trabajos de la memória. Madrid: Siglo XXI, 2002. p.17-38.

JOHNSTON, Hank; LARANÃ, Enrique & GUSFIELD, Joseph. **Identidades, Ideologias y vidas cotidianas em los nuevos movimientos sociales**. In: LARANÃ, Enrique & GUSFIELD, Joseph. Los nuevos movimientos sociales: de la ideologia a La identidad. Madri: CIS, 2001.

KAMMERER Maria Luján; RONCERO, Maria Victória Sanchez. **El cacerolazo como nueva forma de expresión popular**. Revista Questión , Vol 1, N. 6, 2005, p.1-12. Disponível em: < <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/81/50>> Acesso em: 30/04/2011.

LAPOUJADE, David. **Potências do Tempo**. São Paulo: n-1 edições. 2013.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEWKOWICZ, Ignacio. Sucesos argentinos: cacerolazo y subjetividad postestatal. Buenos Aires: Paidós, 2002.

LOPES, Denilson. **Nós, os mortos: Melancolia e Neo-Barroco**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999.

MAIRESSE, Denise. **Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa**. In T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Orgs.). Cartografias e devires: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS. 2003. p. 259-271.

MELO, Danilo Augusto Santos. **Esquecimento e memória social para além do niilismo: o problema da memória do futuro em Nietzsche**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 07, n. 12, 2008 - ISSN 1676-2924. Disponível em: < <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero12-2008/daniloaugusto.htm>> (Acesso em: 15/10/2012).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRANDA, Luciana Lobo. **Produção de subjetividade: por uma estética da existência**. Dissertação de Mestrado PUC-RJ, 1996.

MOLINA, Sidney. **Música Modal, Musica Tonal, Música Atonal I**. Conservatório Musical Mozart. Disponível em: < <http://www.cmozart.com.br/Artigo8.php> > Acesso em: 21/05/2011.

NEGRI, Antonio et al. **Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia Argentina**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo. V.10,1993.

OBICI, Giuliano. **Condição da Escuta-Mídias e Territórios Sonoros**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

OPERA MUNDI. **Chile mostra esgotamento do modelo 'privatista' de educação superior**. Entrevista publicada no dia 18/09/2011 - 09h00 por Luciana Araújo. Disponível em: < <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/16580> > Acesso em: 21/10/2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP. Virginia & ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs), **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PERRONE. Cláudia . **Políticas da memória e do esquecimento: as ruínas do sentido**. In: RAUTER, PASSOS & BENEVIDES (orgs). **Clínica e Política: Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Editora TeCorá, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em: 30/04/2012.

RODRIGUES, Rodrigo Fonseca e. **Os ritmos da memória: a lembrança e a reminiscência na escuta musical online**. Revista Sociedade e Cultura, v.11, N.2, jul/dez.2008.p.199-204.Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5257> > Acesso em: 21/06/2012.

SÁ, Leomara Craveiro de. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia: UFG, 2003.

SANTOS, Milton. **A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO. Monica. Fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. **Por uma escuta nômade: a música dos sons da rua**. São Paulo: EDUC, 2002.

SAVIANI, Iraci. **Ateliê terapêutico – Encontrarte: viver arte, criar e recriar a vida**. In: CiORNAL, Selma (Org). Percursos em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.p.49-81.

SCHAFER, Murray. **O ouvido Pensante**. São Paulo: UNESP,1991.

_____. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: UNESP, 2001.

SCHAEFFER, Pierre. **Tratado dos objetos Musicais**. Brasília: EDUMB (Editora Universidade de Brasília),1993.

SILVA NETO, Leandro. Rizómata: **Uma Introdução às Raias da Música de Iannis Xenakis**. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo: Musicologia, São Paulo. 2006.

SOUSA FILHO, Alípio de. **Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano**. Sociabilidades .São Paulo ,v.2, p.129 - 134, 2002.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia: e outros ensaios**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

TELECHEA, Roxana. **História de los cacerolazos: 1982 -2001**. Revista *Razón y Revolución*, nº 16, Buenos Aires, 2º Semestre de 2006, p.141 -184..

TOMÁS, Lia Vera. **Ouvir o lógos: música e filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP - EDUNESP, 2002.

TORRES, Marcos Alberto. **Os Sons no/do espaço: fazendo música, pensando Geografia**. In: Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 2007, Salvador. II Colóquio do NEER: espaços culturais: vivências, imaginações e representações, 2007. v. 1. p. 1-13. Disponível em: <http://www.academia.edu/919438/OS_SONS_NO_DO_ESPACO_Fazendo_musica_pensando_Geografia> Acesso em 16/11/2011.

VEYNE, Paul. **Comment on Écrit l'Histoire**. Paris: Seuil, 1971.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia Livre. **Estoicismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo>> Acesso em: 01/07/2011.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

ZOURABICHVILI, François, **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

APÉNDICES

APÉNDICE I - Plan de trabajo para entrevistas semi-estructuradas

I - Información General:

1. Edad: _____
2. Sexo: () M () F
3. Estado civil: _____
4. Distrito de residencia: _____
5. Nivel escolar: () en primer grado () segundo grado () Superior () Post Grado
6. Formación /Ocupación: _____
7. Es parte de una asociación de carácter político, social, barrio: Sí () No ()
Qué: _____ cuánto tiempo?

II - Preguntas sobre el tema:

- 1 - Hablando en cacerolazos, lo que despierta en ti? Relacionar lo que son los cacerolazos para usted? ¿Cuál es el significado de este tipo de acciones para usted? (Silencio - Sonido - Silencio)
2. ¿Qué es el pensamiento de las cacerolas que no son más utilizado en sus funciones ordinarias en la vida cotidiana? ¿Que nuevos significados en su visión, las cacerolas adquieren?
- 3 - ¿Qué aspectos de los cacerolazos, te llaman más la atención?
- 4 - En este evento, desde de los momentos anteriores, al caminar y /o en La producción de sonidos lo que más afectan a la mayoría de usted y cómo se sentía ser parte de estas acciones? (Calles y plazas, colectivos (personas, vecinos, la asamblea), en relacion a el tiempo / espacio, la memoria)
- 5 - En cuanto a los sonidos lo que sientes? Lo que puede hablar de que en su momento de participación? ¿Qué efecto tiene esto para usted, cuando escucha, cuando se produce el sonido?
6. Al hacer uso de los sonidos y producirlos junto con otros, lo que estaba a su alrededor se convierte en otros significados? La ciudad / calles o espacios? Y las personas (vecinos y la comunidad)? ¿Cómo ve usted después de asistir a varios eventos relacionados con los cacerolazos?
- 7 - ¿En cuántos cacerolazos usted participó ? Cada uno tiene una diferencia a usted o tiene el mismo significado? Pueden percibir diferencias en todos los *cacerolazos*

en relación con el sonido de los cuales participaron? los sentidos producidos en las participantes eran diferentes?

8. ¿Qué pensaba cuando producía el sonido ? ¿Qué había en su mente? Lo que sentía? Sus reacciones corporales? ¿Cómo percibe la multitud e las personas? Lo que surgió y lo que se unió a usted?

9. Hubo recuerdos al momento de producir estos sonidos y estar participando en estas manifestaciones? ¿Qué tipo de recuerdos despertó en usted ? y después de los cacerolazos? Y ahora mismo que sentimientos despierta estos tipos de eventos ?

10 - ¿Cuál es la relación que hace de los cacerolazos con la vida ?

11. Cuando usted no puede oír los sonidos de las cacerolas, el movimiento tiene sentido? en otras palabras, el silencio?

12¿Cree usted que caminar por los mismos espacios y escuchar estos sonidos otra vez, produce la misma sensación ?

13. Los recuerdos que vienen a ustedes en este momento son diferentes de otros tiempos?

14. Si usted pudiera reportar una situación de ruido, la participación de los cacerolazos que lo afectó de una manera especial, lo daría conocer ante las autoridades competentes ?

15 - ¿Cree usted que en los cacerolazos algo cambió (cambio en todas las direcciones), usted piensa que todavía hay cambios y cosas que sucedieron y todavía siguen sucediendo en cacerolazos?

APÊNDICE II - TÉRMINOS CONSENTIMIENTO LIBRE PREVIO E INFORMADO

Título del trabajo : Memórias dos *Cacerolazos*: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras.

Nombre del Investigador Principal o el Supervisor (a): Paulo Ricardo Betencourt. Supervisor(a) Dra. Soraia Ansara (Universidad de São Paulo-USP- Brasil).

Tipo de investigación: la señora (Sr) se le está pidiendo (a) a participar en esta investigación que tiene como objetivo comprender el significado producido por los asistentes a estas reuniones y así tejer una cartografía de los recuerdos que emergen y se producen a partir de cacerolazos .

Participantes en la investigación: Los participantes se compone de personas que de alguna manera participaron en estas acciones de los cacerolazos - y la participación de Argentina y Chile

La participación en la investigación: a participar en este estudio, el (sr) permitirá (a) investigador **Paulo Ricardo RG Betencourt: RG: 34140242-4** utilizar el material producido para componer el documento de tesis de posgrado en el **Cambio Social y Participación Política de la Escuela de Artes y Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo - Brasil**, como requisito para obtener el título de Maestro de la señora Ciências.A (sr) es libre de negarse a participar y todavía se niega a seguir participando en cualquier etapa investigación, sin perjuicio de la señora (Sr.) Cada vez que lo desea puede solicitar más información acerca de búsquedas a través del telefono 55-11-9-8344-4280 o email: paulrb@ig.com.br do investigador del proyecto y, si es necesario llamar a los de Ética en Investigación Universidad de Sao Paulo por e-mail: cep-each@usp.br

Acerca de las entrevistas: Lo(s) procedimiento(s) de los datos de recogida de muestras será a través del método de cartografía y va a pasar a través de experimentos o experiencias, cuestionarios semi-estructurado, audio y vídeo, otros

Los riesgos y las molestias: la participación en esta investigación no ofrece complicaciones legales. (Los riesgos potenciales son del orden emocional, debido al contacto con recuerdos que son únicos para cada involucrado en la investigación. De los procedimientos utilizados no proporcionan riesgos de su dignidad.

Confidencialidad: Toda la información recogida en este estudio son estrictamente confidenciales. Sólo el investigador) y (a) Supervisor (a) va a saber a quién pertenecen los datos.

Beneficios: Al participar en este estudio la Sra. (Sr.) no tendrá ningún beneficio directo. Sin embargo, esperamos que este estudio aporta información importante sobre el movimiento de "El cacerolazo", y que cada participante puede extraer de estos contextos, los reflejos de las escuchas y acciones de permisos que movilizan la participación social y política y creativa de hoy, a través de estos recuerdos y sus relaciones con la vida, de modo que el conocimiento se construye a partir de esta investigación traerá recuerdos reflexões nuevos y nuevas producciones que generan posibilidades de acción en cada realidad vivida, donde se ha comprometido a un investigador para anunciar los resultados.

Forma de pago: la Sra. (Sr.) no tendrá ningún tipo de gasto para participar en esta encuesta, y nada se le pagará por su participación.

Después de estas aclaraciones, se requiere su consentimiento libremente para participar en esta investigación. A favor completar los siguientes elementos abajo

Nota: No firme este plazo, si usted todavía tiene dudas.

Consentimiento libre previo e informado

A la vista de los artículos mencionados anteriormente.

Yo, _____ Documento: _____
 ha informado (a) los objetivos de la investigación por encima de una de mis claras y detalladas y aclarar dudas. Yo sé que en cualquier momento puedo pedir más información y para motivar a mi decisión si lo desea. El (a) investigado (a) **Paulo Ricardo me Betencourt** certificaram que todos los datos de la investigación será de carácter confidencial.

En caso de duda, ser capaz de ponerse en contacto con el Investigador Principal: **Paulo Ricardo Betencourt** en (55-11) 9-8344-4280 o email: paulrb@ig.com.br (Sao Paulo, Brasil) o el Comité de Ética de la Investigación en la Universidad de São Paulo, ubicada en la Calle Arlindo Bettio, 1000, Sao Paulo Ermelino Matarazzo (0xx) 11 3091 hasta 1024 – São Paulo – Brasil - email: cep-each@usp.br

Declaro que estoy de acuerdo en participar en este estudio. He recibido una copia de este consentimiento informado y la información y me dieron la oportunidad de leer y aclarar mis dudas.

nombre	Firma del Participante	fecha
--------	------------------------	-------

nombre	Firma del Investigador	fecha
--------	------------------------	-------

Nombre	Firma del Supervisor	fecha
--------	----------------------	-------